

ESCRITA

Ano I N.º 5 1976 Cr\$ 10

Revista Mensal de Literatura

**VALDEMAR
LUNES,
O IMORTAL**

**UM FILHO POR
25 CRUZEIROS**

**EM GIRASSOL,
ELES PAGAVAM
TUDO COM
ESTRELAS**

**UM ADEUS
PORTUGUÊS**



A POESIA DE

**CARLOS NEJAR,
O'NEILL E DOS
NOVOS JÚLIO
CÉZAR FIGUEIRA,
DOMINGOS
PELLEGRINI JR.,
MORACY RIBEIRO
DO VAL,
LUIZ FERNANDO
EMEDIATO,
LÚCIA AFONSO,
RICARDO
ALCÂNTARA
E FERNANDO
ANTÔNIO
DA SILVA**

CORNÉLIO PENA CONTRA A ONDA

ESCRITA

Editor
Wladyr Nader

Redação
Astolfo Araújo
Hamilton Trevisan

Editor de Arte
José Américo Mikas

Criação Fotográfica
Leila Leandro de Castro

Fotografias
Pororoca

Uma publicação da
Vertente Editora Ltda.
Rua Monte Alegre, 1434
Fone: 62-3699
05014 - São Paulo (SP)

Distribuição
Abril

Composição/Impressão
Planimpress

Registrada na D.C.D.P.
do D.P.F. sob n.º 1464-P.209/73

- 3 — Pauta: Ezra Pound, ensino da língua, criatividade inativa, gente que não se contenta, João Cabral
- 4 — Carlos Nejar entrevistado por J. Monserrat Filho; e dois poemas de **O Sopro da Execução**
- 7 — **Um Adeus Português**, poema de Alexandre O'Neill
- 8 — Osório Alves de Castro, regionalista: fragmento de **Porto Calendário**
- 10 — Cornélio Pena contra a onda: em 1935, ano do lançamento de **Fronteira**
- 12 — Pré-lançamento do mês: um capítulo de **Essa Terra**, terceiro romance do baiano Antônio Torres
- 14 — **Vinte e Cinco Cruzeiros**, conto-notícia e drama brasileiro, por José Castello Branco
- 16 — O gaúcho Caio Fernando Abreu contesta uma afirmação de Scliar publicada em **Escrita 3**
- 17 — Ednodio Quintero, venezuelano, 28 anos, é o autor de **Valdemar Lunes, o Imortal**
- 18 — Duas páginas para as crianças com o conto **A Mulher Que Contava Estrelas**, de Maria Lúcia Amaral
- 20 — Nove páginas para os novos: Moacir Moura, Souza Freitas, Héber Fonseca, Duílio Gomes, Mauro Ferreira e Ganymedes José, contistas; Júlio César Figueira, Domingos Pellegrini Jr., Moracy Ribeiro do Val, Luiz Fernando Emediato, Lúcia Afonso, Ricardo Alcântara e Fernando Antônio da Silva, poetas; na pg. 25, separando o primeiro grupo do segundo, **Registro**
- 28 — Livros: dos brasileiros Raduan Nassar, Moacyr Scliar, Odette de Barros Mott e Sulema Mendes
- 29 — Informação: noticiário dos Estados
- 31 — Cartas dos leitores, desta vez mais zangados e exigentes
- 35 — Os quadrinhos do Mikas mais fáceis, para quem não estava entendendo nada



PAUTA

ma "objetiva" de corrigir milhares de provas em pouco tempo, a proposta teórica acabou se concretizando: o ensino da língua foi reduzido a pó, formou-se em poucos anos uma nova Torre de Babel, cuja principal característica é a possibilidade generalizada do jovem sair da universidade perfeitamente incapaz de expor seu pensamento de forma articulada. O resultado começou a se fazer sentir nas empresas, nos órgãos públicos e no próprio ensino. Ninguém mais (ou quase ninguém) sabe escrever ou falar corretamente a língua nacional. Remédio heróico: reciclagem de todo mundo. É a lamentável situação a que chegaram os EUA, segundo um alentado artigo da revista "Newsweek", reproduzido por "O Estado de S. Paulo", em sua edição de 22 de dezembro. A impressão de "déjà vu" que vocês estão tendo não é mera coincidência. (HT)

"Os bons escritores são aqueles que mantêm a linguagem eficiente. Isto é, mantêm sua precisão e sua clareza. Não importa se o bom escritor quer ser útil ou se o mau escritor visa o mal.

A linguagem é o principal meio de comunicação humana. Se o sistema nervoso não transmite sensações e estímulos, o animal se atrofia.

Se a literatura de uma nação declina, a nação se atrofia e decai.

O legislador não pode legislar para o bem público, o comandante não pode comandar, o povo (se for um país democrático) não pode orientar os seus representantes, a não ser através da linguagem.

A linguagem nebulosa dos trapaceiros serve apenas a objetivos temporários.

Um conjunto limitado de informações relativas a assuntos específicos pode ser transmitido através das fórmulas matemáticas, através das artes plásticas ou através de formas puramente musicais, mas ninguém proporia que tais formas substituísem a linguagem comum nem sugeriria que isso fosse possível ou aconselhável." (Ezra Pound, "ABC of Reading")

Tudo começou com uma discussão teórica sobre a conveniência ou não do rigoroso ensino da "língua-padrão". Os "progressistas" acusaram o método tradicional (gramática, análise léxica, testes de redação, etc.) de instrumento elitista a serviço da manutenção de privilégios. Transformando em dogma um conceito estruturalista — a fala é mais importante do que a escrita — resolveram que era preciso dar inteira liberdade aos alunos, pois cada comunidade, cada classe social, cada indivíduo, tem a sua própria língua. Com a ajuda (decisiva) da televisão — veículo apassivador porque desnecessariamente brigado com o texto escrito — mais a necessidade de encontrar uma for-

Um aviso: há pelos ares uma tal de Política Nacional de Cultura, vasto plano bolado pelos tecnocratas do MEC para salvar a própria. Mas nada a temer (afinal uma boa notícia): afastada dos verdadeiros artistas, sem consultar os órgãos de representação da classe, a PNC cairá do alto como um balão vazio. Evidentemente haverá alguns espetáculos teatrais, alguns filmes históricos, algumas exposições ambulantes, que movimentarão as polpudas verbas que irão engordar os que já estão sentados à mesa. Entretanto, a gente lendo o comunicado vai compondo mentalmente o quadro dos que dirigem a cultura oficial. Assim é que se lê que a Política foi concebida sobre um pressuposto básico: a liberdade. Repito, liberdade, e aos incrédulos dou a fonte: "Estadão" (30/12/75), um jornal que não tem senso de humor. Mesmo diante da literalidade opaca do noticiário jornalístico, a gente fica espantado, pois ficamos sabendo que a Política Nacional de Cultura está há mais de um ano sendo estudada e, ainda, submetida à apreciação do Conselho Federal de Cultura. Eles não se espantam mas consideram que "a criatividade do povo brasileiro está inativa, reduzida, distorcida e ameaçada pelos mecanismos de controle desencadeados através dos meios de comunicação de massa e pela racionalização da sociedade industrial." Apenas duas observações: os tais mecanismos desencadeados, etc., da retórica burocrática podem ser traduzidos por canais de TV, que, todos sabem, são concedidos pelo governo aos particulares. Agora, quanto à sociedade industrial, gostaríamos que o MEC nos fornecesse as alternativas para que o Brasil se filie, neste fim de século XX, a um outro tipo de sociedade, que não a industrial. Ajudaria enormemente os escritores de ficção científica. (AA)

Distribuição: labirinto onde se afogam as esperanças de milhares de autores brasileiros. Na verdade só as grandes editoras — as que têm passado, tradição ou muito dinheiro — conseguem levar seus livros de norte a sul e enfiá-los até mesmo em prateleiras e stands de bazares e papeterias. Há cinco ou seis anos atrás fun-

cionava no MEC, e a todo vapor, um grupo de trabalho destinado a organizar um pool de distribuição para grandes e pequenos. Pela ausência de informações, conclui-se que o esforço não deu em nada. Quem teria posto tudo a perder?

Mas as livrarias também perdem terreno: não se contentando mais com 30 ou 40% de desconto sobre o preço de capa, a 60 ou 90 dias fora o mês, chegam a sugerir (poucas, claro) 50% a vista. Resultado: os editores, como alternativa, procuram as bancas, que oferecem desconto invariável (30%) e a possibilidade de recuperação de boa parte do dinheiro em 30 ou 60 dias. E não é só por isso que as livrarias vêm perdendo terreno: hoje em dia é muito mais fácil encontrar um jornalista que tenha perfeita noção do que está vendendo do que um balconista de livraria que saiba que Fernão Capelo Gaiivra não é nome de autor nacional.

Onde ficam os escritores nessa estória? Ficam esperando o fim dos primeiros seis meses (os distribuidores fazem acertos a partir de 150 dias do lançamento da obra, com 50, 55 ou 60% de desconto) para receber a parcela inicial dos seus direitos autorais. Se merecem ou não o que desejam receber, não vem ao caso. Centenas de escritores fazem sua reputação à base de bestsellers, e isso não acontece exatamente no Brasil. Sugestão a editores, livreiros e distribuidores: discutam a sério o problema mas com o intuito de encontrar realmente uma solução, seja na Câmara Brasileira do Livro, seja nos seus encontros anuais. Sugestão aos escritores: aproveitem o congresso de Brasília, em abril, para contar suas experiências, principalmente em edições "marginais" e vendas diretas. Quem sabe surja uma luz. (WN)

"Uma coisa que me irrita muito é verem no poeta um mago ou um sujeito meio iluminado. Por que é que chegam junto de mim e me dizem: "Poeta, como é que vai?" Por que ninguém chega junto do Antônio Cândido e diz: "Ó crítico, como é que vai?" O poeta é um escritor como outro qualquer, não é um ser humano privilegiado. A única diferença da poesia para a prosa é que o poeta vê a palavra como uma coisa em si, ao passo que o prosador está mais interessado na idéia. Ele vê a palavra de dentro para fora e o poeta vê a palavra de fora para dentro. Pelo menos eu confesso que não sinto nenhuma diferença de minha pessoa para outras que escrevem ou não. Apenas eu tenho essa habilidade, como o sapateiro e o carpinteiro têm a deles." (João Cabral de Melo Neto em "Geratriz", publicação de estudos literários orientada por alunos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo)

CARLOS NEJAR E OS CAMINHOS DA POESIA BRASILEIRA

"Em plena voga formalista/tecnicista, de exigência da palavra voltada para si mesma, para o seu contorno espacial na folha em branco, a poética de Carlos Nejar radica no espírito da palavra, isto é, no Homem."

Estas palavras de Nelly Novaes Coelho, num estudo sobre a obra do poeta gaúcho, definem muito bem a posição de Nejar no panorama da literatura brasileira, hoje.

Na melhor tradição da poesia brasileira e universal, Nejar é um novo poeta da afirmação humana, da esperança e da certeza nos valores que o homem vem conquistando em sua trajetória. Em "Casa dos Arreios", seu último livro, publicado em 1973, ele nos assegura:

"A Casa não tem fim, Jonas.
Transitarão por ela gerações
e será sempre o mundo recriado
com a linguagem do amor
indeclinável."

Nejar não tinha 35 anos quando selou esta profissão de fé, bem pouco encontrada na poesia brasileira de nossos dias:

"Onde existir o humano
irão meus ossos
e os últimos anos,
o que fui e prossigo.

Onde existir o humano
irá meu reino vivo."

Ler Nejar é descobrir um poeta positivo que não se perde no desespero nem se elimina no ceticismo. Esta entrevista feita em Lisboa, na casa e com a participação de Manoel Sarmiento Barata, confirma o humanista e o criador de "Jesualdo Monte":

"É esta a condição de não ser
[homem:
ruminar o assombro, junto ao feno,
receber o milagre sem transtorno,



foto de Hajimu Hirano

J. Monserrat Filho

O concretismo há muito tempo que está morto. Tem apenas valor histórico. Nem precisa atestado de óbito. Aliás, o concretismo levou a poesia brasileira a um formalismo tão violento que é um beco sem saída. O poeta fica apenas brincando com as palavras. É um bom jogador de bola, um bom cabeceador. Mas o poeta corre o risco de ser devorado pelas próprias palavras. Juntar palavras como um laboratório, isso nunca foi poesia.

seguindo sempre, onde manda o [dono

É esta a condição de não ser homem: lanhado o casco por chicote lesto, zurrar, apenas, mastigando o freio." ("Canga", 1971)

P — Você começou a publicar em 1960, com vinte e um anos, lançando Sélesis, pela Livraria do Globo. Quem pagou a edição?

R — Eu paguei. Tinha na época um dinheirinho de caderneta de poupança. Aproveitei esse dinheirinho e publiquei. Aliás, até meu quarto livro, foi tudo do meu bolso.

P — Quantos livros você já tem?

R — Tenho dez publicados, contando com os de Portugal. O quarto, eu paguei metade, e metade a Livraria Sulina, de Porto Alegre. A partir daí nunca mais gastei dinheiro com os meus livros.

P — Você já ganhou direitos autorais?

R — Tenho ganho, não digo muito, mas... Afinal, meu irmão, o que se pode ganhar? Viver disso não dá. É apenas uma pequena cota. Lógico que para a gente tem um valor especial. O problema é que é pouco para o escritor. Quem ganha mesmo é o editor. Eu acho que o problema do escritor, hoje, é muito

sério. Nenhuma profissão exige tanto tempo, dedicação, possessão e linguagem, como a de escritor. E nenhuma é tão mal remunerada. O escrever pode dar talvez um pecúlio post-mortem, uma esperança talvez para a família. Mas, durante o tempo de serviço do escritor, é só o ofício, o esforço, o testemunho, o risco. 10% de direitos autorais, isso é muito pouco. E há editores que nem prestação de contas fazem. Acham, às vezes, que a simples publicação já é uma verdadeira bênção.

P — Como você chegou à poesia?

R — Como a gente chega à vida, isto é, vivendo. A poesia é um resultado da gente estar vivo. É um resultado da gente poder caminhar, da gente respirar. É uma respiração dentro do mundo. Assim eu vejo a poesia: é uma consciência do mundo, uma crítica de se estar no mundo, uma crítica de cultura. Nasce a poesia como o fato de se ter que alimentar, de se ter que beber água, de se ter que existir entre os demais.

P — O meio familiar estimulou-o?

R — Sou filho de comerciante, classe média. Houve desde o início uma certa ligação cultural, porque a cultura era considerada uma coisa bonita, importante.

P — Você se lembra de seus primeiros versos?

R — Comecei fazendo acrósticos para a minha namorada. Eu via que podia jogar com as palavras, tirar efeito delas. De repente, vi que podia fazer poemas como alguns poetas que eu lia. Tinha uns doze anos quando li umas traduções de Shakespeare. A biblioteca do meu pai tinha muitos livros, ele comprava coleções. Comecei a ler traduções de Byron, poemas de Castro Alves, Álvares de Azevedo. Claro, muita coisa eu não entendia. Mas muita coisa fiquei entendendo ou vim a entender mais tarde.

P — Você era muito solitário?

R — Sim, eu tinha o meu mundo. E não tinha ninguém. A poesia foi uma descoberta minha, pessoal, em relação ao mundo.

P — Você vem de família católica praticante. Até que ponto isso influenciou em você?

R — Eu descobri a Bíblia. Era uma leitura apaixonante para mim. Sobretudo certas passagens poéticas. Essa visão profética que existe na Bíblia influenciou muito a minha poesia. Na minha poesia existe o lado visionário. E não deixo de ver a poesia também com aquele sentido do antigo vate. O poeta como vate, profeta. Mas que vê o tempo, vê a época, testemunha a época, e tenta se anteceder também, vendo.

P — E, depois da Bíblia, que outras influências você recebeu?

R — Virgílio, eu gostava muito dele. A sua ligação com a terra, com o povo romano. Homero, Dante, Camões. Depois, mais para a nossa época: Pessoa, Drummond, Cabral, Jorge de Lima, Murilo, Saint John Perse, Éluard, Aragon, Elliot, Ezra Pound, Maiakovski, Neruda. Há toda uma linha de influências que eu abracei e que foi profundamente positiva na minha formação. Eu acho que a influência é uma espécie de respiração universal, uma espécie de tabuleta de estrada. Agora, a respiração é só nossa, o caminhar pela estrada também é só nosso. Mas é a partir dos nossos ancestrais que chegamos até nós, que vamos levar adiante, até onde pudermos. Como uma grande corrida do tempo.

P — Por que você foi estudar Direito?

R — É o lado prático, de classe. Senti que como poeta não poderia viver e que, para escrever como poeta, precisaria de uma profissão.

P — Quer dizer que você percebeu isto muito cedo?

R — Eu senti, talvez por um certo aspecto na passagem da infância para a adolescência, que só o domínio sobre as coisas é que podia permitir realizações. Inclusive os próprios sonhos... Os sonhos trabalham as coisas, mas nós temos que trabalhar os sonhos. É a dialética da vida. Nós transformamos as coisas, mas também somos transformados por elas. O próprio Direito entrou na minha poesia, mas transformado. Entrou inclusive como uma essência de visão das nossas estruturas sociais, não por acaso. Acho a linguagem jurídica uma linguagem arcaica que tem um ônus antigo, medieval, e que precisava ser reformulado poeticamente. Isto eu vi como poeta, o homem que tenta reformular, segundo Mallarmé, a linguagem da tribo. Agora, eu também vi a relação social entre a linguagem jurídica e a realidade que nós vivemos. Porque nós estamos dentro dela.

P — Quer dizer, você nunca foi poeta na acepção vulgar de pessoa desligada e incapaz de aceitar a realidade?

R — Eu não me desliguei do mundo. E no que pude, poeticamente, tentei abrir janelas. Eu acho que o poeta efetivamente está ligado ao mundo, à realidade. E mais do que isto, está ligado aos movimentos da própria história do seu tempo. Onde não vejo outro caminho para a poesia senão o canto largo, épico, sobre o nosso mundo.

P — Qual a missão do poeta?

R — A poesia contemporânea, sobretudo no Brasil, está diante de um dilema. De um lado, a linguagem do puro sortilégio, a palavra pela palavra, os labirin-

tos da linguagem. De outro, o assumir uma posição em face da realidade brasileira. Ligar-se ao próprio tempo como testemunha. E cantar esse tempo. E, cantando-o, tentar mudá-lo. E, ao mesmo tempo, mudar-se nele. Pessoalmente, acho que este é o caminho. De sortilégios, de purismo, de pura literatura, nós já estamos fartos. Nós precisamos é de vida mesmo, com a palavra funcionando em intensidade máxima, com o máximo de sentido num mínimo de palavras. Os poetas estão esquecendo o mundo ao redor e principalmente que existe toda uma situação que impede o homem de ter a dignidade de ser humano.

P — Mas o que pode fazer um poeta?

R — O poeta pode, com seu instrumento de trabalho que é a palavra, ajudar a revolver a terra, no sentido de aproximar a palavra de sua fonte, que é o povo.

P — O poeta deve se preocupar com a comunicação, como os compositores da música popular?

R — Acho que a poesia devia buscar maior funcionalidade, para maior comunicação. É o velho drama da linguagem, que se encontra em grandes poetas como Elliot, Ezra Pound e vários outros, inclusive brasileiros. Há uma dificuldade de veicular isso. Fazer um poema não é apenas atravessar uma rua. Fazer um poema é fazer um poema. Primeiro ele tem que existir como poema. Depois tem que se comunicar. Primeiro é preciso fazer o poema, para que ele exista como arte. Mas também é preciso que exista como fruto do seu tempo, como mensagem. Não pode ser apenas um respirar no vazio. O poeta tem responsabilidade com a palavra.

P — Os editores e livreiros costumam considerar a poesia como péssimo produto. Você concorda?

R — Não, acho isso um grande equívoco. A poesia é algo que mal começa a ser descoberto. O grande drama é um círculo vicioso. Não se edita e quando se edita não se distribui, porque se diz que não vende. Mas não vende porque não se edita e quando se edita não se distribui. Acho que a poesia de qualidade vende sempre. O problema é de divulgação e distribuição.

P — Como você vê o experimentalismo poético?

R — Acho que não leva a nada. É moda. É moda. É como o vento, vem e vai. Lógico que tem aí um fator interessante que é a tentativa de aperfeiçoamento da linguagem. Falo da linguagem como palavra. É uma pesquisa. Mas não chega à poesia. Raras vezes atinge a poesia. O concretismo há muito tempo que está morto. Tem apenas valor histórico. Nem precisa atestado de óbito. Aliás, o concretismo levou a poesia brasileira a um formalismo tão violento que é um beco sem saída. O poeta fica apenas brincando com as palavras. É um bom jogador de bola, um bom cabeceador. Mas o poeta corre o risco de ser devorado pelas próprias palavras. Juntar palavras como num laboratório, isso nunca que foi poesia.

P — Você não acha que as novíssimas gerações estão muito atraídas por esta tendência?

R — Infelizmente estão. Mas ainda há uma geração que acredita na palavra, co-

mo canto humano. Vivemos a época da técnica pela técnica, do exagero da tecnologia, do esvaziamento de perspectivas diante das novas gerações. Daí eles não acreditarem na palavra. Querem a palavra apenas como um mero objeto. Não acreditar na palavra é não acreditar no tempo, não acreditar na história. Porque a palavra é um ato, um assumir, um compromisso com os acontecimentos. Então é a fuga que o poeta novo experimenta em face das circunstâncias. A verdade é que, como disse Ferreira Gullar, não existe crise de poesia, existe crise de poetas, ou seja, a crise é social.

P — A literatura brasileira de hoje está a altura da tragédia brasileira de hoje?

R — Não, não está. Nossa literatura é mais museu do que vida. E isto se vê no romance, na poesia, com raras exceções. Ainda existe o jogo da linguagem pela linguagem. Há uma fuga para o realismo fantástico que no fundo é um escapismo da nossa realidade.

P — Como você vê a influência da literatura estrangeira na literatura brasileira de hoje?

R — No Brasil é grande a influência da literatura estrangeira. Não digo que ela prejudique a literatura brasileira, só por ser estrangeira. Mas nós temos que adaptá-la à nossa realidade, temos que transformá-la, e não ficar nos seus rastros. A própria influência da literatura fantástica hispano-americana no Brasil, o realismo mágico de Cortázar, Borges, García Márquez, Rulfo, acho negativo enquanto for apenas influência não transformada em criação originária do nosso país, com situações da nossa sociedade. Neste sentido, acho que é influência negativa. O escritor fica apenas usando recursos de outros escritores. Isto não acontece com Antônio Torres, João Antônio...

P — Você não acha que os escritores brasileiros são muito solitários e pouco solidários?

R — Acho, mas é um erro. Não existe um ofício mais social do que o do escritor, porque ele lida com uma matéria social, que é a palavra. Não é apenas uma matéria individual, dele, do seu próprio nariz, do seu próprio umbigo, das suas próprias dores de cotovelo. É uma matéria de todos os homens, uma matéria de per si coletiva. Então, em primeiro lugar, o escritor tem que ser solidário com os demais companheiros de ofício, e, em segundo lugar, tem que ser solidário na linguagem, porque a linguagem é um ato de solidariedade, é um ato de amor.

P — Dê um recado para os novos poetas.

R — Eu diria a eles que a palavra é uma casa comum, de todos. O poeta, por ela, deve tentar exprimir o que nesta casa, que é o mundo, existe. Deve, sobretudo, ter a coragem de testemunhar e acreditar tanto na sua missão, que faça com que todos acreditem num tempo em que poucos são capazes de acreditar. A poesia tem uma missão, não é apenas um jogo verbal. E na medida em que entramos na vida nós somos poetas. A poesia nada mais faz do que realizar a vida individual e social em plenitude. Nós somos poetas na medida em que somos conscientes de estarmos vivos. E este é o ato de maior liberdade.



O SOPRO DA EXECUÇÃO: DOIS POEMAS

NO OMBRO DAS COISAS

Como recolher-te, povo,
no ombro das coisas?

Preciso juntar tua bandeira
no caminho
do sol, das oliveiras.

Preciso recolher-te
onde não minto
e sou rebelde.
Pão.
Prego, espectro.
A alma imortal
e a outra alma
que é povo.

Casaco usado e longo,
o tempo se adivinha.
Tu também te adivinhas
cada manhã, embora
em fatias. A aurora
te adivinha na pura
distração, sem nuvem.
O menino ao nascer te adivinha
no berço e chora.

Chora muito — e é o mundo
chorando, adivinhando
o outro lado. O escuro
é teu lábio: respiras.

Como recolher-te, povo,
no ombro das coisas?

Em cacos teu espelho.
Em cacos e sementes.
Já viajam sem ver-te.
E vão-se os estilhaços
de ti, vão-se de braços
com o ar, as horas todas
que jogam de gangorra
(a gangorra são eles).
E o meu velho desespero.

O povo é o remo
e a pátria, o imóvel barco.

Teus fragmentos viajam
absurdos, indomáveis
e recolher-te faz-me
nascer de novo.

Bendito seja o teu fruto,
América. Bendito seja
o ventre que tanto amei
e escuto pulsar, povo.
Teu fruto
no pomar da memória.

Quero-te inteiro. Ouso
por ti sofrer.
Vou recolher-te, fio
a fio. Medo a medo.
E quando fores completo,
virás me recolher.

DÍVIDA

A dívida aumenta.
A do país e a nossa.

Cada manhã sabemos
que se acumula a dívida.
A grama que pisamos
é dívida.
A casa é uma hipoteca
que a noite vai adiando.
E os juros na hora certa.

Ao fim do mês o emprego
é dívida que aumenta
com o sono. Os pesadelos.
E nós sempre mais pobres
vendemos por varejo ou menos,
o sol, a lua, os planetas,
até os dias vencendo.

A dívida aumenta
por cálculo ou sem ele.
O acaso engendra
sua imagem no espelho
que ao refletir é dívida.

A eternidade à venda
por dívida.
A roça da morte
em hasta pública
por dívida.

A hierarquia dos anjos
deixou o céu por dívida.
O despejo final
será o do próprio Deus
por dívida a seu Pai.

LANÇAMENTOS DA IBRASA

Economia Popular — Mito e Realidade

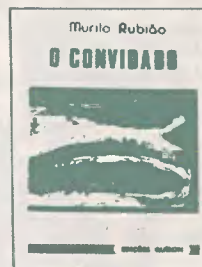
Autor: E. J. Mishan

Arte e Ciência da Criatividade

Autor: George Kneller

Coleção JOGRAL

(As mais recentes diretrizes
da ficção contemporânea)



27,50

— Prêmio Revelação da Associação
Paulista de Críticos de Arte



25,00



22,00



30,00

EDIÇÕES QUIRON

Direção Cultural: Nelly Novaes Coelho

A venda nas boas livrarias
ou por

Reembolso Postal:

Rua Carlos Steinen, 40

04004 — São Paulo (SP)

Peçam Catálogo

Próximos lançamentos

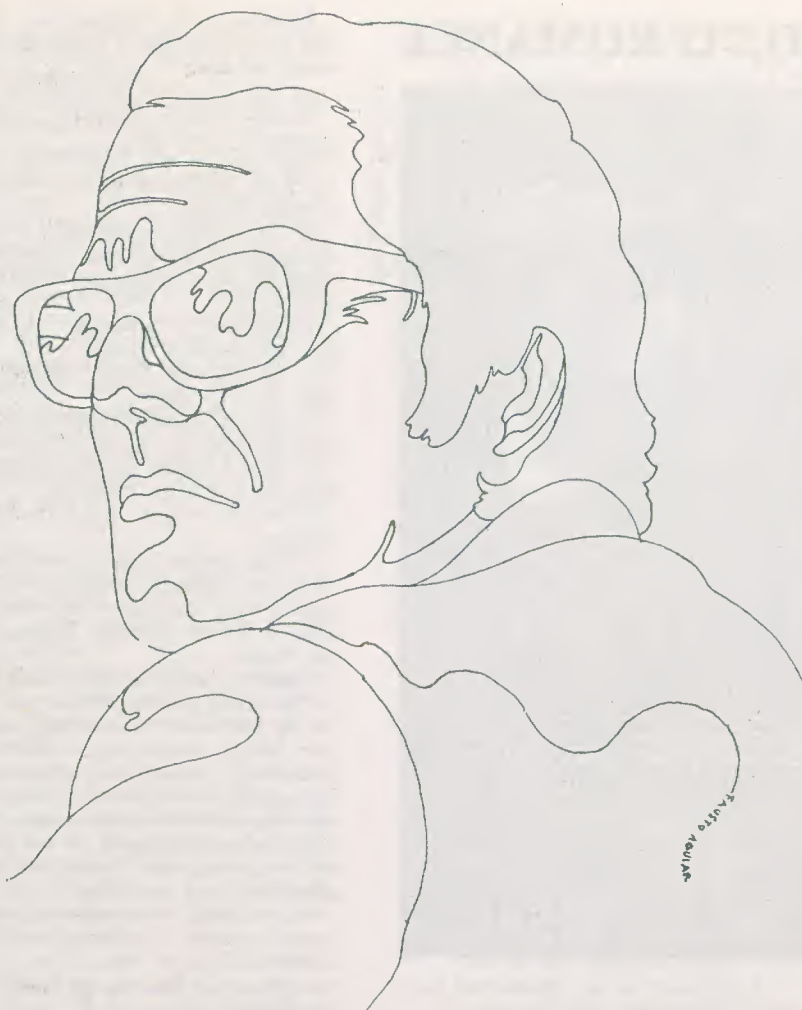
Os Ambulantes de Deus

Hermilo Borba F.º

Afonso Henrique, Nome de Rei

Hermann Reipert





Alexandre O'Neill

DO FILHO DE EL-REY SALAZAR, PARA OS FILHOS DE D. PEDRO.

O filho de Salazar:
Alexandre O'Neill, nascido em Lisboa em 1924.

Poeta.

Em entrevista a J. Monserrat Filho para o *Pasquim*, ele fala na "arte do contrabando", citando Aragon.

Sua poesia não é só um exemplo disso.

É um exemplo de como dizer as coisas mesmo quando se esteja sob o jugo de um pai tão castrador.

Conheci-o em 65, num estúdio de cinema publicitário.

Ele me pareceu uma incongruência dentro daquele Portugal limpo e bonito, mas com a paz e o cheiro de um cemitério.

Um Portugal balofo, rançoso, que rodava cabisbaixo em volta da sua desesperança e desespero.

O'Neill era vivo, ágil, elétrico — um tanto ácido para o bom gosto português de então.

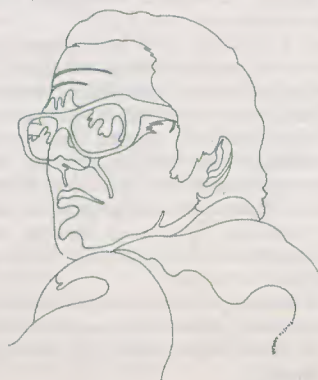
Reencontrei-o em 73 e ele continuava igual: escrevendo, traduzindo, polemizando.

Sônia, minha mulher, falou:

— Você parece que tem bicho-carpinteiro.

Alexandre O'Neill ouviu, achou engraçado e continuou falando.

Fala, O'Neill. Fala, pá. (Antônio Torres).



UM ADEUS PORTUGUÊS

Nos teus olhos altamente perigosos
vigora ainda o mais rigoroso amor
a luz de ombros puros e a sombra
duma angústia já purificada.

Não tu não podias ficar presa comigo
à roda em que apodreço
apodrecemos
a esta pata ensagüentada que vacila
quase medita
e avança mugindo pelo túnel
de uma velha dor.

Não podias ficar nesta cadeira
onde passo o dia burocrático
o dia-a-dia da miséria
que sobe aos olhos vem às mãos
aos sorrisos
ao amor mal soletrado
à estupidez ao desespero sem boca
ao medo perfilado
à alegria sonâmbula à vírgula maníaca
do modo funcionário de viver.

Não podias ficar nesta cama comigo
em trânsito mortal até ao dia sórdido
canino
policial
até ao dia que não vem da promessa
puríssima da madrugada
mas da miséria de uma noite gerada
por um dia igual.

Não podias ficar presa comigo
à pequena dor que cada um de nós
traz docemente pela mão
a esta pequena dor à portuguesa
tão mansa quase vegetal.

Não tu não mereces esta cidade não
[mereces
esta roda de náusea em que giramos
até à idiotia
esta pequena morte
e o seu minucioso e porco ritual
esta nossa razão absurda de ser.

Não tu és da cidade aventureira
da cidade onde o amor encontra as suas
[ruas
e o cemitério ardente
da sua morte
tu és da cidade onde vives por um fio
de puro acaso
onde morres ou vives não de asfixia
mas às mãos de uma aventura de um
[comércio puro
sem a moeda falsa do bem e do mal.

Nesta curva tão terna e lancinante
que vai ser que já é o teu
[desaparecimento
digo-te adeus
e como um adolescente
tropeço de ternura
por ti.

PORTO CALENDÁRIO, O ROMANCE REGIONALISTA DO ALFAIATE OSÓRIO

Osório Alves de Castro

Osório Alves de Castro nasceu na Bahia há 77 anos mas vive em São Paulo há 25. Morou muito tempo em Lins e Marília, de onde, em 1964, se transferiu para a capital. É autor de quatro livros, um só publicado, "Porto Calendário", que em 1962 lhe deu o Prêmio Jabuti e uma menção honrosa em concurso da prefeitura paulistana. Alfaiate de profissão, graças à qual formou seis filhos, apresenta em seu único livro editado um estudo social e econômico da região do São Francisco, com uma extensa galeria de tipos: os párias, a casta dos remeiros, que empurram rio acima e abaixo os barcos com mercadorias, ou os coronéis que não hesitam em matar, quando não conseguem mão-de-obra.

A pequena sala da agência postal ficava entupida. Maior número de correspondência afirmava prestígio, e o velho Salustiano de Albuquerque, solene, proclamava o nome dos destinatários, sem esquecer os excelentíssimos e as patentes da guarda nacional; tudo dado com merecimento reconhecido pelo seu dever de funcionário público. Orgulhava-se de ser um dos poucos homens ilustrados de todo o Corrente e vinha dos tempos do Império, quando, em Correntina, só ele sabia ler e assinava para os Magalhães, a rogo do escrivão, do coletor e dos delegados, por não saberem ler nem escrever.

Segurando um grande envelope branco, volumoso, deteve-se (quase que ia lendo Senhora Dona), e voltando-se a seu escrúpulo chamou:

— Inês Francisca da Trindade.

Ninguém respondeu e, com voz segura, seu Salustiano repetiu três vezes. Do fundo da sala atenderam.

— Deve ser dinheiro de São Paulo. O filho da negra Inês, a tintureira, foi há muitos anos para o sul.

O velho Salustiano, perplexo, apalpou o envelope duro e flexível estranho, nas suas mãos honradas. O silêncio precisou a assistência abatida pela surpresa.

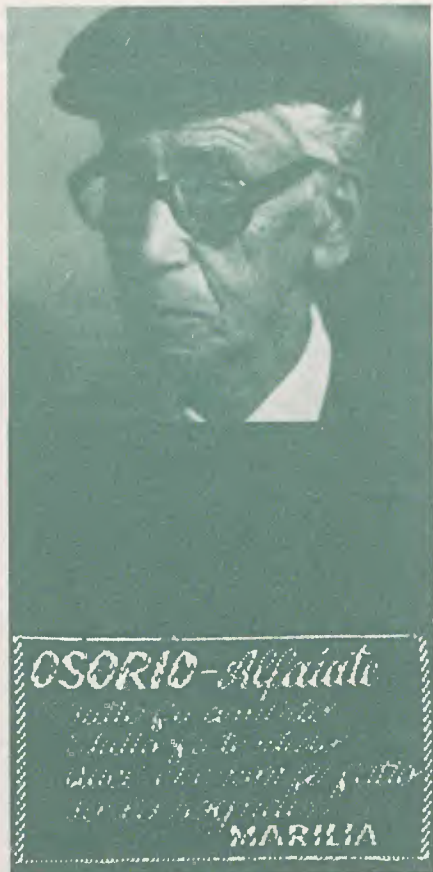


Foto de Paulo Rangel

— É dinheiro de São Paulo! — tornaram exclamar como um suspiro.

Seu Salustiano, voltando à sua dignidade, guardou o envelope e recomeçou a chamar os destinatários. Ia lendo os nomes, estrangulado pela fuga daquela oportunidade. No fundo do seu cérebro estava aquela intenção vergonhosa. Não sabia o que seria, mas um grande ressentimento tomava conta de sua alma torturada. Tentação! Depois de setenta anos, o dinheiro entrava-lhe pela vida. Ficou sozinho. Ponderou. Santa Maria da Vitória era muito pequena, distante, mas venia. Precisava ser um homem até morrer. Duas horas depois toda a cidade ficava inteirada.

— Feliz é a negra Inês, vai receber uma fortuna de São Paulo. Está no Correio num grande envelope branco carimbado, cheio de selos verdes. Deodato Serador foi até o Brejinho, onde Sá Inês tingia o luto do finado Feliciano Gomes, pedir alvíssaras.

Seu Salustiano de Albuquerque providenciou a entrega da correspondência. Iria pessoalmente logo que chegasse, à destinatária, e para isso convidou o fiscal Melquiades, o mirim Patrício Silva e o alfaiate Luiz Minhó, homem honesto e conselheiro municipal dos Alfonsos. Toda a Pitombeira enxameava de curiosos: mulheres, crianças e homens vindos dos estaleiros e descidos das roças para assistirem à "vinda".

Tomada por uma emoção mística, seca como um tronco de coqueiro queimado, Sá Inês batia uma reza nos beijos de vintém.

Salustiano de Albuquerque avançou com a carta na mão e gritou no cumprimento do dever:

— Inês Francisca da Trindade.

Imperturbável, fingindo indiferença, entregou o envelope.

Sem saber o que fazer, olhos boiando no choro, continuou imóvel. Melquiades, o fiscal, decidiu:

— Se Sá Inês confia, abro e leio. Conheço caligrafia de todo paliógrafo, os conselhos do bom homem Ricardo e prometo.

Recebendo o envelope, suspendeu-o para que todos o vissem.

— Olhem bem, sejam testemunhas de vista — e rompeu-o.

Retirou o conteúdo, examinou-o, e depois de conter-se, exclamou desarvorado:

— É um retrato só: um retrato, meus senhores e minhas senhoras.

E levantou-o para que todos se certificassem.

— Um homem preto, uma mulher branca e dois meninos também, e soletro o escrito, aqui dizendo: "Para minha mãe, sogra e vó do coração. Ribeirão Preto. São Paulo".

Colado a uma cartolina, uma fotografia mostrava um homem no seu uniforme de ferroviário. A seu lado, uma mulher branca, roupa escura com o busto rendado. À frente, dois meninos vestidos de marinheiros, feições angélicas, obtidas pela especialidade profissional. Em segundo plano, fumegante na sua imponência horizontal, uma locomotiva da Mogiana dominava o quadro.

Luiz Minhó, o conselheiro, tornou levantar o cartão e confirmou como autoridade:

— É ele, o filho da Sá Inês; vem de São Paulo.

Mãos nas bocas, pasmadas numa contemplação angustiosa, as mulheres procuraram entrever:

— Benza-te Deus, Sá Inês. Ela parece uma santa.

— Quem diria, o Izidio! Tive aqui nos meus braços. (A velha Lica benzeu-se e estirou os braços compridos, pretos como mão de pilão...) — Aqui. E hoje, importante de farda e boné.

— Olha só. Sá Apolônia estava chorando — que Deus dê remissão aos meus por lá.

Purcina, a fiandeira, cochichou: Vi!... Está lá no salão do Coronel Bê Martins. É um retrato grande, de rei e rainha, com dois meninos; tem os olhos, as feições e as roupas iguaizinhas às dos netos de Sá Inês.

— Bem, disse Sinfrônio de Almeida: Bahia pra criar. São Paulo pra render!

— Pobres de nós, as mulheres!

Passando de mão em mão, a fotografia ia despertando desejos e conclusões.

Seu Ciríaco, o dicuadeiro, cambaleou; fincou a mão larga no peito cabeludo e ficou rodando no pensamento. Confundido, cambaleou pelo terreiro e cismou, avexado:

— E aquela coisa ali atrás? Não lhe era estranha não!

Estancou no aflito para endireitar a cabeça, sossegou e fez firmeza de pensar... Decifrava na desventura aquela fumaça. Era ele no retrato e benzeu-se. Não era doidicimento na febre, de repente lhe queimando o corpo. Sim: era

o Dragão ali na figura do trem de ferro lançando seu bafo de fogo por detrás do retrato do negro Izidio.

— Nós negros, não podemos ser felizes. O Dragão não deixa.

Sabia do malefício de quando o sujo fugia da lua onde vivia preso na lança de São Jorge, e descia na terra pra fazer mal às criaturas. O Dragão não gostava de negros: comia suas carnes, chupava seu sangue e estava por todos os cantos do mundo. Onde não tinha negros, comia os brancos; mas as carnes dos pretos eram mais doces para ele. Os barqueiros botavam o Dragão nas carrancas de suas barcas, os feitores no cabo do chicote e os praças no cabo de latão dos refes. Cambaleando, seu Ciríaco foi sentar-se no areão do caminho de Correntina.

— Até ni São Paulo, onde um dia pensava levar meu corpo, ele estava arranchado.

Não atinava. Fechou os olhos, demorou na escuridão, perguntou tempo e tempo como se perdesse a luz da vista e nada... Revolveu; abriu os olhos, entrou na clareza e mudou.

— Que Deus me perdoe o pensamento. O negro Izidio virará São Jorge e matará o Dragão. Dizem: muitas coisas vão acontecer.

O rancho de Sá Inês foi tomado por uma romaria constante: mães aflitas, que anos e anos esperavam notícias dos filhos sumidos no sul, vinham vindo. Até Dona Mariquinha Alfonso com a filha foi ver. Seu marido, que era Doutor engenheiro, também sumiu e nunca mais voltou.

— Até os Alfonsos estão chegando!

Dos sítios, dos brejos, vaqueiros das ribeiras, mães de Correntina, e de Santa Ana dos Brejos vinham ver o retrato.

Maria Quer Ser sonhou que olhava para a lua quando viu sair por detrás da mesma um braço tendo uma rosa na mão. E uma voz encheu o firmamento dizendo: o filho de Sá Inês é um aviso dos céus, e está confirmando, "Nem Jesus Cristo foi profeta em sua terra".

— O retrato dá sorte a quem se fixa nele; o prodígio está na vida do negro Izidio, ficando roxo na condição.

Doquinha Peste Bubônica decifrava sermãozeando:

— Só existe romaria existindo o vexame.

Da curiosidade dos primeiros dias passaram à imploração. Sobre uma mesa, com uma toalha branca, coberta de flores com velas acesas, estava a fotografia para a veneração.

— Ela dá sorte, que Deus nos favoreça. — E vieram as rezas e as novenas.

— O milagre virá de São Paulo; vem como o Século Seculorum da ladainha de todos os santos do céu!

— Amém pra sempre, Sá Catarina Ferro.

Todo o sertão do Corrente se abalava com a notícia espalhando-se como uma ordem.

— Nem Jesus foi profeta em sua terra, — escreviam nos muros e as paredes caiadas das igrejas repetindo o dito.

— Viva Sifrônio de Almeida que foi e voltará — e os meninos entoavam: no ano que vem, Ribeirão Preto me tem.

Coronel Alfonso foi o primeiro a se definir, tinha seu próprio assentado.

— O velho está bufando. Correu a notícia.

— Tá aí. Tão depressa chegou a força estranha, dando asa, começou a acontecer. Não concordo. Santa Maria da Vitória tem a sua honra. Por cima deve estar a proteção do tal juiz arrepublikano, professorando liberdade do povo. Tenho atravessado aqui — e botou a mão por baixo da barba branca. Até aqui cheio! Vão ver onde chegará este zunzum de retrato; se tivéssemos só em nosso chão, era fácil.

Coronel Alfonso custava falar, mas começando, livra-nos! Os amigos estavam reunidos, obedientes.

— Caso sério, lhes afianço, e se providências não forem tomadas ainda temos força para dizer: estamos em nossa terra.

Major Queirós tomou a palavra.

— Com comprade Tonico Alfonso, para sempre. Acontece também, a fama do tal retrato vai deixar o Corrente no casco. Irá tudo para São Paulo e quem haveria de pensar? De um tempo para cá, até as mulheres estão se indo. Assim, Santa Maria da Vitória, sem gente para trabalhar, vai ficar como a Igreja do Sítio do Mato. Restará santo, rico e morcego. Juro, amigos, se o tal retrato cair nas minhas mãos dou fim no demo.

— Apoiado, compadre Mariano: sente na sua consciência o que será das nossas terras sem os agregados para fazer as roças que logo se tornam pasto para nosso gado!

— Até as descendências minguariam, e será como o dia do juízo.

Veio o café, depois o vinho branco. Lá dentro, as mulheres rezavam o terço no quarto dos santos e o clamor das ladainhas chegava em surdina enquanto os ânimos se agitavam contra os malefícios que o retrato do negro Izidio trazia para Santa Maria da Vitória.

Zidorim era o único que discordava.

— Por que tamanha preocupação por uma coisa tão insignificante?

— Tem coragem de levantar tua voz para defender o mal? Insignificante...?

— É a fé. São Paulo é a fé arrastando tudo. Se das nossas terras nascessem os cafeeiros, talvez tivéssemos outra guerra. Em Correntina, como em Santa Ana dos Brejos, crescem os canaviais; no entanto, vivemos cem anos nossa guerra. Sei que tem sabedoria e dos Alfonsos é o primeiro aflorado, mas te rebato: sou o chefe.

— Perdão, tio, preciso explicar.

Coronel Tonico levantou a bengala consentindo: Zidorim era um moço, sangue do seu sangue e dava orgulho.

— Aquela locomotiva que está no retrato tem também um dono, da mesma maneira que as nossas vacas e bois da Lagoa Seca. O negro Izidio o que faz é pôr a máquina em movimento, como nosso vaqueiro Zé Cubu trata do nosso rebanho. Ambos têm a sua mulher e seus filhos...

— E o boné, a farda com os botões amarelos?

— Zé Cubu também tem um chapéu de couro e a guidata com ponta de aço reluzente. Acima de tudo isto está nosso direito de ser dono.

— Você fala certo, Zidorim. A propriedade e a lei. Se as respeitamos acima de tudo, é porque sobre elas pesa a vontade de Deus. Portanto justo se torna reagir o mal sem esmorecimento e concordar. Esse retrato do negro Izidio nos traz desassossego. Reverterá em prejuízo e tribulações. Juro. Temos de acabar com o malefício.

Marciliano Lino entrou radiante:

— O Doutor Alvarez está conosco, tem a mesma opinião sobre a fotografia. Disse sem rodeio: "Coronel Tonico Alfonso está com a razão". Vai mandar os soldados acabarem com as reuniões, prender a negra com o retrato. Viva!...

— Melhor, — e o contentamento simulou superioridade na casa do Coronel Alfonso, puxando pachorramente suas barbas patriarcais.

Do fundo da casa vinha o canto triste das mulheres entoando a Salve Rainha.

No salão do Coronel Bê Martins a descrição a respeito agravava-se na palavra do Doutor Santos Cunha. Ouvira do juiz Alvarez o bastante para tomar posição definitiva no caso:

— Santa Maria da Vitória tem de capacitar-se para conquistar os benefícios da civilização e destruir velhas concepções aninhadas na vida das populações desgastadas.

Coronel Bê Martins dava o seu inteiro apoio ao Doutor Alvarez. Seus amigos também — falava por todos. Impossível era cruzar os braços diante da ameaça de despovoamento. Logo que a opinião do Coronel Alfonso foi conhecida, Doutor Santos exaltou-se; Coronel Bê Martins fez servir mais vinho do Porto.

— Acabamos de iniciar a marcha triunfal dentro do novo século.

A noite, os soldados foram atacar o reduto dos fanáticos. Santa Maria da Vitória estava à beira do abismo. O rancho da velha Inês estava fechado. Grupos de roceiros vindos de longe se aglomeravam desconfiados. Com a presença dos soldados fugiram e os poucos que ficaram para conhecer o que se passava foram presos. Arrombaram a porta da negra Inês. Sozinha e temerosa, entregou-se.

— Onde está o retrato?

Sacudindo a cabeça, Sá Inês negava.

— Onde está o retrato, negra feiti-ceira?

— Você vai falar, — e começaram o espancamento. Tombada e pisada, Sá Inês sacudia a cabeça e o fez até que perdeu os sentidos sob a crueldade do espancamento.

Levaram-na arrastada até a cadeia. Doutor Alvarez alarmou-se: a resistência da negra e o desaparecimento da fotografia deixava evidente uma base organizada de rebelião.

— Arranque a confissão da mulher.

Sá Inês fora novamente espancada até expirar.

O retrato fora levado para a casa dos Alfonsos e ficara escondido no quarto dos santos. Dona Mariquinha Alfonso mandara avisar Sá Inês e pediu para guardar a fotografia.

Doquinha Peste-Bubônica sem atinar-se com o sucedido confirmava, melancólico:

— ALGUMA COISA ESTRANHA COMEÇOU NA NOSSA CIDADE.



FRONTEIRA



Cornélio Pena

O fluminense Cornélio Pena (1896-1958) surgiu numa época de predomínio do romance social, de caráter regionalista. *Fronteira* (1935), obra de introspecção, revelaria ao público um autor fortemente marcado por preocupações religiosas. Sua personagem central, aliás, inspirou-se numa figura lendária de Itahira do Mato Dentro, Minas Gerais, onde o autor passou parte da infância. O intimismo de Cornélio Pena colocou-o, de certa maneira, em oposição aos regionalistas da época. Publicou ainda *Dois Romances de Nico Horta* (1939), *Repouso* (1949) e *A Menina Morta* (1954).

XXXIII

Os dias se passaram, e, quando, afinal, cheguei à janela do meu quarto, vi, através das árvores do pátio, a "consulta" de Tia Emiliana.

Era esse o contato, direto e vivo, de toda aquela casa enorme e fechada como um cofre, com a pequena cidade, que se aborrecia espalhada em torno dela.

Um homem chamou a minha atenção, pelo seu vestuário mais cuidado, quase citadino, apenas um pouco antiquado, que demonstrava ser ele uma das "pessoas de condição" do lugar ou das redondezas.

Não me foi possível resistir ao desejo que me assaltou de saber da vida do mundo, do que se passava lá fora, longe do silêncio envolvente do meu viver atual, que me enervava, e fiz-lhe sinal, tremendo um pouco, que me viesse falar.

Com espanto, vi que ele correspondia, com perfeita naturalidade, ao meu aceno, e, sem deixar que as outras pessoas que se aglomeravam diante da janelinha de tia Emiliana se apercebessem, afastou-se, abriu caminho por entre as mulheres de chale à cabeça, e veio ao meu encontro, para dizer-me com simplicidade que me conhecia de longos anos, e compreendia a minha situação.

A minha perturbação era tal, que não fiz a menor reflexão sobre essas palavras insólitas.

— Veio consultar Dona Emiliana? — perguntei-lhe cerimoniosamente, não querendo usar do tratamento de "Tia" que lhe dava, e ao qual não tinha direito algum.

— Oh, é para atender ao capricho de minha mulher — respondeu-me, com certa negligência afetada — mas eu tenho, confesso-lhe, grande curiosidade de conhecer Dona Emiliana de perto, e principalmente a sua sobrinha.

— Não conhece Maria Santa?

— Toda a cidade a conhece, mas apenas pela sua fama de santidade e pelos milagres que, dizem, já tem feito. Eu já a vi, seguramente há dez anos, e nesse tempo só se falava no seu martírio e nos crimes de sua família brutal. Disseram mesmo que ela ia casar-se, e aqui estive hospedado o seu noivo, que saiu desta casa para ser enterrado, e isso deu muito que falar. Mas, já sabe de todas essas histórias, não é verdade?

— Não, não sei... — disse, deixando transparecer minha perturbação.

— Ah, eu já o percebera, e ainda há poucos dias dizia em minha casa, a esse respeito...

Mas como? pensava eu, como pode ser que se esteja assim informado sobre meus sentimentos os mais íntimos? — e um medo surdo me fez esquecer por um momento que fora a um aceno meu que aquele homem se aproximara, e pareceu-me que sofria um interrogatório, suplicante, terrível, sobre coisas que não poderia, de forma alguma, confessar.

O meu interlocutor, sem se preocupar com o que se passava em mim, continuava a falar, como se tratasse de um assunto já muito debatido, e sem solução possível.

Olhou para Tia Emiliana, e observou tranquilamente:

— O que me admira é a paciência daquela senhora, atendendo a todos os vadios e vadias desta cidade, que são tantos, e sendo rica como ela é.

— Mas — exclamei quase com terror — Tia Emiliana não é rica, é pobre!

— Pobre? — e o homem ria-se, sem rumor, sacudido por pequenos soluços, discretamente abafados.

"Ela veio da Serra do Grão Mongol, onde os rios carregam pedras preciosas, e de lá trouxe duas canastrinhas de couro, com muitas taxas amarelas. E estão cheias de gemas de alto valor. Ainda há pouco tempo, surpreendi meu filho contando às outras crianças que Dona Emiliana mandava "arear" as mesas de sua

casa não com areia do rio, como toda a gente faz aqui, mas com ouro em pó, da Serra das Bandeirinhas. Eles não sabem ao certo se há mesmo ouro na Serra das Bandeirinhas, mas que Dona Emiliana o tem, isso é fora de dúvida.

E ria-se, com calma, e mostrava os dentes muito pequenos, separados uns dos outros por grandes intervalos. Com um deles prendia um canto dos lábios.

— Mas eu não sei de nada disso! — exclamei, sem poder esconder a minha agitação.

— Oh! é natural... Dona Emiliana não gosta, e proíbe que se fale nisso; todos fingem ignorar a sua riqueza. Mas não é sem razão que todas as Irmandades a procuram, e ela é coadjutora ou presidente de todas, quando não é a protetora de honra, mas nunca a tesoureira.

“Mas, perdoe-me, estou aqui a tagarelar; e esqueço-me de que tenho de levar remédios e recados à minha casa. Se me permite, na próxima quarta-feira chegarei de novo até aqui, para conversar mais um pouco.

Afastou-se de minha janela, curvando-se, e sem ousar estender a mão. Mas logo voltou, como se lhe tivesse ocorrido alguma coisa de importante, e acrescentou:

— Agradeço-lhe a amabilidade com que me tratou. Eu sempre gosto de conhecer pessoas vindas de nossas capitais, e aprecio discutir assuntos que esta pobre gente não alcança.

“E assim, poderemos comentar as coisas interessantíssimas que se vão passar aqui... e as pessoas que estão a chegar... E talvez mesmo volte esta noite!”

XXXIV

Nessa mesma noite, muito mais tarde, ao passear no jardim silencioso e devastado, senti uma presença misteriosa, e a escuridão parecia viver, palpitando lentamente e fazendo perceber o seu respirar surdo.

— Deve ser do rio, e de algum animal morto aqui por perto — disse Maria Santa, em resposta à pergunta que me fazia interiormente. — Mas o frio está esquisito. Passa por nós, e depois volta como se fosse alguém que quisesse...

Calou-se subitamente, porque justo nesse momento a presença invisível passou por nós, e o mesmo arrepio que me fez estremecer, sacudiu as espáduas de Maria em um choque brusco.

Murmurei, dominando os nervos:

— Vamos embora, se você está com medo...

— Mas você é que está com medo... — respondeu-me, e deu uma risada clara, mas logo imobilizou-se, rígida, à escuta, como se esperasse a resposta ao seu desafio.

Depois, afastou-se de mim, e perdeu-se na sombra, que se tornara espessa, compacta, como se tivesse caído sobre mim um bloco de massa negra.

Fiquei por muito tempo esperando, à espreita, a perscrutar ansiosamente em torno, e sentia cada vez mais longe, cada vez maior o meu abandono.

Talvez até mesmo eu me fora, também, e ali ficara somente o meu fantasma, entre os outros fantasmas que pareciam rondar furtivamente o jardim.

Senti, depois, uma mão trêmula agarrar-me o braço, e unhas em garra enteraram-se na minha carne. Um bafo quente chegou-me até a boca, adocicado e morno, e senti que todo o meu corpo se encostava a outro corpo, em um êxtase doloroso e longo, inacabado e insatisfeito...

Quando voltei a mim, procurei afastar com violência o monstro que viera das trevas, mas estava só de novo, e voltei para casa, sem procurar explicar o que me sucedera, e, já no meu quarto, lavei a boca, o rosto e as mãos, como o fazem os criminosos, para apagar os vestígios de seu crime...

XXXV

Sentada em uma cadeira de alto encosto, que com certeza pertencera a algum convento das serras. Maria muito direita, em atitude forçada de quem está em visita de cerimônia, chorava.

De cabeça erecta, calma, ela escutara o que eu lhe dissera antes e, subitamente infeliz, com a evocação amarga, toda ela se entregou a um misterioso desgosto, e o seu coração estalava.

As lágrimas corriam-lhe pela face e pelo pescoço, engolfavam-se no modesto decote, e, sem soluções, sem suspiros, sem gemidos, aquele pranto tranqüilo durou muito tempo.

Estava tão absorvida em sua dor, que decerto não me via mais ao seu lado, e não foi para mim que murmurou:

— Eu sou a última das mulheres...

A princípio tive palavras de conforto, que depois se transformaram em súplicas, e dela subia ao meu rosto um calor morno, mesclado ao lento odor de seus cabelos.

Mas, as lágrimas redobram pelo reflexo de minha dor vizinha, que já não podia conter também.

Era visível que ela chegava ao último ponto de sua miséria, e sentia-se sem os véus de seu pudor.

Da inutilidade das palavras, passei instintivamente para os gestos, necessidade irresistível das grandes paixões, e meu braço cercou-lhe a cintura... e meus lábios tocaram sua espádua, afastando os cabelos esparsos...

Em um movimento maquinal ela me enlaçou, e, sem uma palavra, sem volúpia, num pobre gesto, senti passar de novo, sobre nós, a fatalidade.

Depois, afastando-me, sem raiva e sem dignidade, ela me disse com indiferença, e parecia repetir um pensamento antigo:

— Somos duas criaturas miseráveis...

Olhou-me, depois, por momentos, que foram, para mim, horas de humilhação e de tédio, e teve, em seguida, um frouxo de riso.

E pôs-se a falar, apressadamente, com a animação fictícia de alguém que se encontra com amigos ausentes de muitos anos, e com os quais é preciso primeiro tatear o assunto que abordamos, para reconhecê-los integralmente, apesar da alegria que sentimos.

Em frases um pouco descosidas, explicou-me que se sentia infeliz e que se achava ridícula.

Mas, tinha projetos e havia de ver como seria divertido, pois era uma tolice o pensar-se, como eu o pensava escondido, mas já me denunciara muitas vezes,

em conversa, sem me aperceber de que deixava transparecer claramente esse meu pensamento oculto, que só nas grandes cidades a vida era possível.

Não, isso não era verdade, tanto que vivia ainda, ainda não morrera de aborrecimento ou da sua incurável falta do que fazer... E depois, queria aprender muitas coisas! A começar pelo inglês, assim me ensinaria também, porque Miss Ann, da Golden Mining, sabia muito mais do que eu e era sua amiga. Depois, leríamos os poetas dessa língua, cujos versos lhe pareciam misteriosamente lindos, através das palavras incomprensíveis que via em alguns de meus livros.

Em raras ocasiões, nós ríamos, às ocultas de Tia Emiliana, eu a ler, e ela ouvindo, uma velha edição do Paraíso Perdido, com a capa de couro toda comida, em caprichosos desenhos, pelos cupins que devoraram lentamente toda a cidade do Rio de Janeiro.

Cada página que virávamos, deixava escapar uma poeira negra e sutil, que se espalhava em nossos joelhos e se apegava às nossas mãos. Quando, com os dedos entre as suas folhas, coladas umas às outras, ao tentar separá-las, eu a olhava, Maria Santa murmurava, de olhos muito abertos e redondos de admiração, delicadamente ingênua:

— É um livro de magia... e como deve ser bonito isso que você está dizendo. Conte-me, agora, tudo o que você leu.

Diante de minha tradução hesitante, gaguejada e entrecortada de interjeições impacientes, ela fitava-me com longo olhar, com incansável atenção, em respeitoso e imóvel silêncio.

Quando, com repentina desconfiança, eu parava de súbito, e perscrutava em seus olhos, ou em sua boca, uma sombra qualquer de ironia ou de fingimento, em seu inalterável interesse, ela animava-se, e, imediatamente, sem transição, punha-se a falar, tirava o livro de minhas mãos, e folheando-o com curiosidade infantil, mirava as suas gravuras arruinadas, crivadas de milhares de pequenos furos, sempre com o mesmo indistigível, inconsciente e risonho desejo de tudo adivinhar, tudo saber.

Depois, com natural solenidade, muito séria, estendia-me os braços, carregando o pobre alfarrábio e apresentava-o como os antigos pajens entregavam as jóias reais — pousadas em almofadas — dando assim uma inesperada gravidade ao seu ato, e fazia reviver um pouco o luxo antigo da desconjuntada e rendilhada encadernação, cujos dourados brilhavam, renovados por um momento, naquele gesto que parecia um maravilhoso milagre de vida, na atmosfera de morte e desconfiança que nos envolvia.

— Mas agora, — prosseguiu a rir, de novo, em um frouxo de riso abafado — mas agora quem vai traduzir sou eu, e tenho a certeza de que não repetirei a todo instante: isto é, isto é!...

E ficou de repente séria, retomou o seu aspecto distante de sempre, e mergulhou em sua tristeza invasora.

Uma contração amarga, instantânea, perturbou a linha grave de sua boca, e juntou, agora lentamente, hesitante, com o pensamento longo:

— E você ficará aqui para sempre... e não me fará perguntas...

ESSA TERRA

fragmento



ilustração de Elifas Andrearo

Antônio Torres

Eles me agarraram pelas orelhas e pelo pescoço e bateram a minha cabeça no meio-fio da calçada. Berrei. Que meu berro enchesse a rua deserta, subisse pelas paredes dos edifícios, entrasse nos apartamentos, despertasse os homens, as mulheres e as crianças, rachasse as nuvens pesadas e negras da cidade de São Paulo e fosse infernizar o sono de Deus: — Socorro. Estão me matando.

Uma luz se acendeu ao meu terceiro grito e um homem chegou à janela. Ficou olhando. Eles continuaram batendo a minha cabeça no meio-fio. A luz entrou no meu olho, dura e penetrante, como a dor. Era um holofote, era um facho, era uma estrela. Foi nesse momento que a mão de papai apareceu, me oferecendo um chapéu. — Cubra a cabeça. Assim dói menos. Tentei esticar o braço mas, quando a minha mão já estava quase agarrando o chapéu, levei nova pancada.

— Você me denunciou, Totonhim. Olhe o resultado. Fuxiqueiro de merda.

Eles riram.

Senti um cano frio coçando o meu ouvido.

O lançamento do terceiro romance de Antônio Torres, "Essa Terra", está marcado para março. O livro tem quatro partes: "Essa Terra Me Chama", "Essa Terra Me Enxota", "Essa Terra Me Enlouquece" e "Essa Terra Me Ama". Reproduzimos aqui o capítulo 10 da primeira.

— Despacho?
— Agüenta um pouco.
— Depois, como a gente faz?
— Joga o presunto no Tietê.
Papai desapareceu sob as águas.
O chapéu boiava na correnteza.
As margens plácidas, águas turvas.

Tietetânicas.
Ventos frios, homens fortes: do Sul e do Norte.
Tape o nariz e boa sorte.
— Eu não fiz nada. Juro por Deus.

Cacos da minha cabeça voavam e se espalhavam pela calçada.
Eles continuavam batendo.
— Passa o dinheiro, vagabundo.
— Eu não sou ladrão. Podem me matar, mas eu não sou ladrão.
— Então mostra os documentos.
— Esqueci em casa, já disse.

No princípio foi apenas a ilusão. Eu ia correndo para o ponto final do ônibus, quando eles gritaram "Pega, ladrão." Não ouvi. E se tivesse ouvido nunca iria imaginar que era comigo que estavam gritan-

do. Continuei correndo e eles voltaram a gritar "Pega, ladrão." Me desviei de carros, atrolei pessoas, me bati contra os postes, sempre correndo. Eu não podia deixar que aquele ônibus partisse ali da Praça Clóvis sem que primeiro eu visse, com os meus próprios olhos, se a mulher e as duas crianças que estavam na fila eram quem eu estava pensando. "Pega, ladrão" — desta vez foi bem perto e eu pensei: Roubaram um comerciante e este ônibus está roubando a minha mulher e os meus dois filhos. Forcei as canelas, avancei mais uns metros, mas já não adiantava. O ônibus partiu.

E eu parei, botando as tripas pela boca, uma dor imensa no coração. Fui agarrado.

— Volta, volta — me debato, esperneio, imploro. — Estou me endireitando, estou ganhando dinheiro outra vez, faço negócios, compro confecções aqui e vendo no norte do Paraná — me sacolejo dentro das malhas, uma rede de malhas: os braços. — Semana passada ganhei um dinheirão em Londrina, parei de beber, agora trabalho duro, volta — um alicate na barriga, um arrepio, um estremeço. — Volta, serei outro homem para você, serei outro Nelo, me perdoa, volta — um trompaço, mexem em meus bolsos, onde está a arma? — Não agüento mais, quero ver os meus filhos, quero acordar todos os dias e ver os meus filhos — me apalpa, me belisca, os faróis me atordoam, o povo me rodeia, todo mundo quer ver, o que foi que houve, um ladrão. — Volta, volta, pelo amor de Deus.

Comecei a chorar.

— Confessa, você ia raptar os meninos.

— Confessa, você ia matar sua mulher.

Olá, Zé do piston, quanta honra. A que devo essa surpresa?

Era ele mesmo, o baiano. O primeiro emprego que arranhou na vida foi por meu intermédio. Cobrador de ônibus: Penha-São Miguel Paulista. Depois virou polícia. Depois roubou a minha mulher e os meus filhos. — Onde está o revólver que você comprou para me matar? — Zé me revista, me alisa, me ferroa. Não sei como, qual foi o milagre, mas consegui dar uma joelhada em sua barriga. Então eles me pegaram pelas orelhas e pelo pescoço e ba-

teram a minha cabeça no meio-fio da calçada.

- Confessa, você é ladrão.
 - Confessa, você é vagabundo.
 - Confessa, você é marginal.
- Eu disse não, não, não, não.
Não, não, não, não.
Não.

Marginal: uma avenida larga margeando o Tietê.

Tietê: águas escuras, fundas. Tietênicas.

Ao fundo, a cidade de São Paulo.

Eles continuaram batendo e já era tarde e não havia mais ninguém na rua e o homem que acendeu a luz e chegou à janela ficou só olhando, e eu gritei: — É mentira. É tudo mentira.

— Confessa, corno.

Papai apareceu de novo, só a mão dele, agora sem o chapéu. A mão de papai vinha voando e eu pensei: vai me estrangular. Fechei os olhos.

Não, não, não, não.

Ao longe, as sirenas tocam — lá vem o Pronto-Socorro.

As sirenas agora tocam mais perto, mais perto — é o meu socorro. Mas as ambulâncias passam, não param. Um dos homens deu ordem para não pararem.

— Confessa, corno.

Tocam um bolero. Estou dançando. Zé do piston está na frente do palco, magro, se contorcendo, com o paletó aberto e a camisa empapada em suor. Um baile em Itaquera. Sábado, à noite. As pessoas rodam. O salão roda. Minha cabeça roda. — Você é daqui? — ela sussurra, suave, luminosa, como a música. — Não, moro em São Miguel Paulista. Silêncio, espera. Círculos de nuvens brancas, piso nas nuvens, machuco um pé. Dificuldades, vergonha: — Me desculpe. Não, não tinha importância, foi ela quem errou o passo, fazia tempo que não dançava, entende? Eu também, eu também. Que nada, você dança otimamente. Agora minhas pernas bambeiam de vez, estou perdido. — Como esse cara toca, ela diz. — Ele é meu primo, eu digo. O cobrador de ônibus Zé tocava piston aos sábados, nos bailes das redondezas, depois virou polícia e esqueceu o piston, e no intervalo ele veio para a mesa, a moça já estava na mesa e eu digo tenho o prazer de lhe apresentar o maior artista do Juncó e ela ri e pergunta onde diabo fica isso, quer dizer que vocês

são baianos, não se parecem com os baianos, não têm a cara amarela e espinhenta como os outros e têm os cabelos bons, minha cabeça roda, o mundo roda, aperto o seu corpo, cheiro de mulher, corpo de mulher, aperto o seu corpo para sempre, para sempre.

Eles estão mijando na minha cara e eu estou tomando um banho no riacho lá de casa, as águas do riacho lá de casa vão para o rio Inhambupe que vai para o rio Tietê, seguro um tronco de mulungu, para não me afogar, bato com as pernas na água, devagar, sem pressa, sem medo de me afogar, o tronco escorrega e escapole, desço ao fundo, enfio a cara na lama, volto à tona, estou me afogando: — Socorro.

— Confessa, corno.

O par de chifres cresce na minha testa, vira um galho imenso, florido, flores vermelhas, lindas, radiantes à luz da manhã. Agora o galho pesa, não me agüento de pé. Caio. — Cortem logo essa porra de vez.

— Não temos pressa — eles disseram.

O mijo escorre quente e fedido, é a chuva que Deus mandou na hora certa, viram como foi bom a gente plantar no dia de São José? Ajudei papai a plantar o feijão e o milho, eu, mamãe, as meninas e os trabalhadores, e todo dia eu acordava mais cedo, para ver se a plantação nascia, era bonito ver uma plantação nascendo, e mais bonito ainda era vê-la crescer, as folhas se abrindo, orvalhadas, de manhãzinha.

— Aonde você escondeu o dinheiro, ladrão?

Não, não, não, não.

Mijo: cerveja. Sonho: alívio.

Eles se aliviam sobre mim, me refrescam. Não podem bater e mijar.

Papai, tomara que tudo melhore, eu penso nisso o tempo todo, tomara que tudo melhore.

Nossos pastos já foram verdes, eu sei. Já não temos mais pastos.

Preciso mandar um dinheiro para o senhor comprar de novo a roça e a casa que o senhor vendeu, tomara que tudo melhore.

Faço fé na loteria, toda semana. Jogo, perco, jogo, perco, nunca acerto.

Trabalho duro, tento me regenerar, até parei de roubar, digo, parei de beber.

Mijo: água. Sonho: calma.

Quantos serão? Não sei. Não os vejo. Uma dúzia, talvez. O pior de todos é esse Zé que já foi Zé do piston. Agora mijam de dois em dois. Na minha cara. Até o senhor Zé, meu primo. Baiano.

Eu plantei o pé de ficus na porta, já deve estar uma árvore bem grande.

Eu plantei cinco castanhas, nasceram cinco cajueiros, na roça de mandioca.

Um dia ainda eu mando dinheiro para o senhor comprar de novo a nossa roça.

Se dinheiro tivesse, mais eu fizesse, eu queria, creia, eu queria.

Mijo: remédio. Principalmente o de vaca.

Não consigo abrir os olhos, mas sinto que ainda estou vivo.

— Levanta, corno.

Mamãe, quando ela disse a seus pais que ia se casar comigo, eles se revoltaram:

Todo baiano é negro.

Todo baiano é pobre.

Todo baiano é veado.

Todo baiano acaba largando a mulher e os filhos para voltar para a Bahia.

Mas nós nos casamos assim mesmo. Tivemos dois filhos (um dia ainda lhe mando um retrato de seus netos).

Depois ela fugiu com Zé do piston e levou os meus filhos.

Zé está me matando. Eles estão me matando. Deve ser uma dúzia de homens, fardados e armados. Aqui, no meio da rua. Na grande capital.

Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.

Aqui vivi e morri um pouco todos os dias.

No meio da fumaça, no meio do dinheiro.

Não sei se fico ou se volto.

Não sei se estou em São Paulo ou no Juncó.

— Levanta, corno.

Eles me mandam dançar um xaxado. Não posso, não agüento, não suporto. Voltaram a me bater.

O homem na janela deve ter saído da janela. Apagou a luz, desapareceu, foi dormir.

São Paulo é uma cidade deserta.

Outra pancada e esqueci de tudo.

VINTE E CINCO CRUZEIROS

José Castello Branco

O cheiro daquelas frutas esmigalhadas na calçada do Bar Esplendor, as mesas engorduradas e o pão dormido dentado com dificuldade sobretudo por alguém como você que quase não tem dentes em bom estado, agora sentada diante daquele homem na caixa com a barriga enorme inchando a camiseta do Vasco da Gama e os palavrões soando tristes (o homem nem sabe quem está xingando) e sendo ditos sempre no mesmo tom feito uma ladainha, a Rádio Difusora transmitindo uma pregação em praça pública, a todo volume, o homem xingando a todo volume enquanto você quer pedir mais uma média e não tem dinheiro, mesmo porque as crianças teriam que comer antes e qualquer comida agora seria delas e sobre isso você não discute, nem com a velha sem dentes que está te agredindo na porta do sanitário das senhoras como se fosse tua mãe, "mulher à-toa, vai trabalhar e cuidar dessas crianças", mas que mais você está tentando fazer?, um menino agarrado na tua saia como testemunha, dependurado fazendo o rabo da tua saia de balanço enquanto se esconde da velha que continua a resmungar sobre a falta de humanidade no mundo, "mãe cruel", "mundo perdido" e é verdade — você está realmente se sentindo perdida nessa cidade, agora no pátio da rodoviária, a claridade te deixa perdida, o sol de Duque de Caxias te dissolve, a rodoviária parece uma fotografia super-exposta e nela Maria Ferreira da Conceição, toda iluminada pelo calor, está esverdeada e empalidecida por essa luz sem cor onde alguém a vê e pensa que está próxima das horas finais e da ascensão aos céus, enquanto você lembraria que é crente, diante dos ônibus que chegam e partem te deixando paralisada na frente do velho vendedor de bilhetes de loteria, então os dois soldados da PM se aproximam e sem palavras te conduzem pelo braço e você só ouve alguém gritando "é ela, é ela", como nos estádios de futebol a torcida berra "é esse, é esse", e o inimigo está sendo apontado, é ela que vendeu o filho no meio da rua, mas isso foi ontem e hoje é domingo, eu estou de manhã nesse hall vazio onde homens circulam sem parar e se ouvem alguns gritos, eu te vi no jornal numa banca da Praça Saens Peña e embrulhando peixes na Praça XV e forrando uma lata de lixo de repartição pública da Presidente Vargas, a tua fotografia na primeira página de um jornal escandaloso, "O filho por 25 cruzeiros", ao mesmo tempo em que servia para forrar lixeiras e embrulhar mercadorias e despertar comentários como "o



mundo está mesmo perdido", "hoje em dia não existe mais humanidade", "até um filho já se vende, meu Deus onde vamos parar!", para onde estão te levando pelo braço?, se é para uma delegacia até que acertaram, porque você ia mesmo fazer uma queixa do rapto de teu filho, antes tivesse sido tudo mais calmo, antes essa viagem tivesse dado certo e teu marido estivesse empregado e não com as duas pernas engessadas num hospital público, ao mesmo tempo que você pudesse estar nesse domingo passeando com as crianças numa praça e numa banca qualquer visse a fotografia de uma mulher que vendeu o filho por vinte e cinco cruzeiros, mas essa mulher é você e disso é impossível fugir, você está dependurada numa banca de jornal com a mão na testa e os fios de cabelo redondos caindo e a blusa de flores e a legenda "cansado de passar dificuldades, até fome, o casal arriscou-se à aventura e partiu para o Rio", mas você se pergunta se isso foi mesmo uma "aventura", se não foi apenas a última coisa que te restava a fazer, nem mesmo ali na porta da delegacia de Nova Iguaçu eles te respondem essa pergunta, ninguém te responde, todos acham que você veio "porque quis" e se passou fome foi "porque quis" e essas res-

Trabalhar o fato vivo, um bom teste para o seu talento de escritor. Escolha a notícia e envie nos o resultado.

postas te sufocam de uma liberdade que você nunca teve, tanto assim que você sabe que é mentira, que você nunca escolheu e veio simplesmente porque veio vindo e chegou e quando deu por si já estava aqui na baixada esmolando em praça pública uma vez que não se encontra empregos, e agora você está aqui numa delegacia prestando depoimento em torno de repórteres que não ficam um minuto parados, estão calorentos e pingando suor naqueles termos escuros e desnecessários, rondam feito urubus, Maria, rondam à espera de qualquer palavra, qualquer deslize, vigiam feito urubus em vigília antes de funerais, à espera de qualquer migalha que será matéria jornalística de transformação em favor do lucro, o seu lucro como eficientes repórteres policiais, o lucro de seus chefes de reportagem, sobretudo o lucro dos donos dos jornais dos chefes de reportagem, então logo você estará na primeira página de algum jornal escandaloso e muitos vão passar pela banca, parar diante de tua fotografia, achar um "absurdo" ou uma "tristeza" ou muito "engraçado" ou até "que história mais louca" e, interessados através de uma quantidade infindável de sentimentos, seduzidos por teu retrato e pelo início do texto ("Na última segunda-feira, Maria Ferreira da Conceição, de 23 anos, seu marido Ricardo da Conceição e cinco filhos menores chegaram do Ceará para tentar uma vida melhor..."), honestamente tocados vão se dirigir até o jornaleiro e pedir o senhor quer me dá um jornal daqueles por favor, e eles te fisgaram, ou melhor: fisgaram de você o que necessitavam, porque você continua aí de pé diante do delegado que tem uma semelhança cômica com o Coronel Cintra das revistas de Walt Disney e te pede mais detalhes, mais detalhes ainda, porque está certo de que você fez uma coisa horrível e que ninguém vende um filho impunemente, nem mesmo uma mulher que já não tenha mais nem com o que pagar, pagar com a vida?, mas o que resta da tua vida agora que as crianças estão passando fome sozinhas na rua e teu marido está internado num hospital e o Ceará está a milhares de quilômetros de distância, você nem sabe calcular o que andou, nem eu posso mais calcular qualquer coisa sobre você daqui por diante, eu que vim no dia errado, no dia seguinte (e no jornalismo o dia seguinte é um erro), e fiquei rondando pela rodoviária e não te encontrei, nem na delegacia consegui qualquer explicação, "ela vem semana que vem aqui prestar depoimento, se você estiver por aqui fala com ela", "afinal por que você tem tanto interesse em falar ainda com ela se o meu jornal já disse tudo?", e quando um jornal já disse tudo sobre uma pessoa, Maria, é porque um repórter deve parar, é porque é inviável até uma coisa que se chama suite, ainda mais porque um repórter é um teleguiado, só anda se há uma pauta por trás — é uma espécie de marionete — e eu que nem tinha pauta, que estava ali em Nova Iguaçu apenas para encontrar um outro homem, um outro assunto, outras coisas que nada tinham a ver com você, eu nem te conhecia, só te vi dependurada na banca da Praça Mauá e confesso que achei

a história apenas "interessante", tive um sentimento bem jornalístico, fui bastante objetivo ao avaliar as possibilidades de rendimento de tua história, como uma mulher examina a qualidade de uma carne-seca, senti que tua história poderia "render" como uma carne pode ficar macia, acabei desistindo de procurar o homem que precisava entrevistar e então fui até a delegacia atrás de você que era um substituto, já o homem tinha me dito: "eu não sou herói de nada, para que dar entrevista?" e bateu com a porta na minha cara me deixando sem mais o que dizer, continuar seria simples obrigação profissional, mas havia o homem, Maria, que não queria falar, então: ou eu ultrapassava o limite de uma pessoa, ou eu ia embora, e foi o que eu fiz sem insistir, às vezes não consigo ser "repórter", além disso o que pode mais um repórter fazer num dia perdido numa cidade suja e estranha a não ser procurar substitutos?, sim, porque ao contrário o que estaria eu fazendo ali, rondando aquelas ruas, sentindo aquele calor, se não fosse para afinal usar o tempo em meu favor (em favor dos quatrocentos cruzeiros que é o que me pagam por cada reportagem) e sair, como saí, em busca de outro tema feito um autor sem enredo, e o tema foi você, como antes era um homem que se negava a vender o último apartamento de um prédio já todo vendido a uma grande imobiliária na Avenida Atlântica, troquei o enredo, foi o que fiz, troquei a capa do livro, o cartaz do filme e atenção senhoras e senhores, a partir de agora, por motivos de força maior, passamos a apresentar a mulher que vendeu o filho e não mais o homem que não vendeu o apartamento!, e para um repórter pode no fim das contas dar tudo na mesma, dar tudo em quatrocentos cruzeiros, que são sempre quatrocentos cruzeiros independentes de seu "conteúdo" — se é que se pode falar que quatrocentos cruzeiros têm algum "conteúdo" — tanto que eu estava ali na delegacia em busca de informações, embora eu não tenha nenhum chefe de reportagem que possa me pedir uma "matéria humana" como seria a tua, uma boa história interessante e inusitada que coubesse talvez na primeira página de algum jornal escandaloso (embora eu nunca tenha trabalhado em jornais escandalosos, o que afinal faz alguma diferença?), mas ele falaria de humanidade, fica melhor, além de ser uma boa maneira de fazer o repórter pensar que ele pensa que o repórter é um homem sensível e capaz para trabalhos como esse que não passam de enfeites coloridos do jornalismo "sério", mas mesmo sem o chefe eu já estava ali, viciado pela minha necessidade compulsória de substituição para que o rendimento de meu trabalho esteja sempre garantido, por vício eu estava ali e não porque eu estivesse especialmente interessado na tua história, eu estava ali por mim e não por você — vamos definitivamente admitir isso — enquanto você, eu não sabia onde você estava, não conseguia nenhuma pista, e o repórter do jornal escandaloso que redigiu na primeira página tua notícia me garantia: "é claro que ela vendeu o filho, deu o menino e ficou com vinte e cinco cruzeiros, que outro nome tem isso?", e eu não respondi nada, nem

sei mesmo se seria uma questão de nome e afinal eu não sou um redator eficiente e cuidadoso, que em ocasiões como essa vai e consulta o Novo Aurélio e depois se enche de sinônimos e definições até dar o assunto por esgotado, não sem antes fazer um detalhado histórico da venda de filhos no Brasil em seu departamento de pesquisa, pois um repórter muitas vezes se limita a ouvir e anotar, mas ali eu nem ao menos estava anotando, "se você estiver mesmo tão interessado é só procurar ela lá pela rodoviária porque ela foi vista por lá de manhã pedindo esmolas", e como Nova Iguaçu não tem rodoviária só podia ser em Duque de Caxias, daí eu ter apanhado um ônibus e vindo até aqui, ainda mais porque eu começava a sentir uma necessidade diferente de te encontrar, que ultrapassava a "notícia" — eu não queria te registrar apenas, não foi um impulso de descoberta que me empurrou, mas um impulso de constatação, porque eu já sabia como ia te encontrar e já sabia até o que você ia me dizer (ou estava sendo tão onipotente?) — então eu levei em conta, pela primeira vez na minha "carreira" profissional (talvez pela primeira vez pulando fora dela sem estar retrocedendo, pulando adiante), que era possível que você também tivesse perguntas para me fazer, porque eu também teria coisas a te responder, não sei bem o que, mas eu sabia que era possível ir além do que normalmente seria a realidade, pois o vício de um repórter é ter controle sobre tudo e saber que apenas dele (ao menos enquanto escreve) dependem as versões, que ele pode usar pontos de vista e que ele sempre usa mesmo que não queira, aí eu achei que talvez com você eu pudesse antes de te perguntar, antes de enumerar perguntas esperando respostas (um repórter é feito para fazer boas perguntas que resultem em respostas significativas), antes disso eu poderia te perguntar o que te perguntar, o que é óbvio para mim agora, uma vez que você sabe muito melhor do que eu de você mesma, embora não expresse esse conhecimento, embora até nem o conheça, e só isso me livraria de minha posição de interrogador, de controlador das palavras como um domador de feras, perderia minha capacidade de abrandar o que não se abrande e de exagerar o que é pequeno, largaria enfim meus poderes de manipulação — como eu queria isso — e ficaria ali do teu lado e faria uma reportagem com você e não sobre você, mas "o que você está aí sonhando acordado?" me perguntou um velho fotógrafo suado e cheio de olheiras, e eu estava mesmo, afinal eu continuava ali na delegacia sem saber de você, capaz apenas de recolher informações nos livros de capa preta que ficam sobre a mesa do delegado que estava com os pés sobre a mesa, sob um ventilador, eu não estava mais diante de você nem em pensamento (um homem peca por pensamento, palavras e obras), nem você estava ali fazendo as tuas perguntas — talvez o ideal fosse que os jornais publicassem as perguntas dos entrevistados e não suas respostas — nem havia entrevista, havia apenas aquele hall vazio onde repórteres sonolentos repetiam expressões obscenas que soavam como latidos, "está havendo um terrível engano,

minha senhora, eu vim aqui para lhe entrevistar e não para responder suas perguntas", e eu vi aquele repórter mais novo, de terno claro e amassado, totalmente confuso, foi como ouvir sua resposta diante de você, que nem era você porque, naquela manhã monótona, eu resolvi não controlar minha cabeça, mesmo andando pela rodoviária acreditando encontrá-la a qualquer momento, mesmo sabendo que dificilmente eu a reconheceria, passando por uma velha gorda que talvez fosse aquela do Bar Esplendor, percorrendo as rampas e as janelas dos ônibus que estavam preparados para partir, examinando os cantos e os corredores, quase brincando de detetive enquanto o bigodinho do delegado não saía da minha cabeça, aqueles lábios ressecados que subiam e desciam enquanto ele murmurava palavras já ouvidas, "mas o senhor não vê que eu precisava...", "é que eu tinha que...", "eu queria muito...", frases que foram ficando cortadas na mesma altura, ele não me permitia muitas considerações, afinal que tanto interesse poderia ter um repórter por uma história tão banal que acontece a três por dois, parecia ouvi-lo dizer: "meu filho, você ainda não sabe o que é o jornalismo...", ou um mais exaltado "coloque-se no seu lugar", quando eu nem sabia se era realmente o delegado, estava simplesmente sentado à mesa que eu julgava fosse a mesa do delegado, não havia nada muito exato além das paredes daquela delegacia, entre as quais o teu nome soava como uma palavra inútil e afinal talvez fosse melhor pegar um ônibus de volta à Praça Mauá e desistir, porque de repente só ficava batendo na minha cabeça a pergunta "de que serve?", de que servia a você aquela minha abnegação se tudo não passaria de uma notícia discreta, "e ainda por cima uma suite", coisa velha, coisa desgastada e sem importância, nem importava que você tivesse só vinte e três anos, tivesse chegado há tão pouco tempo e o dinheiro fosse apenas vinte e cinco cruzeiros (o que uma mulher faz com vinte e cinco cruzeiros?), mesmo porque talvez na volta eu recuperasse a minha serenidade jornalística e acabasse me conformando, achando "honestamente" que tudo aquilo não passou de um esforço sem importância, de simples teimosia, sobretudo porque o que para os outros seria o principal (saber se você vendeu mesmo a criança, ou se ela foi raptada), para mim dava no mesmo, desembocava no mesmo ponto, chegava sempre à mesma constatação de que você sofria e eu não a tinha encontrado e mesmo que encontrasse de que te valeria, talvez uma média com pão com manteiga que eu pudesse te oferecer, talvez outros vinte e cinco cruzeiros que eu "por caridade" desse às crianças, mas e daí, Maria, o que teria você realmente a ver com a minha reportagem (o que tem você a ver com esse texto?) e o que teria o meu jornalismo de interrogação, o meu jornalismo de escândalos e notícias e fotos de primeira página e mais jornais vendidos, ou de histórias tristes e até "humanas", o que teria isso tudo a ver com toda a tua fome, de que valeria eu perguntar e você responder se quase seria como repetir a fita de um gravador?

O PROTESTO DOS GAÚCHOS DE TEIA



Caio Fernando Abreu

Em sua entrevista a Escrita 3 disse o escritor gaúcho Moacyr Scliar: "É interessante comparar 'Nove do Sul' com 'Teia'. Nossa preocupação social, em 1962, era muito mais evidente. A gente de hoje, porém, embora tão interessada como nós estávamos pelos mesmos problemas, teve que lançar mão do simbolismo, da alegoria, do fantástico. Treze anos, com seu conteúdo de censura, de castração da palavra, deram como resultado uma literatura indireta que bebe suas fantasias em linha imediata da fonte: Nova Iorque, Estados Unidos." O contista ("Inventário do Irremediável", "O Ovo Apunhalado") e romancista ("Limite Branco") Caio Fernando Abreu, de 27 anos, responde aqui por seus companheiros de "Teia."

Lendo a entrevista de Moacyr Scliar a Tânia Faillace, no n.º 3 de "Escrita", a propósito da antologia "Teia", da qual participo, encontrei, surpresa, esta declaração: "Treze anos (tempo que separa "Teia" de uma outra antologia, "Nove do Sul"), com seu conteúdo de censura, de castração da palavra, deram como resultado uma literatura indireta, que bebe suas fantasias em linha imediata da fonte: Nova Iorque, Estados Unidos".

Há aqui um equívoco bastante grave. Embora deteste polêmica e tenha por Moacyr Scliar um grande respeito, me vejo na obrigação de contestar suas palavras (ou suas entrelinhas), por não corresponderem à verdade. Desde seu lançamento, "Teia" vem sofrendo por parte de escritores mais estabelecidos, jornalistas e a dita crítica especializada, comentários irônicos e agressivos. Para alguns trata-se de uma **pseudo-auto-marginalização**; para outros, "Teia" ficou conhecida como o **livro dos magrinhos** (por **magrinhos** entenda-se jovens barbudos e cabeludos), e por aí afora.

"Teia" não nasceu de uma auto-marginalização. Antes fosse. A marginalização EXISTE e vem de fora

para dentro: o descrédito dos editores e a intolerância de palavras como essas acima são exemplo suficiente. A sensação, finalmente, é de que estamos sendo julgados pelo comprimento de nossos cabelos, não pela qualidade de nossos textos. Qual é, caras? Ainda?

Além disso, Scliar generaliza, deixando a impressão que, no mínimo, não leu "Teia". O livro se compõe de 16 contos, de 8 autores: Mariza Scopel, Lígia Sávio Teixeira, Clóvis Malta, Alberto Crusius, Jane Araújo, Valdir Zwetsch, Sérgio Caparelli e eu. Dos 16 contos, talvez apenas de 2 — o meu "Transventuras de Baby Devil, o Anjo Motoqueiro" e "A Arca do Professor Pardal", de Alberto Crusius — se poderia dizer que possuem elementos de cultura pop norte-americana. Isso nas palavras de Scliar. Na minha opinião, a cultura pop é universal. E inevitável para uma geração que se alimentou de Elvis Presley e Beatles.

Mesmo assim, dos contos de Sérgio Caparelli, um foi escrito em San José da Costa Rica; o outro passa-se num hospício brasileiro, com a personagem fixada nas seriemas do Mato Grosso; dos de Valdir Zwetsch, um passa-se em Porto Alegre, "A Cidade dos Buracos", e o outro numa aldeia de índios nas matas do Xingu; "Um Bicho Solto no Mercado", de Mariza Scopel, na Cidade Baixa e no Mercado Público de Porto Alegre; o meu "Recuerdos de Ypacaraí", num circo vagabundo numa cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul. Dos trabalhos de Jane Araújo, Clóvis Malta e Lígia Sávio Teixeira, pode-se dizer, em linhas gerais, que não se passam em nenhum lugar determinado.

Onde então a tal "literatura - indireta - que - bebe - suas - fantasias - em - linha - imediata - da - fonte - Nova - Iorque - Estados - Unidos?" Em "Baby Devil?" A ação desse conto transcorre numa casa no bairro do Menino Deus, Porto Alegre, ao som de uma música de Jorge Ben. Por que a personagem chama-se Baby Devil e sua moto Rainbow Trip? Deveria talvez chamá-los Ubirajara e Iracema? Na "Arca do Professor Pardal", por que Crusius utiliza as figuras do Pato Donald, Professor Pardal e Super-Homem? Quem da nossa geração não tem essas personagens integradas à sua mitologia?

E por que não usá-las? Existem preceitos invioláveis? Se existem, meu ofício é violar todos eles. Em "O Carnaval dos Animais", do próprio Scliar, encontro o Capitão Marvel como personagem. E nem por isso insinuará ser ele escapista ou alienado.

A diferença básica entre "Nove do Sul" e "Teia" não é, como supõe Scliar, de posicionamento político, maior ou menor engajamento. Uma das diferenças é que não nos propusemos em "Teia" a nenhum **movimento literário**, mesmo porque não acreditamos nessas coisas. Simplesmente juntamos forças para botar na rua material há muito engavetado. A outra diferença, quase um abismo, é uma **nova consciência**: menos envolvida com a total decadência e inconseqüência dos ditos meios literários, mais larga, mais preocupada com o homem contemporâneo e sua psicologia fragmentada pelo inferno da tecnologia e das grandes cidades, com a loucura, a falta de perspectivas humanas, os padrões antidiluvianos de comportamento, as repressões sexuais e todo esse grande lixo que as gerações anteriores nos deixaram como herança. E do qual, pagando do nosso bolso edições como "Teia" e "Há Margem", estamos tentando desesperadamente sair. Ou, pelo menos, assumi-la sem falsos nacionalismos, purismos ou pudores. Apesar do descrédito alheio, da má vontade e das atitudes paternalistas.

Seção Livre é um espaço aberto
à polêmica. Nada tem a ver
com as habituais matérias
pagas da imprensa.

ASSINE ESCRITA

Por Cr\$ 100,00 um ano
de literatura em sua casa.
Envie cheque visado
ou vale postal à
Vertente Editora Ltda.,
rua Monte Alegre, 1434,
05014 - São Paulo (SP).

VALDEMAR LUNES, O IMORTAL

Ednodio Quintero
tradução de Luiz Fernando Emediato

O autor de "Valdemar Lunes, o Imortal", nasceu em Boconó, Venezuela, há pouco mais de 28 anos. Seu primeiro livro, "La Muerte Viaja a Caballo", venceu em 1974 o concurso de contos curtos promovidos pela revista "El Cuento", fundada por Juan Rulfo e dirigida atualmente, no México, por Edmundo Valadés. O conto que reproduzimos pertence à coletânea "Volverá con Mis Perros", lançada o ano passado na Venezuela por Monte Avila Editores.

Valdemar Lunes, físico e historiador, conseguiu realizar seu sonho mais antigo: a construção de uma máquina do tempo. Fascinado pelos segredos que lhe descobriria o passado, decidiu viajar em retrocesso. Assistiria a sangrentas batalhas e seria testemunha de fatos transcendentais que o tempo, a chuva e os historiadores haviam-se encarregado de deformar. Ao regressar seu testemunho seria irrefutável.

Num sábado de outubro levantou-se muito cedo, banhou-se em água morna e, com muito cuidado, escovou os dentes. Vestiu um usado traje de linho branco e apontou seus passos em direção ao porão. Ali, formosa e desapidada, a máquina o espera. Enquanto desce as escadas, o insistente ruído da campainha sobre a seus ouvidos como o eco sustentado de uma maldição. Nenhum visitante inoportuno, porém, modificará o rumo de seus passos. Lá fora, do outro lado da porta, um velho quase agonizante (silencioso desespero) se agarra à campainha. Ele já não escuta, não pode, não quer escutar, absorto como está na contemplação de sua obra: a máquina está ali à sua frente, a apenas dois passos dele, quieta, atroz e reluzente nave satânica pronta para a abordagem. A um passo já, contempla-a com orgulho e não sem certo temor. Um leve tremor aflora à superfície de seus lábios e penso que o destino não é mais que a casualidade dirigida a pontapés — a casualidade arriscada, cruel, doce, imprevisível. — Frequentemente doem as patadas e na repetição, na perseguição estão assinalados, palmo a palmo, os estágios do nosso caminho. Já não posso retroceder. Ao culminar a descida, vencido o último degrau



Lella

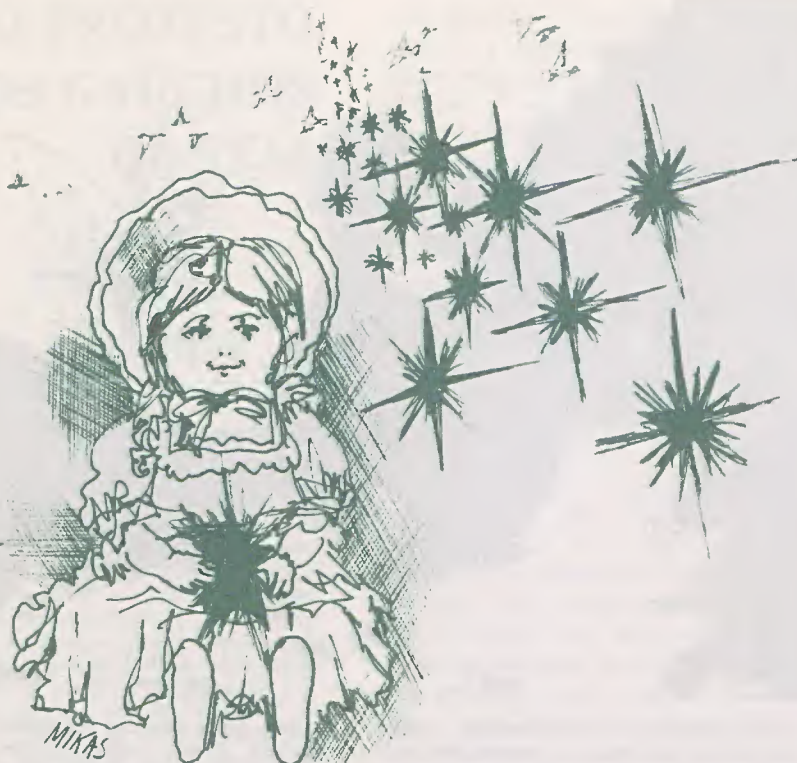
— entrincheirado obstinadamente nesta nova forma de surdez: a campainha segue soando inutilmente — compreendo que perdi a última oportunidade de escolher. Até logo.

Naquela manhã de outubro Valdemar Lunes se enterrou na luminosa noite do passado. Despertou no que parecia ser um parque, pois ouviu o canto dos pássaros, o ruído do vento entre as árvores e, ao desaparecer a neblina amarela que lhe obstruía a visão, pôde ver os caminhinhos de calçamento geométrico e, mais perto, nítidos, recortados contra o brilhante sol de meia tarde, os dois meninos montados no zangaburrinho. A última imagem que conserva e que às vezes assoma pelos buracos de sua memória é a de uma gigantesca mancha lívida constituída por algum material gelatinoso que se estira e se encolhe a intervalos constantes, imprecisos, e no centro da mancha surgem círculos amarelos que se ampliam, crescendo até arrebentar em infinidades de círculos menores que crescem, ampliam-se com rapidez assombrosa, explodindo e gerando mais e mais círculos que produzem círculos amarelos crescendo e causando asco até enlouquecer. Ao levantar-se do banco o corrói uma estranha sensação de fastio e o invade um profundo cansaço. Entende que seu projeto fracassou. A máquina se decompôs (o mecanismo funcionou de maneira caprichosa) e o abandonou, acidentalmente, numa época recente. A cidade que se derrama além dos limites do parque é uma cidade do passado, não do passado histórico que ansiava conhecer, mas de um passado relativamente próximo, na virada da esquina, um passado com cheiro a fraldas de criança e a gosto de leite fresco. (Busca um ponto de partida: estabelece associações entre a roupa de marinheiro do menino do zangaburrinho, a arquitetura de um edifício em construção e a silhueta imprecisa de um automóvel subindo com dificuldade uma rua estreita) (Conclusão: regressou

a uma época que não lhe interessava conhecer). Já não poderá assistir à descoberta do fogo, não conhecerá o segredo da construção das pirâmides; não buscará refúgio no interior do gigantesco cavalo de madeira ou nas podres entranhas da baleia, não presenciará os rudes combates dos gladiadores na arena do circo romano e nem escutará, maravilhado, o sermão do judeu de longa cabeleira. Todavia, a curiosidade o impulsiona a determinar com exatidão o alcance do salto. Caminha até a esquina onde vendem diários e, ao decifrar os sinais impressos, explodem em sua mente, descrevendo um raivoso redemoinho, os malditos círculos amarelos:

(a casualidade é cruel e amiúde doem os pontapés)

é a data exata de seu nascimento. Um relógio próximo deixa cair quatro badaladas. Subitamente acredita entender tudo (brutal ardil do acaso) e corre como um potro enlouquecido em direção à casa onde a mulher que é sua mãe se retorce de dor. Reconhece a rua e como um vento raivoso entra na casa e começa a subir degraus, mas um choro o detém. Chegou tarde e sente uma imensa compaixão por si mesmo, sente uma imensa compaixão pelo destino daquele menino que acaba de nascer. Desce as escadas e, pela primeira vez, consegue dimensionar o inusitado tamanho de seu erro: tinha sido condenado à imortalidade. O ciclo se repetirá. O menino crescerá, irá à escola e cedo sentirá inclinação pela história e pela física. Elimina a possibilidade de assassiná-lo, pois seria um ato inútil, negador de sua própria existência. Agora caminha sozinho pela rua e o vento passa ferindo-lhe o rosto. Ensaia uma desolada careta de resignação. Num sábado de outubro, velho e quase agônico, chegará até a porta da outra casa e se agarrará à campainha, num desesperado intento de burlar o destino, mas Valdemar Lunes não o escuta pois nesse momento dirige seus passos rumo ao porão.



A MULHER QUE CONTAVA ESTRELAS

Maria Lúcia Amaral

A pernambucana Maria Lúcia Amaral é autora de vários livros e peças de teatro. "João Balalão", "O Guarda-Chuva do Tio Juca", "O Caranguejo Bola", "Peregrina", "O Espanador da Lua", "O Vestido de Estrela-Flor" e "Cadeira de Piolho", estão entre eles. Em breve deve lançar "Marcianos no Rio". Entre nós é das poucas que se dedicam exclusivamente à literatura infantil. No Rio de Janeiro é free lance de jornais e revistas.

Girassol era uma cidadezinha perdida num vale onde os homens pagavam tudo com estrelas. Se compravam um sapato, o dinheiro era estrela, se compravam laranjas, o dinheiro era estrela, e, até um maço de alfinetes, o dinheiro era estrela.

Resultado: os homens viviam com as mãos brilhando.

Mas, na cidade, uma mulher chamada Catarina começou a reparar nas estrelas

dos outros. Cresceu os olhos sobre elas, curiosa. De tanto observar, viu que o juiz possuía mil estrelas e contou depressa para as amigas.

— O juiz tem mil estrelas!

— Não é possível!

— É verdade, sim. Eu vi.

As amigas correram ligeirinhas, e foram contar às outras. Todo o mundo em Girassol ficou sabendo que o juiz tinha mil estrelas.

Catarina continuou na sua busca e reparou que o delegado de polícia possuía 999 estrelas.

— O delegado tem 999 estrelas — disse Catarina às amigas, tremendo de emoção pois tinha medo que o delegado soubesse que ela contara as suas estrelas.

— Não é verdade, você se enganou!

— É, sim. São tantas que ele pode comprar até um foguete para ir à Lua. E uma nave, de quebra.

Mas para que um delegado quer um foguete? Para levar os presos à Lua? — comentaram as amigas de Catarina. Ele era um delegado bom e que dizia: "Preso não se pune, reeduca-se!" mas daí a levar os presos para um passeio à Lua, isso não!

Catarina, porém, já estava longe. De olho na casa do farmacêutico.

— O farmacêutico tem 689 estrelas! — veio ela, correndo, contar às amigas.

— Tudo isso? Não é possível! — exclamaram as mulheres.

— É, sim. Eu vi. E vi, também, quando ele dava um remédio a um homem junto com uma estrela. O homem pegou na estrela, contente, e ficou bom — sem precisar do remédio. Eu vi!

Mas as amigas de Catarina não tiveram muito tempo para pensar na bondade do farmacêutico porque, daí a pouco, a moça voltava, quase sem fôlego, e despejava:

— Venham cá depressa! Venham ver. O Padre Gumerindo só tem 20 estrelas. Uma mixurca de estrelas junto dos outros. Incrível! Como é que pode?

— Oh! não é possível! Será que ele não ganha com os batizados e casamentos que faz? — observaram as mulheres, espantadas.

— É isso mesmo! — falou uma menina de vestido vermelho que vinha observando a cena. Padre Gumerindo não cobra nada. É muito bom.

Mas Catarina nem ouviu. Já se achava longe em busca da casa do professor. E teve a maior surpresa. Não precisou meter o nariz para saber quantas estrelas possuía o professor. Elas ali estavam, à vista, penduradas numa corda, como se fossem roupas. Lavadinhas e brilhando mais.

Catarina correu para as amigas.

— O professor Jeremias tem 55 estrelas. E penduradas numa corda como se fossem roupas" ... Que idéia! — anunciou Catarina, ofegante.

— Ué! Penduradas numa corda? ...

(As mulheres riram umas com as outras pensando nas estrelas balançando ao vento como roupas coloridas.)

Mas Catarina não respondeu, mesmo porque já havia desaparecido em busca da casa de Tia Rosa.

Era uma mulher que todo o mundo conhecia na cidade. Tia Rosa não podia ver menino abandonado, chorando. Acudia logo e levava-o para a sua casa.

Catarina olhou para o jardim e viu Tia Rosa, brincando com as crianças. Chegou mais perto e tomou um susto: cada menino tinha uma estrela pregada no rosto enquanto tia Rosa brilhava com estrelas na cabeça, nas mãos, nos pés e até no vestido. O brilho era tanto que Catarina teve que fechar os olhos. Correu para as amigas.

— Não pude contar as estrelas da Tia Rosa... São tantas, tantas que, por mais que fizesse, não consegui contar. Além da tia Rosa que carregava estrelas em todo o corpo, os meninos tinham, cada um, uma estrela pregada no rosto.

— Ah! essa não! Você está sonhando, Catarina! — gritaram as amigas, excitadas.

— É verdade, eu vi. Era estrela que não acabava mais...

As mulheres correram para ver as estrelas da Tia Rosa. Era mesmo. E ela não pisava nas estrelas. Andava com elas como se estivesse flutuando...

A notícia correu pela cidade e daí a pouco a rua onde morava Tia Rosa se encheu de gente. Todos queriam ver as estrelas descobertas por Catarina.

Girassol ganhou nova vida. Ficou movimentada e alegre. Mais ainda Tia Rosa que, nesse dia, não precisou inventar brincadeiras para os seus meninos. Aque-la gente toda já os divertia. Alguns procuraram arrancar as estrelas dos rostos dos meninos mas não conseguiram. Elas lá ficavam presas, iluminando.

Mas, de tanto contar estrelas, Catarina começou a ficar meio maluquinha. Que tal se tornar uma estrela? Uma estrela bem azul que todo o mundo visse da terra, brilhando, brilhando. Principalmente, os meninos que ficam de olhos pregados no céu.

E o que tinha que acontecer aconteceu.

Um dia, quando procuraram Catarina deram com ela subindo para o céu e por mais que a puxassem pelo vestido, ela subia, subia, e daí a pouco era, apenas, um pontinho no céu. Virara estrela. Só que uma estrela diferente. De seis pontas.

Mas a nova estrela reluzia tanto que muita gente pensou ser um cometa. As velhas da cidade pegaram seus rosários e rogaram para que aquilo não caísse e acabasse com o mundo. Credo, cruz!

Só Catarina, porém, sabia como era bom ser estrela. A Terra ficava lá embaixo, pequenina, e ela podia ver todas as crianças da cidade, brincando de roda e de amarelinha. Algumas olhavam para o céu e procuravam as estrelas. Onde estavam as Três Marias? Até Catarina foi olhada com carinho por uma menina de laço vermelho na cabeça e, nesse dia, Catarina quase desmaiou de felicidade. Foi preciso uma estrela tirar água de uma nuvem e com ela borrfar o rosto de Catarina.

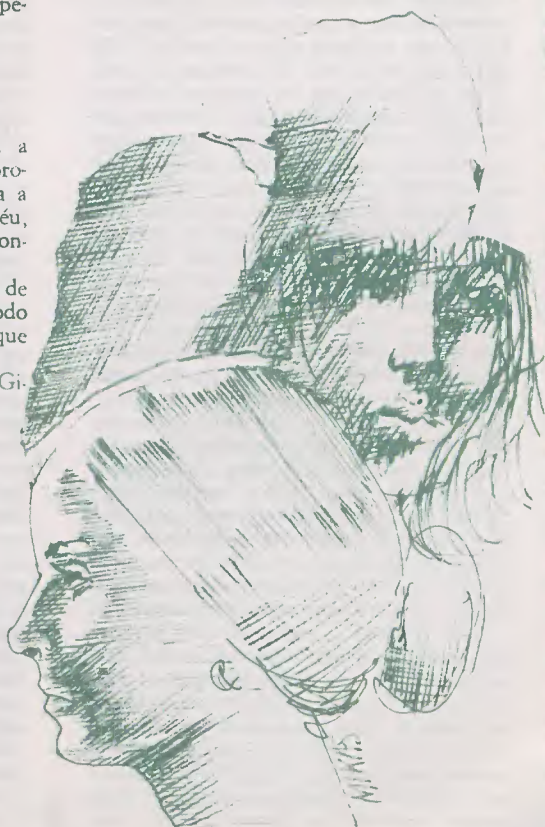
A Terra vista de longe era muito mais bonita. Catarina, agora, sabia. Era rara a noite em que aos seus ouvidos não vinha uma vozinha de menina, rolando pelas ladeiras da cidadezinha:

"As estrelas do céu correm,
Eu também quero correr,
Elas correm atrás da lua,
Eu atrás do bem-querer."

Catarina olhou para a Terra e viu a Tia Rosa, o Padre Gumercindo, o professor Jeremias, o farmacêutico, e toda a sua cidade que parecia olhar para o céu, procurando alguém. Uma mulher que contava estrelas. Ela, Catarina.

Mas a moça não sentia vontade de chorar. Estava feliz, muito feliz. Todo o seu sonho era ser estrela, mesmo que fosse uma estrela de seis pontas.

E Catarina brilhou mais. Iluminou Girassol.



abrindo os 70 anos de circulação ininterrupta,
a **REVISTA DE CULTURA VOZES** apresenta
em seu 1.º número de 1976 (jan./fev.)

artigo & poemas de

AMÍLCAR CABRAL

e mais: o jornalismo no Brasil * o poder dos super-heróis *
a fantasia em Ray Bradbury

Vozes: uma revista voltada para os problemas da
literatura, da semiologia, da teoria, da
história, da realidade cultural brasileira.

Nas principais livrarias do país,
ou na matriz: Rua Frei Luís, 100 — Petrópolis
Filiais em: São Paulo, Rio, Brasília, Porto Alegre,
Belo Horizonte e Recife (todas com telefone)

**O LADO INFANTIL DE
WILLIAM FAULKNER
PEÇA POR
REEMBOLSO POSTAL.
VERTENTE EDITORA LTDA.**



Cr\$ 25,00



TRAJETÓRIA

Moacir Moura

NOVOS

Moacir Moura reside no Rio mas não forneceu dados pessoais. Souza Freitas, jornalista, redescobre no conto o humor paulistano. O recifense Héber Fonseca está cansado de mandar suas coisas para jornais e revistas, na esperança de vê-las aprovadas. "O Nascimento dos Leões" é o livro com que o mineiro Duílio Gomes surpreendeu a crítica no ano passado. Mauro Ferreira e Ganymedes José são do interior paulista: o primeiro é arquiteto em Franca, o outro professor em Casa Branca.

Minha morte está marcada para as cinco da manhã. Os soldados que me visitaram preocuparam-se muito com as minhas necessidades terrenas, como se fosse fácil selecionar uma alegria entre aquilo que constituía a alegria do mundo. Suas botas ressoaram contra o chão da minha cela. Senti, de repente, pena deles e julguei-os frágeis. Revestiam-se de tal maneira para que não se percebesse a delicadeza humana que os construíra. Estavam ali como símbolos, responsáveis pela penitenciária, suas torres e seus nichos de metralhadoras que distribuíam "justiça". Eram responsáveis também pela minha morte e embora isto lhes parecesse direito, olhavam-me com piedade de irmãos, como se eu já fosse habitante de outro mundo. "Agora que você já está do outro lado" — li na fisionomia deles —, "e a nossa missão cumprida, podemos expor-lhe a nossa piedade. Sabemos que é difícil morrer, e apesar de conhecermos a morte somente através de nossos prisioneiros, essa certeza atravessa a roupa blindada que usamos e o couro das nossas botas, porque, como você sabe, também somos humanos". Assim os soldados vieram e se foram, após exibirem o severo espetáculo da ordem. Eram bonitos os soldados, estavam vivos e resplandeciam. E ainda que os observasse de uma distância aterradora aonde minhas vísceras acesnavam-me como um começo do fim, eu sentia inveja deles, a sua beleza flutuava no ar. Sentia terror, mas mesmo assim fiz um inventário dos soldados: os cinturões de armas pendentes, a roupa acinzentada, botas negras e poderosas. E as calças, apesar de largas, não continham a expansão do sexo. A lenta manufatura que desse modo os vestira encheu-me de amor. A extrema dificuldade da vida mostrava-se na composição da fazenda, no curtimento do couro, em cada etapa daquele uniforme humano.

Ao chegar o padre, eu contemplava um pedaço de céu de verão através da alta janela, as últimas estrelas. A urgência tornara-as perfeitas, como nunca haviam sido para mim, que as fitava buscando uma resposta. Detendo-se o religioso à minha frente, apenas distingui a roupa que vestia. Sentou-se ao meu lado querendo "salvar a minha alma". Era um homem magro, mas vigoroso, e apesar de não lembrar-me de quase nada do que disse, agora que se foi, sei que gostei de fitar seu rosto iluminado pela fé. O padre tinha todos os sintomas de vida: sua batina gasta atravessara nesta madrugada as pedras do chão da igreja depois da missa, e expusera-se ao sol nascente. Os vestígios do calor externo à prisão despontavam-lhes na transpiração do rosto. Sua testa brilhava tentando confortar-me através de surradas palavras. Confortou-me sim, mas pelo som e calor desprendidos dele. Se me fez perguntas, não as ouvi, ocupado em vê-lo em seu exercício de homem pertencente a uma legião. Olhou-me curioso quando lhe perguntei o que fizeram naquela manhã e o que havia comido; mesmo assim descreveu-me a frugalidade que o sustentava, enquanto eu ouvia fascinado. No meu horizonte surgiram as terras da minha

infância, onde as batatas eram extirpadas com violência do solo por mãos que as conheciam, a terra crua. Mas isso fora num tempo em que a vida significava para mim um triunfal cortejo de amor e bondade. Era bom ser livre, ser jovem e treinar cavalos com uma sabedoria herdada, às vezes com palavras grosseiras, outras com doçura na voz. Os cavalos acabavam se rendendo ante a força da minha insistência, eles e eu ao sol, lavados quase no mesmo suor. Nessa época a vida simples dava-me paz na terra. Ia dormir exausto mas tranqüilo, com a certeza da ordem em que se desenvolveria o próximo dia. Nos sábados os cabarés da vilazinha acesnavam para nós, convidando tentadoramente. Voltávamos cantando e eu sentia meus companheiros mais amigos, as bebidas ajudavam a desatar alegrias. Eu quase sempre voltava triste e inquieto pelo caminho.

Conheci HS na rua. Tão discreto que só muito depois soube por ele sua profissão, que declarou como um aviso: "fique longe de mim". HS era como uma coisa quebrada, um tal extremo cansaço que tive vontade de tirar o meu casaco e cobri-lo contra o frio, eu que apesar dos pesares ainda tinha reservas. Por isso surpreendia-me ante um fogo de alegria que brotava às vezes dele, como um jorro iluminando as regiões escuras por onde uma vida secreta se desenrolava. E descobri que aquela sua alegria era tão vital como comer e beber; estava apenas focada por tudo o que de trágico lhe ocorrera na vida, enquanto a vida vai lentamente desfiando o longo fio dos anos. Uma brecha na couraça daquele ódio amargo e eis o corte por onde se esvaía seu sangue mais quente, o mais puro júbilo do mundo. E a alma, que ficara esquecida das suas difíceis batalhas, prenhe agora de angústia, aflorava ao rosto, tornado ainda mais duro devido ao sofrimento trazido à tona. Eu, porém, me extasiava, esforçando-me por descobrir que caminhos desencadeavam dentro dele a vida. Quando na cama expunha-me seu lado mais selvagem, em meio às delícias do corpo, tentava ainda interpretar que correntes o haviam arrastado, decidindo-o por determinados gestos e não outros: — o que causara aquela forma de beijo?, quem o marcara para sempre? Esse constante exercício ocupava-me todos os momentos, fazendo com que eu lutasse para

manter-me ligado a minha vida profissional. Estava determinado a não permitir jamais que HS atrapalhasse minhas atividades essenciais. Na redação, falava-se mesmo de um novo cargo para mim, com um bom aumento de ordenado. De qualquer forma, eu não poderia viver sem a sociedade e a sua hipócrita e geométrica disposição.

Da antiga vida de HS e da minha evitávamos comentar: o passado era o rio transposto, embora tivesse feito de nós o que éramos. Eu tinha medo da sua vida e o que dali se refletisse; então, comeci a amar aquele rapaz com a cautela que dá a exiguidade de chances, pois também eu aprendera o significado de possíveis mas sempre efêmeras conquistas. Contudo, para o nosso espanto, foi-se construindo lentamente o amplo e atormentado templo.

Se me perguntassem se HS era-me fiel, diria que sim, nisso as circunstâncias ajudavam. Porque do mesmo modo que dividir-se constituía seu ritmo interno, permanecer intacto diante do nosso amor era o que mais ele desejava, e isso eu entendia, eu, que conhecia bem as verdes sendas da terra. Sabíamos que o mundo estava de seiva ao nosso alcance tornando mais precioso o fato de para ele não estendermos as mãos. E sobretudo conhecíamos o preço de uma interferência em nossa vida comum. Mas os sentimentos eram a tentação e franquiávamos encantados os nossos limites.

... Eu dizia quase na sua boca: tire a roupa. E ele ia se despojando de tudo que atrapalhasse o amor, aquela voracidade exigia pele nua, uma exposição total e a liberdade para assimilar o corpo dele no meu. Quando ele deitava-se sobre mim, sentia-me acolhido pela terra, abençoado por cumprir um ritual que os homens foram erguendo pelos séculos na lenta construção da carne. Pesava-me forte sobre o ventre, fabricava paixões assim quase imóvel como uma aranha tece a teia. Eu me abria e o aceitava, dissolvido pelos trabalhos dele. O abrasamento de esmagar seu sexo contra o meu arrastava-o para uma zona de águas ardentes e imperiosas, mas ele não se deixava vencer. Antes queria a profunda lentidão de outras regiões, caminhar por bosques e colinas, nutrir-se da delicada fragilidade do meu corpo como quem, num país estranho, saboreia o que somente ali é produzido. Após visitar todos os seus domínios, a sua boca alojava-se com prazer no meu sexo. Suavemente desvendava-lhe a maciez com a língua, prendia-o em sua boca como se fosse mordê-lo para depois recuar e novamente tomá-lo. Transformava-se então ele numa caixa de ressonância do que provinha de mim, atento às minhas manifestações para guiar os próprios movimentos, também ele sobre a mesma onda, cada vez mais intensa, cada vez mais profunda. Depois, como que arrependido, introduzia-se brusco em mim como quem ocupa o lugar que lhe pertence e em mim cumpria a rota do desejo até que o corpo não resistia e afinal deflagrava-se. Destroços e dor ficavam em sua trajetória — ele não se importava. Um dia mesmo disse: "certa dor é necessária para que não restem dúvidas

quanto à qualidade do meu caminho em você".

Uma vez, apesar do código que ambos levantáramos, HS falou-me rapidamente de um jovem pianista que conhecera no passado, mas sua maneira de dizer foi ameaça que não esqueci. O pianista o abandonara sim, com o piano e o cabelo sobre a testa, porém atravessara os tempos e lá estava em suas palavras, vivo demais para que eu não sofresse. Dele falou-me ainda uma vez ou outra e sempre crispava-me ante a força daquele fantasma. Só eu sei o quanto HS odiava o percurso de um homem sobre o seu corpo mas, levado pelo pianista, iniciara-se na prostituição e no uso de drogas como quem se sacrifica a um deus, cego e em holocausto. Contou-me como ele o arrastara de cidade em cidade, quando as coisas ficaram difíceis com a polícia. As humilhações, os sórdidos expedientes necessários, o vento e o frio suportados por ele, que era seu homem afinal. O encanto do pianista perfumaria para sempre sua existência, sim, eu sabia. Mesmo quando ele mais expunha o seu desalento pelas traições do pianista, ainda era amor, aquela magia que lhe fora deixada como herança; disso tirava HS alimento que sagradamente o nutrisse, não importando o resto. Pois atrás de sua máguia, ele descobria, perplexo, um dos sentimentos mais fortes entre os muitos que o ligavam inexoravelmente ao pianista — e eu reconhecia também que a dor fornece o essencial para viver-se quando tão envolvente manto a reveste. Assim, naquele pobre viciado errante, mas coberto de lantejoulas e coroado por suas palavras glorificantes, eu via o rei que eu nunca poderia ser. Guiado por HS, penetrava na frieza do pianista e atingia o centro de onde eram expelidos os cálidos raios que o aqueceriam para sempre.

... Minha emoção pelo que viria era grande; na cama eu esperava. Quando ele se libertava das roupas e deitava-se sobre mim, eu gemia, pensando: "esta é a minha recompensa", enquanto a felicidade tomava-me o corpo inteiro. Ele era tão quente e dispunha-se sobre todo o meu corpo, que, mesmo submetido àquele poderio, tentava mover-se para melhor recebê-lo, os olhos nos dele para atender às ordens silenciosas que dali se desfechavam como clarões. Subjugado, pensava que se ele quisesse poderia imolar-me, tanto sua presença em mim era necessária, ainda que por intermédio da morte. Sentia-me delicado como a mais fina erva dos campos. Sempre, nessas horas, queria chamar-lhe "meu homem, meu amor"; mas meu aniquilamento diante dele impedia-me as palavras, — e ele agigantava-se sobre mim com a sólida violência das árvores abatidas. Queria agradecer-lhe a aspereza, o rígido contorno de seus ombros e só o fazia com os olhos diluídos na força daquele domínio, expulso para o mais humilde território de mim. Quando ele me penetrava com a fúria de mil cavalos, no coice que descolava meu corpo mais do que qualquer prazer, sentia o cântico vitorioso dele, seu definitivo triunfo. Esmagado, deslumbra-me com o perfeito uso que era feito de mim, sentia o meu interior explorado tão inte-

NOVOS

gralmente que isto me dava uma sensação semelhante à certeza de quem encontrou, — finalmente! —, o abrigo há tanto buscado, o refúgio, o amigo repousante, enfim o sopro vitalizante necessário à vida.

Uma tarde, quando voltei para casa que representava toda a minha alegria de viver, notei determinada mudança. Algo leve, quase imperceptível, instalara-se, como certos ruídos no silêncio da noite. Alguma coisa nele, na casa, sim. E foram precisos novos indícios que fizessem a minha compreensão para descobrir que ser traído é antes de tudo não localizar, — humilhado, não localizar. Que ser traído é colecionar mal-estares e sair-se disso para afinal morrer. A impaciência de HS mostrava-me o caminho, uma certa maneira de esquivar-se, até mesmo seus acessos de ternura sulcavam aquela massa de desamor como pequenos rios de águas tristes. Ele sabia que tantos erros havíamos cometido pela vida que mais aquele seria fatal, isso eu vi no seu jeito de olhar, perguntando onde nos perdêramos, qual teria sido nosso último gesto. Essa imensa tristeza acobertou-nos sob a mesma mortalha, nós que imprudentes crêramos no sonho e o sonho não estando mais ali. Perguntei-lhe se o pianista havia voltado. Disse-me que sim. No meio da morte que me atingiu reconheci a profunda harmonia daquele retorno. As constelações dispunham contra mim o rigor de suas ordens secretas.

Matei-o logo depois, para que fosse o último a tocá-lo com vida. Na casa que fora só nossa.

Não sei quanto tempo ainda fiquei ali. Até que pessoas chegaram e trouxeram-me para onde estou agora, à espera do fim. O julgamento foi de uma rigidez inesperada e graças à moral vigente destinaram-me à morte. Também isto, apesar do medo, pareceu-me justo e obediente a disposições ocultas.

Enquanto aguardo, nesses minutos finais, penso se a violência não foi a solução ideal para o nosso destino, a violência com sua marca de eternidade. Lembro-me que nós queríamos tudo. E, afinal, de qualquer jeito, um dia é preciso partir.

MANTENHAM A CALMA QUE O AVIAO ESTA PEGANDO FOGO

Souza Freitas

Acordou tarde naquele dia. Exatamente com dois anos, cinco meses e vinte dias de atraso.

E assim logo confundindo aurora boreal com Aurora Miranda e amor-perfeito com motor com defeito e pamonha quentinha com maconha verdinha e movimento de fé sacro com violento pé no — exatamente.

Todavia rarefeito e completamente deserto clamou desperto:

— Existe gente na terra?

— Caluda, caluda, biltres!

E a banda atacou um hino.

E foi atacando. E foi atacando e atacando. Até que o hino atacado por todos os lados resolveu se entregar. Tendo

sido depois enforcado e morto e sepultado.

O processo, logo no terceiro dia, foi entregue ao senhor promotor, para um devido exame.

Porém dito processo alegou suspeição e recusou-se ser examinado. Não permitiu que uma chapa fosse tirada de seus pulmões; não quis tirar a roupa e nem ao menos dizer trinta e três.

Diante de tamanha rebeldia, o processo foi acoimado de rebelde; ocasião em que mostrou a língua ao senhor doutor, que recuou, empalideceu e recitou em feitiço de oração: "Agravante! Agravante!"

Quatro cartas (sendo uma de pêsames, uma de amor e duas de cobrança) tomaram rumo totalmente ignorado. Sem que delas pudessem informar os destinatários, os remetentes ou os próprios canais competentes.

O romântico, que na madrugada fria dedicava-se a uma serenata, foi detido e exposto à execração pública. Juntamente com o seu bandolim.

Chegou à loja tímida; depois de atravessar a rua em passos fúnebres, e anunciou com a sua voz de príncipe no exílio:

— Sou um herói e quero vender trinta e seis quilos de medalhas de honra ao mérito.

O leiloeiro esgoelou-se, principiando no dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três, conseguindo chegar ao fim de dois dias ao dou-lhe cinco milhões, quatrocentos e sessenta e quatro mil e quinhentos — ocasião em que foi removido para o nosocômio local, totalmente afônico.

Ao cidadão em estado de urgente necessidade ninguém soube informar onde era o mitório.

Por mais que tentasse, a platéia não conseguiu estrugir uma salva de palmas. Por mais que tentasse.

Uma diretriz imperativa exigia a imediata entrega dos 80 bandeirantes que há 300 ou 400 anos atrás haviam se embrenhado nas matas em busca de índios e metais preciosos.

O mordomo foi apontado como sendo o assassino. Mas ele se defendeu de maneira clara e lúcida: simplesmente alegando que já não era mais mordomo, que havia deixado a profissão. O inspetor fremiu de raiva pura e concentrada.

Cabeças rolaram. Risos foram contidos a poder de murros e pontapés. A malita atacou firme e a tiritação foi generalíssima.

O homem que caminhava devagar chegou longe. Mais aliás do que esperava. Por isso resolveu voltar. E bem depressa.

Apesar da comprovada não mais existência das caravelas, meia dúzia delas naufragaram ao norte da Costa do Ouro. Todo mundo estranhou o fato, sobremaneira.

E os pijamas, oh os pijamas balouçando-se nos varais numa manhã de muito vento.

Os varredores varreram não só lixo, mas restos de vergonha, integridade e carteiras vazias.

Fósforos se imolaram, em sinal de algo que jamais foi esclarecido de maneira completa.

A carpidação chegou a atingir um estado de quase histerismo.

De tal sorte foram passando os anos, calmamente e em relativa ordem. Somen-

te o ano de 1895 intentou entrar a passagem, alegando um mal súbito e a vontade de não passar. Debalde resistiu e enfileirou razões: foi passado sob as penas da lei, dando lugar enfim para o ano de 96, que se mostrava, com razão, contrariado com o desenrolar dos acontecimentos.

Alguém achou que estava tudo certo.

Alguém achou que estava tudo errado.

E houve sempre alguém que tirou a média e achou que estava tudo mais ou menos.

Quanto a ele, por pouco não sofreu um enfarte cardíaco, não fosse ter se desviado a tempo. Restou afinal o susto e a lembrança.

Logo apagadas aliás, eis que as miosótis floresciam e o mestre descendo do monte pediu:

— Tiago, a minha guitarra, acabei de ter uma idéia pra uma música.

Mas a calma — estava escrito — não retornaria mais, a não ser no corpo e alma dos que nunca tinham jogado na Bolsa, trabalhado com bancos e comprado a prestações.

Assim foi. Assim foram. Assim fomos.

FANTASIAS DE DONA ZU

Héber Fonseca

I — Na sombra do alpendre

O morto está em paz e sossego. Lê jornal na rede aproveitando a fresca da manhã. A sogra apresenta-se no alpendre, diz bom dia, como passou a noite?, arrasta a cadeira, mergulha a bunda mole na fofura e puxa conversa.

— É uma falta de respeito.

— O quê que é uma falta de respeito?

— Ora, não diga que não sabe do desceramento.

— Não, não sei.

— Mas não sabe mesmo?

— Claro que não sei, dona Zu...

— O namoro da vizinha; um sem-vergonhismo! (E cochicha como se contasse um segredo, o maior dos mexicanos, e tivesse algum ouvinte indesejável atrás da porta que dá para o salão ou junto à janela do quarto.)

— O namoro da vizinha? (Já sentado na rede, ouvidos em alerta, o jornal abandonado sobre os joelhos, o morto mostra interesse na conversa. Quem superaria a sogra na arte da bisbilhoteira?)

— O namoro da filha da vizinha. Lila, a mais nova. Aquela que pinta os cabelos, não sabe?

— Sim, Lila.

— Pois é. Ontem mesmo, por acaso, eu estava aqui em cima, de noite, quando ela foi levar o namorado até o portão. Nem lhe conto. Uma safadeza das maiores.

— Foi mesmo?

— Olhe que eu marquei de relógio uma boa meia hora de beijos e esfregões na vista de quem passasse. Lila se grudava nele como sanguessuga, um agarrado nojento.

— E a senhora viu tudo?

— Não, que a escuridão não deixou. Só via direito uma mão dele.

— Que coisa.

— E quando o rapaz saiu ela arrumou a saia antes de entrar, a assanhada.

— Isso mesmo, assanhada.

— Pois é.

NOVOS

2 — No fundo da rede

O morto está na rede, sonolento, olhar preguiçoso perdido no vazio. Mãos cruzadas no peito, como convém a um morto, o assvio talvez seja lembrança de uma serenata — modinha dolente no meio da tarde. A sogra passa, recosta-se na mureta, boceja.

— Zizi saiu.

— A senha muda a pose do morto: empurra o corpo para um lado, encolhe-se, deixa o chinelo cair.

— Dona Zu, me dê cafuné.

Ela vai rindo, faceira, afunda-se na rede, ao seu lado. As mãos catam inexistentes piolhos entre os cabelos do genro. Inútil busca. E como se tudo tivesse sido rigorosamente ensaiado, repete-se a brincadeira de todas as vezes que a filha vai às compras, sai a passeio ou leva flores ao túmulo do marido.

As mãos da sogra escorregam da cabeça ao pescoço, afagam o peito do genro, passeiam pela barriga, roçam o umbigo e estacionam pouco acima da virilha. Os dedos, ágeis, treinados, lípidos, libertam os botões, abrem a braguilha e fazem brotar um fruto carnudo que, liberto, esconde-se na palma da mão. E que, de tanto aperto, em ritmo vai-e-vem, vomita o leite pastoso que alimenta as fantasias de dona Zu.

TIJOLO DA MEMÓRIA

Duílio Gomes

Há quanto tempo eu não entrava naquele quarto. Ali guardava minhas recordações, baús, trastes, toda a memória que envelhecia como as pessoas. Eu agora estava ali, entre teias e sombras, passando os dedos antigos sobre o pó do meu passado. Aos oitenta anos eu ainda encontrava motivos para viver com lucidez e o consolo de ter sido feliz, de ter tido um bom marido e alguns filhos que hoje me ofereciam netos e conforto em São Paulo.

Abri uma janela do quarto, deixei entrar a luz da manhã. Se minha nora ou os meus netos me vissem ali, por certo se espantariam — não se deve mexer no passado, deixá-lo repousar em paz, como os mortos. Sorri a este pensamento e acrescentei-lhe: não somos todos mortos em potencial? viver não é morrer aos pouquinhos? Por isso, limpando o pó, violentando as teias, mergulhei em meu passado de fotos, vestidos, sapatos, cartas.

Estranhamente não me senti triste nem solitária, cheguei mesmo a rir silenciosamente diante de algumas fotos de minha juventude. Separei os retratos em grupos de retratos de uma só pessoa. O falecido de bigode, rosto largo e duro, olhos escuros. O amor me envolveu como uma capa, um sentimento antigo e cheio de reservas. O falecido me olhava nos olhos, como antigamente; eu estava sentada em uma cadeira e firmava a vista fraca no retrato. Gostei de sentir novamente o coração apertado, só que agora era diferente, o sangue fluindo devagar, o pulso não respondendo à emoção, mas a cabeça, essa sim, sintonizada como uma abelha jovem. Lembrei-me do primeiro baile,

do primeiro beijo, do primeiro rubor, do primeiro aperto de mão e depois, da lua-de-mel, meu susto e meu arroubo. Ele forte, carinhosamente seco como, como alguma coisa que eu não sabia bem o que era. Ele trazia-me doces e flores mas às vezes se alheava em seu jornal, olhos duros e boca reta. Afinal, viver com uma pessoa tantos anos é uma experiência a que ninguém escapa impune — o amor ou o ódio.

Depositei o retrato do falecido no colo e levantei um vestido de seda. Senti, de olhos fechados, um perfume do qual já havia me esquecido. Delicadamente ia abrindo as frinchas do meu passado, objetos, roupas, fotos. Uma pétala ressecada, livros antigos, algumas cartas. Dois maços — as recebidas por ele e as recebidas por mim. Folheei as minhas cartas, as de meus pais, de minhas primas e mais tarde de meus filhos. Nas dele não tocara, que não era meu hábito. Apenas passei os dedos sobre elas. Cartas, segredos dobrados. Mas ele não tinha segredos para mim. Senti os olhos úmidos. Um marido fiel, o que mais desejaria? Respeitar os mortos, respeitar acima de tudo o meu morto. Cartas. Amareladas pelo tempo.

Poderia me salvar guardando-as no fundo do baú, enterrando-as para sempre sob os meus vestidos, ignorando, como sempre fizera, esse direito quase sagrado que uma pessoa tem de conversar em silêncio com o seu papel, de perguntar e ser respondido. Principalmente quando quem respondia era uma mulher. Uma mulher. A palavra ficou em minha cabeça, inteira como um tijolo. A carta aberta no colo, sobre o retrato dele, como se ele mesmo me contasse. A outra renovava amor eterno, reclamava a sua presença, sentia saudades. A outra parecia rir de minhas lágrimas. Por que, perguntei ao retrato do falecido, rasgando-o em muitos pedaços, rasgando a carta em um maior número de pedaços e saindo do quarto com a dignidade bamba das esposas ultrajadas? Que manhã terrível, pensei diante da minha penteadeira, sentindo-me velha como nunca, desesperada e seca; que dolorosa experiência, falei para mim mesma, passando o batom da nora nos lábios tão ressecados que não pegavam direito a massa carmim. O que faz uma mulher traída pelo marido, traída por um marido agora habitante das sombras? Não posso te fazer sofrer, pensei, como faria se ainda fosse vivo. O que faz um marido mexer-se no túmulo? O que eu faria agora, o que eu nunca havia feito antes. Estava muito elegante com a minha sombrinha azul e aquele batom carmim. Desci a rua como antigamente, e sem nenhum remorso ou ridículo olhei com avidez para todos os homens.

2 PONTOS.

Mauro Ferreira

2 Pontos 2 (A Cidade)

Nos canyons urbanos inumanos
A imagem da paisagem selvagem
O concreto reto certo o feto
O fato o tato da cidade sem idade
Podre pobre
E a morte diária da amada do nada
No relógio de ponto morto porto de ônibus

2 pontos 2 pontos 2.

Em vão os vãos no caos no ar
A comida a corrida suicida a vida
Que passa a fumaça
Não cessa a pressa das pessoas
Do mundo profundo silêncio
2 pontos 2 pontos 2.

Plof. A caneta cai no fofo estofo corpete tapete do chão. Ele debruça-se, se contorce e dorme. Corta.

A câmera panoramiza a praça principal. A massa disforme da Matriz sobressai. A câmera desce ao chão. Close. Céu, estrelas, árvores, solidão. Madrugada fria, um lugar comum. O ruído profundo e sinistro do farfalhar das folhas. Farfalharfarfalharfarfalha. Uma falha. No som denso do silêncio da madrugada. Splet, splet. Passos. Splet, splet. O vulto negro. Cedo. Se adensa na bruma e na luz difusa vermelhoalaranjada do alvorecer. Corta.

Close. Sobrado da rua Campos Sales, de estilo indefinido na indefinição maior do amanhecer. Perto do cine Odeon. Luzes de neon. Somente luzes. O céu lá pela Santa Cruz está cada vez mais alaranjado. A câmera se desloca lentamente e penetra no interior. Luzes, vozes. Discussão, monólogo. Logo, todos se levantam de suas cadeiras, como o Sol sobre as colinas e as neblinas. Belmiro estava entre eles. E ele sabia que prova de Física é fogo. Como o Sol. Cinemática. Sai à rua. Cine Odeon, Praça do Hotel, Prefeitura, IETC. Prova. E ele pensava como fora posto à prova. Prove isto, prove aquilo, com sabor de passado, de morto, de extintos bebuns. Não sabia o porquê daquilo tudo. As noites, o café, bebuns, rerum novaruns, tudo pra discutir na Colegial e na AEC.

Ah, é você? Como vai, Helô? Tudo bom, banal. E pensou nas bananas de sobremesa. Sobre a mesa, os pratos limpos. Mas esqueceu-se depressa, pois o cheiro de café, a fumaça, o gosto total e poderoso impregnava tudo e todos no pátio. As saias azuis das meninas acinzentavam-se. Aula de Português. Sair, verbo relativo. Fugir, verbo intransitivo. Sumir, verbo intransitivo. Como Mário de Andrade. E Belmiro só pensava nisso. E resolveu fugir. Correr, saltar, pular o muro. E fugiu; sumiu pra praça. De repente, ... squeeeetch, PLAF. Foi à sua frente. Gritos, alguém no solo, sangue, alguém só. A morte. A máquina. Aquilo marcou-o. A solidão, a morte, a necessidade de viver. Só no pânico a gente sente a necessidade de viver. E começou a viver o pânico. Aquela idéia o obcecava. Por que não ser alguém se sempre somos ninguém na multidão? Era tudo. Naquela noite, a idéia veio, viva. Belmiro se transformaria de anônimo a sinônimo de discussão, prato do dia. Pratos limpos sobre a mesa. O pai com o Estadão na mão, a indiferença e uma sentença — se você ficar estudando até de madrugada vai ficar doente. E só. Monólogo pai filho. A incerteza e a certeza se deram as mãos e saíram. No caminho, a incerteza. Na praça, a certeza. A brisa, a bruma seca cegava o horizonte. Sim, ele seria alguém. Corta.

Lui. Close. Câmera suspensa sobre uma sala. Pilhas. De discos. Lui, seu melhor amigo. Às vezes, Belmiro fica imaginando como podia ter amigos. Com duas vidas.

NOVOS

Divididas. Principalmente naquela noite. Agiria pela primeira vez. Como sempre, ausente às 10 horas da noite. Estudando, dizia. Vivendo, ele sabia. Maquiou-se, colocou uma capa negra, um chapéu também negro de abas largas. Parecia um velho de 60 anos, alquebrado e manco. Um cajado na mão, tão idoso como se sentia. E saiu pra noite, pra rua. Pra sua, vida. Ilusão. Andava manquitolando, arrastando-se pela sombra das ruas desertas e escuras. Era 5.a feira. Uma noite de pouco movimento. Os poucos que ainda restavam se dirigiam para suas casas. Era hora. Belmiro perto da Matriz, do Colégio das Freiras. Viu a vítima do alvo pânico. Alvo do pânico. Calu, odontologia em Ribeirão. Pensava Belmiro com a rapidez de um relâmpago. Melhor, some mais depressa. E começou a persegui-lo. A seguir. A seguir, visão aérea, câmera, perseguição. Cortes bruscos. Esquinas abruptas, como os canyons urbanos. A fisionomia embrutecida de Belmiro. Apavorada de Calu. Quanto mais depressa ele andava, mais o velho andava. E ninguém nas ruas. Seus passos, como golpes secos, ressoavam pelos seus ouvidos, pela calçada, pela rua, pela cidade, pela América, e martelavam seu cérebro de pânico. O pânico, a vontade de viver. A necessidade de viver. Desesperou-se. E correu. O velho atrás. Já não mancava mais. E correu, correu como nunca. Quando chegou em casa, em pânico, entrou como um bólido. Ainda em pânico, tomou água com açúcar. O pânico, o terror haviam se aposado dele. Corta.

Manhã de Sol.

E, dizia à rodinha que o cercava, com a voz ainda trêmula, quase morri de susto. Mas, Calu, como era ele? perguntou uma voz. Era velho, duns 60 anos, todo de preto, com um cajado na mão. Mas agora já sei como enfrentá-lo, se eu o encontrar de novo acabo com a raça dele.

Ah, disse alguém, eu ouvi dizer que esse cara matou um lá pela avenida Brasil. É, você escapou de boa, etc, etc. Quem, se não Belmiro, pra dizer isto? As sementes do pânico estavam lançadas. Corta.

As luzes da cidade seduzem. E reduzem o homem a uma expressão estereotipada. A música stereo explodia num ranger de dentes (de freios). Num rito, num grito tribal de algum negro americano. O negror da noite. A boca saltava entre as notas. E as rotas da música lhe levavam as luzes da cidade e da solidão. A ilusão o alucinava. O arrastava para as sombras do cérebro. A fumaça no quarto se adensava. Cada vez mais. Já entardecia, sereias ao longe, alaranjadas as figuras silhuetas, as sombras móveis do povo. CRASH. Uma pilha de discos cai ao chão. O susto. O pânico de ser descoberto. UFA... Gulp... Só o susto. É hora de jantar. Corta.

Pisou na relva, na selva do jardim, que como um polvo solto sobre a pedra fria fazia deslizar seus tentáculos. Como um obstáculo o povo a circular na praça. A caça do dinheiro, o ópio do povo. Por favor, uma soda. Limonada? Não, cáustica. A concha acústica se impunha na

paisagem, palco de seus momentos pânicos. A igreja Matriz, motriz de ódios e amores dominicais. Depois da missa das dez, passos para os cartazes dos cinemas, os carros, os olhos, os olhares furtivos, as pernas, sorrisos, sons. Acelerar, frear. Ações, corpos mecânicos como molas se impulsionando para a frente. Sinal vermelho, verde, azul como seus olhos, amarelo como seus cabelos. Perigo. Uma beleza de tela. Tola. Não me viu, pensava Belmiro. Amália, amor. O amor não estava nos planos. Engano suave arranco do carro. Ela não me vê. Fords, Chevrolets, Simcas. Todos girandogirandogirando como um globo seu conhecido. Meio-dia. Hora de almoço dominical das pessoas em suas salas. Sós. As ruas sós. As tardes normais mornais. Como Caetano na vitrola, a tarde rolando. Rolling Stones. As noites suaves. Como os sentimentos que nascem. Tormentos pânicos.

Domingo à noite. Bar da moda. A vaga. A onda que engolfa a juventude em seus largos braços e a domina. Copos sujos. Plink, plink. Cubos de gelo batendo delicadamente, deliciosamente no fundo de vidros transparentes como suas almas vermelhas de Campari. No arco-íris de roupas soltas como num varal enorme, Belmiro imagina suas vestes negras, contraponto trágico do mágico luzir de sorrisos. Dentes de acrílico, sorrisos metálicos, estalidos de explosões a gasolina. A cada esquina pulsa o impulso de sua luta. Belmiro observa o cerco fatal. O urbano desumano. Não há como fugir deste labirinto de ruas, de fugas. Que ele mesmo idealizara. Mas continuava, Amália. Ela outra vez na ciranda hostil do footing. O amor não o podia atrair. Mas uma malha colante desvia momentaneamente seus olhos. Não há como escapar daqueles olhos azuis. Corta.

Acende a luz. Fende a escuridão um facho tocha elétrica. Levanta as cobertas. As cortinas. Do espetáculo vida. Roboticamente lava-se, café fumegante, pão com manteiga, rua, corrida. Educação física. 6 da matina. No frio é fogo. Corre, pula, chuta. Lança, desgraçado. Risadas. Corpos suados, muitas pernas, a bola rolando. Fim. Deu o sinal. O sinal. Horas até o anoitecer novamente. Hoje é segunda. Dia de Feira. Gritos, bananas, barracas, maçãs, cebolas, tipos estranhos, bugigangas agitadas como a salvação do mundo, mais barato, menos caro, compre, leve, pesado, tumulto... corta.

Tlic, tlic, tlic. Pequenos pingos caindo dos cachorros do telhado. Cães ganindo no outro lado da cidade. Chuva fina e pegajosa aderindo aos corpos como feridas parasitas. Pára-quadras negros. Gotas d'água espicaçando cabeças desprotegidas. Despedaçados corações no coração da cidade. Pobres almas na lama drama maior da cidade. Andando sabe pra onde que destinos, a esmo no ermo urbano. Quem sabe que ermidas lhes dão abrigo no perigo urbano. Step. Step. Passos cadenciados ecoando. Uma sombra negra. A ronda pânica. Insânia. A semana insana voa como os séculos. Ponto. Meia Sete Zero. Excelsior. Cash Box. Seus olhos brilham frios como uma chapa Inox. Inoxidável. Inexorável o tempo. Corta.

A AEC cheia. Lua minguante. Suas músicas, cochichos, luxo, lixo, fatos, atos, sonhos. Uma ilha de sonhos coletivos.

NOVOS

Está no fim. O ato final. A brusca interrupção. Escuridão. Velas. Copos atirados do alto do balcão. Vidros estilhaçados, sonhos estilhaçados, pânico no palco, na pista, pânico à vista. Loucura coletiva. Súbito, retorna a energia, a calma, o sorriso. Mas Belmiro estava satisfeito. O início da noite fora calculado executado. Agora, o gran finale. Corta.

Saída. Fim de noite fim de festa. A retirada para o descanso do fútil. O útil no dia de amanhã. Duto sai com a namorada! Andando pela calçada, conversas de fim de noite, com o cansaço como uma adaga de aço a velar-lhes os olhos. Sós no caminho. Apressam o passo. Agora, alguém caminha perto deles, do outro lado da rua. Sós os seus passos e do transeunte. Ausente o medo, a inquietação. Até agora. O início. Quem será este? Um velho manco, não ligue não. Como não ligar com seus passos spleet spleet ressoando na spleetspleetspleet caixa acústica de spleetspleetspleetspleet seus ouvidos. Ressoando nas spleetspleetspleetspleet paredes da cidade. Mais rápido. Spleetspleetspleetspleetspleet. Acelerando. O coração, as pernas. De repente, o velho cruza a rua. Uaaaaaaahhh... grita, pula, mimeticamente um dançarino louco saltador. Duto coloca comicamente heroicamente a namorada à sua frente. Não vem não... em vão. Pânico. O velho sai correndo, corre com uma gargalhada sinistra, histérica, esotérica. Deixa no eco um rastro de pânico. Duas almas apavoradas, trêmulas, apavoradas, trêmulas. Corta.

Bandeiras tremulando. Feriado. Hiato na cidade. Engalanada. Enganada. Desenganada. Bandeiras. Roupas nos varais. Agitando-se no burburinho, como se tivessem vida própria. Desfiles duplos. De saias. De uniformes. De sorrisos marciais. Rufar de tambores, de saltos altos. Belmiro circula, movimenta-se olhando despreocupadamente a farandóla barulhenta. Sobe em um banco branco de jardim para observar melhor. O solado no concreto. O solado no asfalto. Desce. Não desce. Desce. Corre, pega-pega. Mistura-se amalgama-se mais na confusão. Nunca se sabe quem está a seu lado no monturo urbano. Um cheiro de Crush. Um gosto de barro com chocolate na boca seca. Como uma seringueira a esvair-se em latex. Uma cabeleira loura. Amália. Perseguição não. Romaria. Te adoro. Adoro-adoro os seus adornos, os cabelos d'oro, adoro.

Cuidado. Não perca a linha. A cabeça. O pânico. Devaneio. Devagar. A garagem suja, jornais espalhados no chão. Por que não o pânico? O fogo. Fogo FOOGG... (Ratatatatatatata). A água, baldes debatendo-se. Chuuaáááá. Você evitou um incêndio, meu jovem. Muito bem, não sei como agradecer-lhe. Ironia. Sarcástico. Belmiro recebia elogios. A loucura. (Como Erasmo). Apitos de trem ao longe. Longínquo horizonte. Onde se põe o Sol. Mogiana. Como pequenas estações e suas luzes bruxuleantes perdidas em remoto passado. Mas, hora de levantar. Time to get up. Aula de inglês. Por que não nascer falando esperanto? Esperança. Uivos de cães debaixo de sua jaula. A janela da cidade. O zoo. Zoom. Pra aula. 4 horas ininterruptas de bobagens proferidas em tom solene coloquial antigo co-

lonial. Os professores têm o dom de engolir saliva e tempo at the same time. O time do colégio ganhou mais um troféu. Entregas, comendas, recomendações, medalha, gravatas, festas, folias, discursos no decurso normal da solene solenidade. Folgar aula pra ver isso? Mas, Lui, é preferível ver isso do que verbos transitivos diretos, análise sintática, eletrostática, sintetizar amoníaco. Ou não? Sintonizar a Excelsior é mais fácil. Som com ruído, estática. A nova estética. Gil, Veloso, Caetano, Gal, Gilberto, João, Jobim, dá o tom, tropical, tropicália, aquele tempo bom, eu, você, nós dois já temos um passado. Corta essa. A bossa a fossa a nossa grande dor. Silêncio, estou gravando. Gravando a solidão em derredor, vigiando o corredor. A dor de ser só. Preciso aprender a só ser. A ser só. Corta. Ei, esse barulho. Desliga, desliga. Vai pra pqp, como queríamos demonstrar. Tup. Cuspida. O carro em movimento. Cimento fresco na calçada. Em frente ao Franca do Imperador. A dor solitária. Amália. Surpresa na curva da esquina. O novo a cada curva. Suas curvas ondulantes. Oi. Só. Nada tem a dizer. A fala perdeu-se nas profundezas de algum canto. A língua é sânscrito para seus ouvidos. Não articula os movimentos, os braços pendentes como o pêndulo de um relógio sem corda. A corda. Ela fala. Cuidado, a bicicleta. Cai no mundo. Desaba, melhor dizendo. Acorda. Consegue algo. Onde vai a estas horas? Não, que bobagem, falta de imaginação. Luta para movimentar os lábios, a boca seca (um-beijoumbeijo). Fala, fala, fala. As palavras já se articulam com um vazio como as palavras vazias que sua boca vazia emite. Naquela noite nem dorme direito. Dias calmos se sucedem definitivamente. Dias pânicos se transmitem indefinidamente. Cine Odeon. Filme de guerra, explosões, tiros, ribombar. Belmiro bem agachado, espremido na pseudo-poltrona. Encolhido como uma cobra à espreita para dar o bote fatal.

Aquelas cabeças enormes e coloridas se mexem sem sentido aparente lá na frente. De repente, explode na escuridão. O alarm. Fogo, fogo, fogo. O pânico. Se alastra como as águas de comportas arrebetadas.

Arrebetada, a multidão se agita, ondulada, explosiva. Gritos histéricos num dia histórico. Pânico, o pânico. Arrabal tinha razão. Saltos sobre cadeiras espatifadas, vidros estilhaçados, ruídos estapa-fúrdios na barafunda humana. Até que o silêncio desceu. A paz venceu. Naquela noite, apenas um não voltou para casa, estirado para sempre naquela lápide de tacos e poltronas destroçadas. Belmiro.

DONA CLÔ
Ganymedes José

Dona Clô fechou o surrado paletozinho de lã e fungou. Friagem besta! Os jornais anunciavam mais setenta e duas horas de agonia. Depois, era possível que a onda de frio argentina se desviasse para o Atlântico. Presente de grego! Por

acaso o Brasil tinha mania de enviar ondas para os argentinos?

Coçou a cabeça. Tininha e o Alfredo haviam saído com as crianças para visitar a madrinha Lurdes. Sem os molecas a casa se tornava refrigerio dos anjos. E por sentir um indiscreto ventinho Dona Clô foi correr as cortinas das janelas que davam para a rua. Ao puxar a juta, virou a cara. Dulcinéia não batia o pó, e a poeira fina comichava o nariz da velha. Alergia no duro. Por isso, odiava cortinas.

— Atchim!

Os olhos se avermelharam. Dona Clô já ia proferindo uma irreverência, porém a atenção foi apanhada por um carro parando, em frente. Forçou a vista para ouvir melhor. Quantas vezes já não tinha estado de tocaia naquele mesmo posto-de-escuta e tinha descoberto cada podre...? Vizinhaça sem-vergonha estava ali! O mundo andava perdido pela falta de caráter dos maridos, das mulheres, dos filhos e até das empregadas. Graças a Deus, a Tininha sempre tinha sido moça de família, casamento de cabeça erguida, trinta e cinco anos, véu e grinalda, etc. etc.

O motor funcionava. A orelha de Dona Clô tinha o carisma da elasticidade, porém o ronco do motor não deixava entender direito. Maldição. Tinha de ficar com esclerose nos órgãos escutadores? Será de quem falavam? Sabia lá! De repente, a porta se abriu. Alguém descia — um homem — e as informações tornaram-se mais audíveis:

- ... enterro?
- Que nada! Casa-men-to!
- De quem?
- A Umbelina.
- Pô, a Umbelina nem tem dezoito!
- Uma reticência venenosa.
- E... precisa???

Dona Clô mordeu a unha até sangrar.

— Casamento, sim. Tá cheio de gente festando.

A porta do carro se fechou, despediram-se, foi embora. O cheiro da gasolina subiu às vendas de Dona Clô para lidar com as implicações do fígado. Porém Dona Clô não estava para os melindres viscerais. Franziu a testa. Que diabo de casamento? Não tinha nenhum no programa. Durante o dia não tinha farejado nenhum movimento extraordinário, e a Dulcinéia (a empregada) nem se dera ao luxo de abrir a boca. Ah, bobagem, se fosse sair casamento, todo mundo ficava sabendo! De mais a mais, oito da noite (ou por aí), qual é o maluco que se casa a tal hora? O padre era o primeiro a berrar que não fazia casamento depois das seis...

Saiu da saleta. A ruga da testa se aprofundou. Tossiu. Tosse de poeira fina. O peito doía. Na noite anterior havia friccionado com óleo de capivara, remédio quente e porrete para expectorar. A "caixa" andava tão atacada que não havia chá de alfavaca + açúcar queimado + dente de alho que fizesse efeito. Agora, outro mal-estar latejando: Umbelina? Casamento? A loirinha de olhos maiores que a cara? Não era possível! Umbelina comungava todos os domingos, namorava na rua principal, usava fita da igreja...

Marchou para a copa. Bombom, a cadelinha, fez festas. Dona Clô odiava distrações quando se punha em transe, por isso rosnou com a cachorra. Tamborilando os dedos secos na mesa, repetia:

— Não pode ser! Ela é mocinha direita!

Mas a dúvida continuava alfinetando-a. — E... a Candinha da Cornélia também era de comungar sempre. E, quando o pessoal abriu os olhos, não era barriga de gordura...

Dona Clô correu ao quarto dos fundos onde dormia em cama de solteira desde a viuvez. Bombom, atrás e dando pulinhos. Abriu o guarda-roupa, retirou o capote de astracã do tempo de mocinha, se espremeu nele, fechou o cocuruto com uma flanela que também servia para esquentar os pés. Revirou um coice:

— Passa, cadela chata!

No alpendre estava um gelo. Dona Clô cobriu o nariz antes de metê-lo no tempo. Tinha esperanças que alguma alma caridosa aparecesse para trazer informações, mas qual, a rua estava um deserto! Dona Clô ficou dura de raiva. Desde que tinha vindo morar ali, sempre implicava que o marido havia escolhido um ponto pouquíssimo movimentado e ali estava a comprovação! Ele prometia que prometia. Acabou morrendo sem cumprir.

— Raios! — e fechou melhor a gola do astracã. — Agora, me toca a andar...

Para azar dos azares, a luz do poste ainda estava queimada. Quem ia enxergar um vulto preto e escondido atrás do vaso de samambaias?

Se o pão-duro do genro tivesse comprado um telefone!

Na calçada da frente, três casas para cima, o bar da Mafalda. Uma sindicância era inevitável, só dois passos curtos, o quentume do óleo de capivara não ia lá brônquear por causa disso...

Apertou o improvisado fichu de flanela. Maldito prefeito que não mandava remover os entulhos da reforma da casa de cima do mês passado. Com o chuveiro tinha virado barro, e Dona Clô afundou o chinelo de lã.

O bar (antigo) tinha a cada porta um vaso com palmeirinha escarrada e cheia de tocos de cigarro. Dona Clô entrou como um relâmpago. Três cachaceiros se arrebatavam de rir. No balcão, em vez da Mafalda, o amigado dela. Ao dar de cara com a cara dele, Dona Clô se acaramujou. O indecente mediu-a de alto a baixo. Tremendamente desapontada, Dona Clô meteu as mãos nos bolsos e mordeu os beijos trêmulos:

— Me dá uma colher de fermento...

As piadas continuavam explodindo sem o menor respeito. O amigado da Mafalda fez o pacote. Dona Clô marcava passos com os pés. Umbelina morava na outra quadra, e Dona Clô não voltaria para casa sem deixar tudo em pratos limpos. O vendeiro tirou-a da concentração, estendeu o pacotinho que ela agarrou violentamente, enfiando-o no bolso sem ao menos mandar marcar na conta. Diabo!

Atravessou a rua, caminhou grudada ao muro, porém com passos lentos. Com que cara chegaria diante da Umbelina? Vestida daquele jeito? O que não haveriam de dizer? Talvez (pensava) chegasse com ares de inocência e dissesse: "Vocês estão precisando de alguma coisa?"

NOVOS

Não. Seria ridículo!

E a técnica da surpresa? "Nossa, será que errei de casa?"

Pior que a primeira. Nada do mundo justificaria o astracã do noivado na festa do casamento da outra.

Dona Clô parou na esquina. Ventava dos quatro pontos cardeais quase levantando-a. Janelas fechadíssimas. Ela batia os dentes, sentia ligeiras agulhadas nos ouvidos. Um casal agarradinho passou colado ao muro, os desaforentos quase tropeçaram nela, essa juventude não cede nem o canto para os mais velhos, que falta de educação!

Resoluta, marchou firmona. Fosse o que Deus quisesse!

Havia muitos carros parados diante da casa da Umbelina. Eles haviam até posto uma lâmpada pelo lado de fora, pois a iluminação pública era insuficiente. Dona Clô considerou um ultraje — casamento em tais circunstâncias e ainda descaradamente iluminado!

Escutou música. O cúmulo — um baile!? Os pais da Umbelina deviam ter perdido o resto da vergonha. Ah, fosse com a Tininha...!

Diminuiu os passos para apanhar detalhes. Lá do fundo, alguém gritou: "Viva os noivos!" Diante disso, Dona Clô não teve mais dúvidas: apertou o astracã e fechou a cara. Umbelina descarada! Umbelina de cara de anjo e alma de satanás! Umbelina hipócrita! Umbelina-Jesabel!

Arriscou um olho pelo vão da porta, quase caiu pela tontura que lhe sobreveio: a sala estava entupida de gente alegre e bebendo. Só então que Dona Clô sentiu inveja e despeito — afinal, ela não tinha sido convidada! E as famílias, tão unidas! Quando o finado Caldeira tinha morrido, Dona Clô chegou ao cúmulo de passar por cima dos pudores e ajudou a trocar a roupa do defunto. Bem feito, aquele era o modo de agradecer!

Mundo de cachorros!

Ressentidíssima, Dona Clô voltou para casa. Bombom ensaiou festinhas, mas levou um azedo pontapé com estribilho de nome feio.

Jogou-se na cadeira e manteve os olhos fixos no vazio.

Noite horrível! A friagem atacou-lhe a brônquite e, de patrocínio, brindou-a com um resfriado grátis. Doía a cabeça, ardia o nariz, a garganta, os ouvidos, os ossos. Emplastou o peito com mais óleo de capivara, pingou remédio nas ventas, enrolou as pernas em dois cobertores e, mesmo assim, o frio doía até no tutano.

Amanheceu que nem falava. Preocupada, Tininha mandou chamar o médico. A velha tremia que tremia mesmo afogada por quilos de cobertas. Tininha ajeitou o lençol debaixo do queixo febril. Tentava desanuviar o ambiente.

— A senhora soube da festa na casa dos Caldeira?

Dona Clô avermelhou-se, a temperatura subiu. Evitou comentários. Tininha afastou o cabelo da testa.

— Foi dia de Santo Antônio, e a Umbelina aproveitou para fazer um casamento caipira com quadrilha e tudo.

Dona Clô sentiu uma agulhada no fígado. Imediatamente, a boca se encheu com uma golfada amarga e verde. Sentiu a veia do pescoço engrossando quase para estourar. Mas não morreu. Com um gesto repentino, passou a mão no travesseiro, escondeu a cabeça debaixo e deixou a filha, muito desapontada, dando explicações para as paredes.

REGISTRO

TRABALHOS RECEBIDOS

Contos

- Ilma Ribeiro: "Um Arco Numa Cidade Marron";
 Luiz Fernando Emediato: "No Circo", "Os Ossos do Patriarca";
 Gilberto Jardineiro: "O Senhor, El-Rey", "A Noite Eterna";
 Reinério Luiz Moreira Simões: "A Ponte";
 Paulo Roberto da Trindade Veras: "Fragmentos Duma Quase-Viagem";
 Eduardo Sílvia Carboni: "Lembrança";
 Elesbão Novo: "A Espera", "O Braço";
 Paulo Amador: "Dois Olhos e Um Nariz, É Tudo que Temos", "Duas Historinhas de Safadeza", "As Asas do Morcego";
 Luiz José de Souza: "O Momento de Ilustrar Janelas";
 Jonas Dalbecchi: "Solilóquio na Hora do Lobo", "Memória Sem Nome";
 Décio Vioto: "Ação Habitual";
 Marcos Falchero Falleiros: "O Sorvete";
 Camões Ribeiro do Couto Filho: "Mafuá";
 Lúcia Regina de Sá: "Reflexo", "Placa", "Ficção da Carochinha";
 Francisco Martins da Silva Neto: "Carta n.º 3";
 Emmanuel Couto de Andrade: "O Molambo";
 Augusto Dourado: "Quatro Quartos de Conto";
 Fernando Antônio da Silva: "O Assasino Que Não Podia Ser Julgado";
 Renée Levi: "O Grão";
 Lauro Pedro Lima: "A Vidente", "Festa das Barracas";
 Antônio Couto: "Embaló", "Atitude";
 Allbag: "A Balança", "O Tribunal", "O Milagre Me Fez Vagabundo", "Jogador de Futebol", "Minúcia de Gente", "Destruidor de Livros", "O Mágico Errôneo", "Desorientado até a Morte", "Retrato de Formatura", "A Menina Branca";
 Manoel Alves Calixto: "Magda da Graça Aranha";
 Luiz R. Guedes: "A Volta do Capitão África";
 Wilcrisson Prado: "Catadores de Lixo";
 José Jackson Coelho Sampaio: "Duas Identidades Em Torno do Mesmo Objeto";
 Carlando Leite: "A Carta", "A Moça do Pardieiro", "Um Homem", "Quando a Noite É Mais Noite", "Esmeralda e o Mar", "As Vozes", "Prelúdio, Coral e Fuga", "A Moça com a Garrafa", "Solteirão";
 Marco Antônio Sales Fontes: "Exaltação à Paruche";
 Milton Vaz de Camargo Filho: "A Fonte da Vida";

Fernanda Teixeira Gurgel do Amaral: "Criança do Brejo";
 Marcos Abílio Domingues: "Amor Coca Cola", "Caminho Sem Volta";
 Márcia Maria Denser: "Amoral Holidays", "Deserto Miope", "Luz Vermelha", "Diário", "A Boneca Salomé";
 Octaviano J. Pereira: "Mr. Pinto";
 Francisco Sobreira Bezerra: "A Fábrica";
 Judith Grossmann: "Uma Recordação de Marquês";
 Heloísa Arraes: "Palavrório";
 Salomão Rovedo: "As Mil Marias";
 José Armando de Araújo Macedo: "Reconto: Cafarnaum das Imburanas";
 Renato Tadeu Chagas: "Nunca Mais Será a Mesma Coisa";
 Nilto Maciel: "Crônica do Derradeiro Dia da Guerra ao Livro em Fortaleza".

Poemas

Salomão Rovedo: "Esquadrão da Vida", "Submersão";
 Alceu Silva Santinho: "Deixa Rolar";
 Gabriel Nascente: "Exposição do Íntimo", "Passageiro", "Sabedoria Apátrida", "Da Construção do Novo Dia", "Canção da Rua", "Revelação Imprópria", "Condenação Maior", "Raiz da Fala", "Bilhete de Quem Ficou Sozinho Numa Noite de Natal";
 Sérgio Amaral Silva: "Abertura de Filme", "Presença", "Revelação";
 Reinério Luiz Moreira Simões: "Sou Poeta", "Circo/Lar", "João-brasil", "Saga do Sacrário";
 Antônio Carlos Ferreira da Rocha: "A Máquina", "O Mundo Passa";
 Elesbão Novo: "ArquivaDOR", "Um Tiro";
 Antônio Campos: "Sem Medo", "O Silêncio", "Alento", "... Não Pergunte, Pense", "Ouro Preto", "Sonho de Um Marujo";
 Gilberto Peres de Oliveira: "Argumento", "Carro de Boi", "A Casa Grande", "Cassarão";
 José Tadeu Marchese: "Reviravolta", "Ida", "Injusto", "Por Favor", "Revolução Segundo Alguns Panacas", "Escadas de Um Teatro";
 Joacir Tavares: "Sanção em Três Tempos", "Canto a Drummond (tentativa)", "Momento V", "Canção VI", "Paisagem Tropical", "Noturno da Fome", "Canção-Morena";
 Antônio Costa: "Saudade Mortal", "Decepção", "É Longe d'Aqui", "Meu Nome";
 De Viterbo: "Só Dó É que É", "Soneto da Decepção";
 Paulo Roberto de Trindade Veras: "E o Anjo Louco Gritou", "Cinelândia";
 Carlindo Leite: "Poema-1", "Poema-2", "Poema-3", "Poema-4", "Poema-5", "Poema-6", "Poema-7";
 Heloísa Arraes: "Sinal dos Tempos", "Eu Escrevo para as Minhas Gavetas", "Pendurada na Parede";
 Flávio Fleury: "Paisagem Urbana", "Anjo Exterminado";
 Eduardo Sívrio Carboni: "O Dia Escolhido";
 Sidnei Moreira Cruz: "Aye de Mocambo", "Alfa-Beta";
 Fred Williamns Coutinho Melo: "A Palavra", "O Grito", "A Guarda".

NOVOS

Júlio César Figueira, aluno das Faculdades Integradas Alcântara Machado, em São Paulo, confessa-se mais interessado em música pop do que em literatura: Bob Dylan é um dos seus ídolos. O londrinense Domingos Pellegrini Jr., também contista, publicou recentemente "Conversa Clara", poemas. O paulista Moracy Ribeiro do Val, bem sucedido empresário ("Secos & Molhados", meses antes da dissolução do grupo), volta à poesia, de que esteve afastado por muitos anos. Em 1971 Luiz Fernando Emediato obteve o 1.º lugar, categoria "estreador", prêmio revelação, no IV Concurso Nacional de Contos do Paraná; aqui, porém, aparece como poeta. Lúcia Afonso colaborava com o também mineiro Emediato na edição de "Silêncio", revista que não circula desde abril de 1975. Ricardo Alcântara só mandou o endereço e alguns poemas: ao que tudo indica nasceu mesmo em Fortaleza. Fernando Antônio da Silva, que se diz Inédito da Silva, é de Nova Era, interior de Minas.

GRAVES TUFOS DE ANGÚSTIA (SOLTOS NO AR) Júlio César Figueira

I

o vento sopra ao longe e o tolo não sabe o seu próprio caminho;
 eu cruço as ruas e não vejo os meus pés, e atrás dos muros
 um menino, com o seu estilingue, aponta para os ciscos de um
 [velho ninho.

II

a urbana máscara pendura-se em toda face,
 e eu olho com escárnio para os blocos da estrutura da base;
 os cães uivam para o fim do dia que se vai, enquanto as sombras
 [trazem a noite

III

com a lua de mel vêm muitas abelhas,
 e eu sei que a maçã não tem mais sua árvore;
 aqui a mãe chora, e lá o filho mira o revólver e o fogo
 enquanto os sujos sapatos do homem deitam, e ele dorme morto.

IV

(eu olho para trás, mas não sou o seu fã)
 o jovem menino brinca com a irmã no jardim enquanto as mãos
 [do jardineiro
 arrancam o inútil capim;
 e se eu fosse o silêncio da madre iria odiar-me e, depois, dançar
 pendurado pelo pescoço por ter enganado os dias verdes de moço.

V

sim, o gato tem sete vidas (mas você apenas uma)
 sim, e o homem tem a distância de todas as longas avenidas
 sim, e todo o campeão tem a sua sorte
 sim, e eu tenho apenas a segurança da minha morte.

VI

eu sei e você sabe que estamos somente a um passo,
 e sabemos bem que cada um carrega no pescoço o seu estreito
 [laço...
 (eu olho para trás, mas eu não sou o seu fã).

VII

sobem, sobem lentamente ao meu redor aqueles punhados de
 [tristeza,
 sobem, sobem lentamente ao meu redor aquela dura certeza e
 [aqueles graves tufos
 de angústia, soltos no ar pelas mãos do destino.
 (sim, e eu sou apenas um menino).

QUANDO MORREU MINHA VÓ...
Domingos Pellegrini Jr.

Quando morreu minha vó não desabou o mundo
nem as estrelas murcharam como laranjas
nos seus cabelos, vassoura negra.
Fios brancos costuravam aquela cabeleira
mas nem de velhice morreu minha vó,
foi das agulhas e tachos da canseira;
e entupiriam sua boca e olhos de terra
se uma enchente de lágrimas de capivaras
não subisse dos rios e inundasse as roças
e entrasse na sala e carregasse ela
vestida com uma chita de flores miúdas
como os pastos mais inúteis dos latifúndios.

UMA PEDRA É UMA PEDRA (É UMA PEDRA?)
Fernando Antônio da Silva

No meio da cabeça tem uma pedra.
Tem uma pedra no meio da cabeça.
De onde veio não sei. Talvez um meteorito. Talvez uma nova
[arma cósmica. Ou mesmo um transmissor camuflado.
Às vezes capto ondas vindas do cosmo. Mensagens
indecifráveis para meus gens.
No meio da cabeça
a pedra fez seu ninho.
Hoje é elemento integrante de meu corpo e ser.
Ou talvez eu é que seja um simples elemento da pedra.
Seja como for.
Hoje sou conhecido como
o Homem da Pedra.

O MEU PAIZ
Luiz Fernando Emediato

criança, ama com fé e raça
a terra em que nasceste. não verás
never-more-for-ever-lever
paiz como este.

o brasil merece
o teu amor inculto, imberbe
o teu olhar sepulto.

ama, com fé e orgulho
a terra em que jazeste.

nossos bosques are your life
your life, criança, em teu seio
amores mil.

ama, com vasto orgulho
a terra em que cresceste
jamais, jamais
never-never-lever-more
verás paiz como este.

like it! portanto
e por pouco
ou então o deixe
para os que sabem
e que possuem.

go! ou vá, é tudo o mesmo
ou não é, portanto
ou entretanto, não importa.

ou porta.
olha
olha o gol do teu ídolo negro
o teu deus, o teu consolo, o teu sorriso
o teu pobre sorriso cariado
diante do vídeo, do rádio
dia a dia a raiva indo
esvaindo o ódio
e a inércia

matando, antes que nasça
o teu grito de revolta.

o teu grito agora sem palavras
brasileiras
the words
importadas como o resto não se importa
não importa, afinal
teu sangue não importa
exporta.

SILÊNCIO
Lúcia Afonso

Vendo Silêncio na praça
à guisa de contra/tempo
todo roído de traça
de barganha e de trapaça
do medo pelas quebradas
corroídas das esquinas.

Tiro do bolso a palavra
só no momento oportuno
tiro o momento do bolso
tiro o bolso do momento
da mensagem minha boca
quebra-cabeça do tempo.

Mas meu silêncio na esquina
carrega um ranço de verso
intercalando um espaço
entre meu rosto e o universo
quando meu verbo for livre
e meu corpo relaxado
troco o silêncio na rua
por minha livre palavra.

na banca de sua esquina
o Silêncio consumido
na boca sem a semente
de seu grito cancelado
na cicatriz de seu tempo
na quadra de seu espaço.

NOVOS

COZINHANDO NO FOGO
Moracy Ribeiro do Val

I

Começou mal este prato
(ou este livro)
coloquei a máquina de escrever em cima
[do prato,
não pude digerir,
embaixo foi ridículo,
aí a dimensão do que escrevo
(na falta de outra dimensão ou paladar).

II

Parto do seguinte:
do começo, do parto,
quero conhecer,
depois explicar.
ou melhor, primeiro o animal pleno,
depois a decadência.
ou ainda melhor, primeiro o animal,
essência.

III

Como fazer no fogo tal vivência?
se só sei o fogo
e não basta.
tem que ter mais:
vivo animal
e os temperos naturais,
os verdes, óleo, cebolas,
os cheiros.
só não pode o inimigo, face terrível na
[noite,

olorrível
que não é vida a que resiste ao alho.
Pouco se me dá o que na panela vive.
se carne, com cebola e óleo, tudo bem,
se sal não falta, nada falta.
posso morrer assim e cozer bem.
e se coelho, melhor me fico;
se rã, me deito e pulo;
se frango, me aconchego e sofro;
codorna vôo nos quintais, chácaras,
[campos, horizontes...

e bezerro morro
boi, me enterro
touro, chifro os infernos.
centauro, escrevo, urro, minto
e me derramo em óleos vinhos corpos
tentando reaprender o que me esqueço.
tudo tão simples como um vôo
e tão difícil por não ser um pássaro.

IV

Como cozer o homem?
a carne parece boa
embora a queima
em que o produto se vê
não leve a isso.

Aí está ele inteiro, vivo,
são milhões as cabeças pelo ar
e pernas pernas pernas pelo chão.
tão longe de si, do chão
como o boi da lenda quer voar,
pobre ave na mira.

Como queimar um homem?
são achas espalhadas pela terra.
lenho difícil de abrasar
(melhor cozinhar).
A cabeça, esta se joga fora
como aos peixes destes anos,
sem coroa, espinhos, febres.

Agora, sem o veneno, é só agir
como se fosse mesmo peixe
ou caça (coelho, rã)
mas carregue bem no sal,
que um certo sabor doce
ainda enebria este parco animal.

V

Deixa queimar
mas só por dentro,
que é onde o sabor mora
e gosta do calor.
nas carnes ou o que for
assim despostos,
é sempre bom o de fora,
seja manteiga ou áurea,
desde que em brilho,
por.

Deixa queimar
não só o que dentro
fica, que é onde mora
a defesa da vida.
deixa a vida
(a que fora fica)
gozar e queimar
na mesma brasa erguida.

VI

Mas fujo destas tramas
mal urdidas da mente
e penso de volta
(não na vida
que continua
enquanto me perco)
mas nos pensamentos que fogem
do que queima
e é carne.

(meu alimento é só
um pouco mais de azeite
fogo baixo, menta,
água, sal.
no fogo, melhor
quem há (r) de?)

BAR LILÁS
Ricardo Alcântara

Quantas vezes o mesmo caminho.
A contínua violação dos sonhos
e um pavor oculto nas esquinas.
Solução preso na garganta.
As memórias fluindo amargas, tensas
como um grito perdido no escuro.
A ordem de fuga no portão de ferro
e o vazio que vem do aroma mofado
dos lírios e dos vômitos. No fundo,
a mesma porta azul do bar fechada
no interior de uma sombra.

Um pouco de cada essência em meu
silêncio e um pouco de minha
essência no silêncio magoado do muro.

Ao fundo, uma escada de ausentes
— Sangue em parede rósea —

LIVROS

BOA COLHEITA

Estamos numa época em que, a escrever romances, muitos romancistas preferem "meditar" sobre sua arte, quer dizer, escrever livros em que propõem a experimentação lúdica, o jogo de linguagem como saída para o gênero literário a que se dedicam. Embora consideremos que experimentação e jogo são muito mais modismos de uma época em que a liberdade de expressão é limitada (e não é bom, portanto, considerá-los o único remédio capaz de revitalizar a literatura), a crítica "estabelecida" não pensa da mesma forma: basta ver o modo como ela costuma abordar as obras dos nossos escritores: busca-se valorizar nelas, apenas, a preocupação como o chamado "êxtase da palavra".

Essa tendência da crítica se reflete, naturalmente, sobre a produção dos jovens escritores, leitores constantes, por dever de ofício, desses críticos e de suas recensões; e, a partir daí, a corrente se forma, com os primeiros, ainda que inconscientemente, pensando nos segundos ao escrever suas obras. É bom sentir que de vez em quando um elo da corrente se rompe: é quando surgem livros como "Zero", de Ignácio de Loyola, no qual a forma e a linguagem revolucionárias estão diretamente ligadas ao fato de que se trata de um livro revolucionário (não há vanguarda sem Vanguarda), ou como este *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, em que o raro nível de elaboração poética, constantemente procurado pelo autor, é apenas a forma pela qual ele optou para compor este incrível e estranho romance, e não seu objetivo maior.

Sobre o autor, estreante, a editora dá poucas informações: é paulista de Pindorama, mora em São Paulo, e desempenhou diversas atividades, inclusive o jornalismo. Qualquer curiosidade do leitor em relação a Raduan Nassar deve se satisfazer com isso. E curiosidade é o mínimo que sentimos em relação a esse autor, após ler seu livro. "*Lavoura Arcaica*", dizem ainda os editores, "vem inserir no quadro de nossas letras de ficção uma autêntica força renovadora". A partir de uma história mil vezes recontada, a — como ele mesmo diz numa nota explicativa — "remota parábola do filho pródigo", Raduan Nassar nos apresenta uma insólita e vigorosa abordagem dos laços de família, uma espécie de pastoral cujos elementos principais — "homem/natureza/amor" — se mesclam de modo a atingir o tom exato da tragédia. Um romance de estréia que revela um autor incrivelmente amadurecido e consciente do seu ofício, "*Lavoura Arcaica*" foi, no final do ano de tantos e bons livros brasileiros, ainda uma grata surpresa. (José Olympio, 193 páginas)

Aguinaldo Silva

OS DEMÔNIOS DE RAQUEL

Do sul nos chega Moacyr Scliar com sua novela *Os Deuses de Raquel*, última de uma trilogia de temas judaicos, composta por "A Guerra do Bom Fim" e "O Exército de um Homem Só". Segundo o próprio (Escrita n.º 3), este tríptico, temas que envolvem diásporas, maldições e provações de sua raça, encerra uma fase: são os velhos demônios, misticismos, que escritores de origem judaica têm exorcizado nestes séculos inutilmente. Tal qual Samuel Rawet, Scliar produz uma obra peculiar, muito densa e moderna, se bem que antagônica na respiração e no processo de criação. Rawet aspira um ar rarefeito, abstrato, frio como o hálito de um jogador de xadrez (parceiro que Cortázar transaria, se fosse convidado). Já Scliar é concreto na narração, ágil de reflexos, seco no corte e na descrição: temas definidos, abordagem direta, misturando realidade com fantasia (aliás, talvez a sua única concessão). Raquel tem o sexo e o erotismo naquela profundidade abismal que as mulheres de sua raça sabem possuir e manipular: alma e misticismo misturados com prazer; gotinhas de suor que descem do pescoço até os seios; dedos que conversam e disputam a primazia de masturbá-la; cachorros que adivinham os desejos inconfessáveis de Raquel. Scliar vai armando as situações paralelas com habilidade técnica, até desembocar no problema central da novela, talvez não apenas de Raquel mas de todos os judeus brasileiros; a areia movediça da sociedade multi-racial dos trópicos que vai absorvendo-os, e a decorrente lassidão que Jeová saberá (?) castigar. Apoiado no erotismo de Raquel, sem a programação de mercado em que Dalton Trevisan ultimamente se envolveu, há sangue, mortes, castigos, num circuito fechado de emoções tão peculiares e queridas aos judeus. Entretanto, como projeto, "*Os Deuses de Raquel*" pra mim é insatisfatório: produz a sensação estranha de estarmos viajando num carro mas só habilitados a ver a paisagem pelo espelho retrovisor. Tudo demora para sedimentar, apesar da velocidade da narrativa. Os personagens se movem pesadamente, com a cautela de protagonistas de romance alentado. Aliás, a novela realmente parece o esboço de um romance. Isso é insatisfatório para alguns, mas comprovadamente, devido ao domínio de Scliar, uma opção, um projeto e um caminho. Pra mim, entretanto, parece que Scliar (afinal não é médico?) aplica uma injeção oleosa com a técnica de vacinação em massa. (Expressão e Cultura, 125 págs.)

Astolfo Araújo

ODISSÉIA DE UM ROMEU

A história dos primeiros imigrantes italianos no Rio Grande do Sul serve como pretexto para uma espécie de Romeu e Julieta do século passado. O Romeu, que se chama Piero, segue como clandestino sua Lúcia para o Brasil. Aqui, na luta igual pela adaptação

à nova terra, as diferenças sociais se anulam permitindo finalmente a aproximação dos namorados. Um livro para crianças? Não parece. A Caminho do Sul é didático demais em tema e linguagem para prender o interesse de uma criança. Para adolescentes, talvez. Mas a geração dos 12 aos 16 anos já tem na televisão casos de amor dificultados por razões muito mais excitantes e mais atuais do que a proibição paterna. E com um desenrolar mais dinâmico do que a paciente espera pelo casamento, cheia de olhares amorosos e beijos na testa.

No fim, pode ser que Odette de Barros Mott, apesar da simplicidade do texto e da pouca pretensão literária, tenha escrito sem querer um livro mais para pessoas acima dos 40 do que para as abaixo de 14. É provável que algumas mães das "cocotas" de hoje viessem a se comover com a obediência da doce Lúcia de loiros cachos e com a persistência do honesto Piero. E quem sabe os avós da geração pop se identificassem mais com o clima religioso e ultra-familiar, cheio de respeito e amor filial, de frases de fé na Madona e piedosas orações de graças, que se repetem a cada três ou quatro páginas.

A história propriamente dita — verídica, ao que se sugere no começo — chega a ser bonita de tão singela: a dura viagem dos colonos, as saudades (lágrimas não faltam), o medo da região muito mais selvagem do que haviam imaginado, os primeiros trabalhos para amansar a terra que lhes daria a sobrevivência.

Mas o que empobrece o relato é a extrema distância em que ficaram os personagens e a dificuldade de dar vida à maioria das cenas. A tempestade no mar ou o cerco de índios, por exemplo, mal elaborados do ponto de vista narrativo, parecem estar ali por mero perfeccionismo histórico da autora. Não obtêm o suspense ou a emoção necessários e não envolvem facilmente o leitor. O que é ainda mais relevante se o leitor é criança: quando não é possível ao público infantil sentir mais de perto os personagens, identificar-se com a figura central, torcer pelo "mocinho" (ou mocinha), dificilmente a leitura prende o interesse.

Odette de Barros Mott se detém com mais vagar (e também aí a graça fica mais ao alcance dos adultos) nas cenas familiares de alegria, esperança, afeto, abraços de solidariedade, palavras de encorajamento, declarações de respeito e vai por aí afora. Sob esse ângulo, sim, ela tem o mérito de transmitir muito das tradições italianas, do temperamento de um povo. (Brasiliense, 102 págs.)

Maria Rita Kehl

PARAÍSO FEMININO

Valéria está na Bahia procurando material para um livro, através do qual pretende alcançar a paz do verdadeiro artista. Também está ali para transmitir às mulheres que encontra a nova filo-

sófia da mulher emancipada. Ou que se sente emancipada.

Esses dois fatores possibilitam a apreciação de uma vasta galeria de tipos e situações tipicamente femininas e ficamos sabendo que ainda há muitas mulheres enganadas pelos homens e que continuam afirmando as más intenções destes (crueldade, sem dúvida).

As mulheres podem ser divididas em três classes: aquelas que estão na fase pré-dilemática (ainda são objeto), as que vivem a incipiente independência feminina e por fim Valéria, que já superou estes estágios e agora divulga uma nova vida.

Parece conversa de universitária dentro de banheiro? Pode ser, se "Chagas, o Cabra", de Sulema Mendes, for reduzido aos diálogos "defesa de tese" que o recheiam. As personagens são "portavozes" e assim não convencem como pessoas inteiras: estão no livro como se fosse para cumprirem uma missão que lhes foi designada. Surgem, então, a moça que aborta, a intelectual, a insatisfeita sexualmente, a avoadada, a entediada, e assim ad infinitum.

E Valéria continua em sua peregrinação, defendendo a nova era que vai chegar para as mulheres. Mas no bate-papo, quem é que agüenta? ("A mulher-objeto caiu de moda, mas a mulher-ser-global é espécimen do futuro, ainda em gestação.") Conspiração da Globo? Alguma tese sinistra de McLuhan? Não se sabe.

Nas longas discussões acerca da nova presença da mulher e do papel da arte é que o interesse desaparece e a gente pula algumas páginas para tentar recuperar o dinamismo subjacente à narrativa. Pois, em relação à arte, é difícil aceitar a afirmação de que "o artista, espiritualmente, só é fiel a si mesmo e à Arte".

Ficando os personagens centrais ocupados pelas figuras femininas, cabe obviamente aos homens o papel de coadjuvantes. Mas mesmo assim eles não se portam bem, exceção feita a Chagas, o cabra, motivador da pesquisa, não só literária, como também de busca de sentido de vida que Valéria empreende ao vasculhar Salvador. Através do mestiço ela se encontra como artista e tem certeza de que vai escrever o seu livro. Mas a mulher Valéria, apesar dos bons resultados de suas racionalizações sobre os relacionamentos com o sexo oposto, ainda não tem tanta certeza do que é melhor.

"O que faz um livro realmente grande não é só o fato de ser bem escrito. Há obras perfeitas como construção literária, mas áridas e vazias de comunicabilidade". Valéria está assim indicando como deve ser feita a leitura do livro. E sugere bem, pois se algumas páginas são puladas para evitar digressões acerca de questões desgastadas, algumas páginas também podem ser retomadas para que a gente possa melhor apreciar a força e a vibração do livro. (Civilização Brasileira, 427 págs.)

Inimá Ferreira Simões

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Livros

Reinoldo Atem: "Eterna Primavera", contos; "Dia de Trabalho", poemas; Hugo de Almeida Souza: "Globo da Morte", contos; Lausimar Laus: "O Guarda-Rouga Alemão", contos; Moacyr Cirne: "Vanguarda: Um Projeto Semiológico", ensaio; Juvenille Pereira: "Poemas para Maria", poemas; Celso Japiassu: "A Região dos Mitos", poemas; Geraldo Dias da Cruz: "Armas do Tempo", poemas; Joaquim Branco: "Consumito", poemas-processos; Guanymedes José: "Viagem", infantil; Armando Freitas Filho: "De Corpo Presente", poemas; Nei Leandro de Castro: "Feira Livre";

Jornais e Revistas

"Dois": Blumenau, SC; "Silêncio", n.ºs 5 e 6: Belo Horizonte, MG; "Cogumelo Atômico": Brusque, SC; "Ordem do Universo": Brasília, DF; "Jornal da ABP": Rio de Janeiro, RJ.

INFORMAÇÃO

BELO HORIZONTE

1 — O Prêmio Guimarães Rosa dá Cr\$ 50 mil só para ficcionistas. Os poetas mineiros todo ano reclamam.

2 — Nova revista na praça, **Inéditos**, dirigida por Vladimir Luz. Entre os publicados, Wander Pirolí, Jaime do Prado Gouveia, Libério Neves, Pascoal Mota, Sérgio Sant'Anna e Adão Ventura, poetas e contistas mineiros.

3 — Ana Cecília de Carvalho (conto) e Henry Correa de Araújo (poesia) ganharam o concurso literário da Prefeitura de Belo Horizonte. Além dos Cr\$ 10 mil do prêmio, cada um terá seu livro editado.

4 — Benito Barreto ("Plataforma Vazia") está lançando o último romance da tetralogia "Os Guianas": Cafaia.

5 — A revista mexicana **El Cuento** acaba de publicar trabalhos de Jeferson Ribeiro de Andrade e Maria Lísia Correa de Araújo.

6 — Uma escola de inglês promoveu na capital mineira curso de "literatura nova" com a presença de contistas. Os poetas protestaram com faixas e cartazes. Um deles dizia: "É uma ficção esta prosa de literatura nova."

7 — A Academia Municipalista de Letras premiou Luiz Fernando Emediato e David de Carvalho em seu concurso anual de contos. Houve 20 menções honrosas.

8 — 1975 foi um ano movimentado para a literatura infantil, em Minas. Publicaram livros Celius Aulicus, André Carvalho, Lúcia Machado de Almeida, Wander Pirolí e Márcio Sampaio.

PORTO ALEGRE

9 — **QI-14**, de vários autores, foi a grande revelação da última feira do livro

em Porto Alegre: em 10 dias foram vendidos os três mil exemplares da 1.ª edição. "QI-14" é um livro inteligente, irreverente, agressivo, e de alto nível profissional. Sem apelações, sem efeitos fáceis, os 14 do QI (entre os quais, Edgar Vasques, Luiz Fernando Veríssimo, Canini, Fraga), vão levantando um a um os véus de uma sociedade poluída, violenta e repressiva."

10 — Dominga Jamardo estreia em livro com **Vozes Perdidas**, 64 poemas cuja temática gira em torno da perda de identidade.

11 — **Calendário do Medo** é o primeiro livro publicado por Carlos Carvalho, 2.º lugar no Concurso Nacional de Contos do Paraná, de 1974. "Dono de uma frase curta, direta, sem artifícios formais, consegue construir narrativas insólitas, de forte impacto emocional, muitas vezes atravessadas por um humor negro."

12 — O Ovo Apunhalado, de Caio Fernando Abreu, 1.º lugar no concurso de contos do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, em 1972, só está sendo lançado depois desse tempo, por complicações de ordem burocrática. "Caio é um escritor do mágico. Não do realismo mágico, mas do subjetivismo mágico. Sem dúvida o melhor escritor gaúcho da nova geração, em matéria de linguagem, sensibilidade, intuição."

13 — “Teia, livro de contos de vários autores editado em regime de cooperativa, foi a primeira tentativa porto-alegrense de uma edição pobre, semi-artesanal, do mesmo modo por que se transam o cinema super 8 e o teatro despojado. Dada a dificuldade de os novos terem acesso às grandes editoras, em crise permanente de capital de giro e imaginação — Teia foi a oportunidade ensejada por seus autores de terem um contato direto com o público. Liderados pelo já veterano Caio Fernando Abreu, os sete estreantes de Teia dão uma amostra da literatura jovem gaúcha, que vem sendo engavetada por absoluta carência de oportunidade. A falta de vivência profissional, aliás, se mostra em alguns textos mais ingênuos, mas com uma preocupação formal e estilística, ausente na geração dos anos 60. O resultado, apesar da heterogeneidade dos trabalhos, revelou-se muito positivo. Comercialmente: a 1.ª edição esgotou-se em poucas semanas. Literariamente: pela revelação de talentos individuais que — ao contrário dos proclamas apocalípticos do fim do livro — garantem a continuidade do processo literário e sua evolução.”

14 — “Uma miscelânea de crônicas, cartas abertas, contos e poemas, **Há Margem** é a continuação natural de Teia. É quase um manifesto da geração dos menores de 30 anos. Como dizem seus autores, “à margem (dos esquemas comerciais, da inteligentzia oficial) há margem (para criar, para viver, para contestar).”

O noticiário e as opiniões desta seção são de responsabilidade de Henry Correa de Araújo (Belo Horizonte) e Tânia Jarmardo Faillace (Porto Alegre).

**A VARINHA
DO CAAPORA
É MÁGICA
MAS NÃO
FAZ TUDO
SOZINHA**



O MENINO QUE PROVOCOU UMA INTRIGA INTERNACIONAL

**Novo suspense de Paul Gallico,
autor do grande best-seller
AVENTURA DO POSEIDON**



OS CHANTAGISTAS

Melhor suspense policial do ano

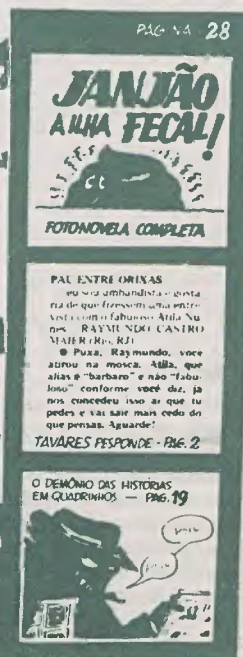
PASQUIM

Ano. VII - Nº 342 - Rio, de 16 a 22/1/76 - Cr\$ 5,00 - COMO DISSE ULISSES GUIMARÃES: 22



AS COCOTAS NÃO SÃO COMUNISTAS!

PAGINA - 8



JANEIRO DE 1978 N. 1

Cr\$ 12.00

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA

Marques Rebelo
Autran Dourado
Macedo Miranda
Jucerez Barroso
André de Figueiredo
Sônia Coutinho
Marina Colasanti
Caio Portfólio Carneiro
Tânia Jamardo Faillace
Eduardo Galeano
Roger Zelazny
Lima Barreto
Voltaire

Jaguar - Azeite - Fieção Fantástica - Concurso de Contos -
Resenha de Livros - Registro

JANEIRO DE 1978 N 1

Cr\$ 12.00

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA

Marques Rebelo
Autran Dourado
Macedo Miranda
Juarez Barroso
André de Figueiredo
Sônia Coutinho
Marina Colasanti
Celo Portfório Carneiro
Tânia Jamardo Foillace
Eduardo Galeano
Roger Zelazny
Lima Barreto
Voltaire

Jaguar - Azulay - Ficção Fantástica - Concurso de Contos -
Retenha de Livros - Registro

CARTAS

ESPÍRITO POLÊMICO

Acompanho a sua revista desde o primeiro número e Escrita tem melhorado, é evidente: mais matéria, mais informação. Noto que a revista tem um espírito polêmico, o que é bom, a julgar pelas resenhas de livros, onde um certo tom "jocosos" é conservado. Mas o espírito polêmico se formalizou neste terceiro número, quando o poeta Mário Chamie (poeta ou crítico?) se pronunciou a respeito de artigos dos grandes escritores Antônio Cândido e Assis Brasil. É claro que tentando derrubar a "auréola" de Antônio Cândido e chamando Assis Brasil de crítico modesto ou modesto crítico (há uma diferença razoável entre as duas expressões), o próprio Chamie se arvorou (mais uma vez) de Jeremias e carpideira de seu falecido movimento de poesia-praxis. E mais: autojulgou-se como um imodesto crítico (ou crítico imodesto?) e sua pompa discursiva chegou às raíais do ridículo. Tenho acompanhado, como leitor modesto (modesto mesmo), os movimentos da literatura brasileira mais nova, e sei — sabemos todos nós interessados — que o sr. Mário Chamie (que me perdoe não tê-lo chamado antes de sr. ou dr., ou sr. imodesto crítico) sempre se queima quando alguém diz que o concretismo é que é a verdadeira vanguarda brasileira e não faz referência sequer ao praxismo, como no caso o crítico Antônio Cândido. Ele chama o concretismo de "vanguarda velha", mas foi de lá que o sr. Chamie saiu. É aquela velha história de liderança. Outra coisa: quando o sr. Mário Chamie se refere ao II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado em Assis, SP, além de cometer o pecado da imodéstia, comete o pecado maior da desonestidade e da má fé. Décio Pignatari, na sua tese "Situação Atual da Poesia no Brasil", propugnava, não por uma volta ao verso, mas por um conteúdo mais político e interessado para a poesia concreta: eles queriam o "salto participante" e não abriam mão das pesquisas. Décio chamou de "pulo da onça" o salto participante e não "pulo para trás" como se referiu o sr. Chamie, naquela época, 1961, dissidente do grupo concretista, não sabemos se por crise de liderança ou se por alguma razão de ordem doméstica. Dois anos depois do Congresso de Assis, quando o sr. Chamie já liderava, com mão de ferro, o praxismo — todos os outros poetas desse movimento são acólitos do sr. Chamie — houve em Minas a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, quando poetas de todas as tendências — menos os praxistas — assinaram um comunicado defendendo uma "vanguarda participante". O movimento nacionalista de Minas, Tendência, mais concretistas e outros poetas fora de grupos ou "escolas", concordaram com a proposição maiakoviskiana: uma poesia revolucionária só pode ter uma forma revolucionária. O sr. Chamie e acólitos ficaram no seu canto porque já então não haveria possibilidade de uma liderança do pomposo poeta. Quanto à volta ao verso,

quem voltou mesmo foi o praxismo, basta uma olhada em qualquer um de seus poemas. Não interessa falar hoje em "signos de conexão" porque ontem ele falava em inter-signos ou linossigno e outras bobagens que a sua pompa exige para acalentar a auto-idolatria (ou será egomania?) do sr. Chamie. Vá com calma, irmão, deixe a foto na gaveta e não fale mais em "vanguarda nova" e "vanguarda velha", porque isso é pura bobagem, mesmo para um imodesto e truculento crítico.

Bem, sr. editor, é isso aí, não sei se afinal fui mais pomposo do que o beletista em epígrafe, mas certas coisas têm que ser esclarecidas para o leitor e creio que a sua revista é o melhor veículo. Receba um abraço de admiração do leitor constante. (Antônio José de Queiroz — Rio de Janeiro, RJ)

APOSTA CUSTOSA

Minha atitude é das mais normais, neste país do "miserê cultural": esperei sair três números para confiar no prosseguimento da Escrita (e eis um precioso duplo sentido). Da qualidade não duvidei, mas da ousadia, da louca teimosia em editar uma revista mensal de literatura, me perdoem a incredulidade. Isto porque venho de nem sei quantos grupos que montaram esquemas, publicaram coletivas-de-um-número-só, mendigaram mimeografias ao nível popular, frequentaram suplementos literários e esparsas antologias, e coisas afins. Repercussão? Deu certo para meia dúzia de bronzados bêbados de Ipanema (sinônimo de burguesia liberal, como diz o Nelson Werneck Sodré). A partir daí, resolvi adotar um pensamento chinês: se o cavalo ganha uma vez, sorte, se o cavalo ganha duas vezes, coincidência, se o cavalo ganha três vezes, aposte no cavalo. Troque cavalo por iniciativa literária — o que é páreo duro, sem trocadilhar — e entenda-se o meu propósito. Digo francamente: aposto em Escrita. (Reinério Luiz Moreira Simões — Rio de Janeiro, RJ)

QUADRO DE AVISOS

Aviso a Mário Chamie: Chico Buarque bebe mais tempestade. Capinam é companheiro de João Pedro Teixeira, campônês. Caetano Veloso berra pelos berros. Torquato vivo ou morto desafina o coro dos contentes. Aviso a A. Romano S.: Poesia Sobre Vida. Uma lição: "Viver a poesia é muito mais necessário e importante do que escrevê-la" (Murilo Mendes). Aviso aos "novos" publicados: Não se suicidem, rapazes. Outra lição: "O poema deve ser como a nódoa no brim" (Manuel Bandeira). Último aviso: "A volta à especialização. Filósofos fazendo filosofia, críticos, crítica, donas de casa tratando de cozinha." A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem" (Oswald de Andrade) se não... Um saque: o poeta é um inconveniente que plagia os silêncios alheios. (Durval Carvalho de Barros — Rio de Janeiro, RJ)

ERRADO E CERTO

Comentários que colhi de gente que já conhecia a revista ou que, pela primeira vez, estava tomando conhecimento: a)

unânime sobre apresentação gráfica: não encontrei ninguém que gostasse: pesadona, desequilibrada, mal diagramada, tipos miúdos, muito comportada, papel muito grosso, bom demais (o papel); b) preço: considerado alto com relação ao número de páginas; c) conteúdo: aqui as opiniões se dividem. Há quem ache que poderia ser mais jovem, menos acadêmico e que considere perda de tempo e espaço publicar autores mortos e/ou clássicos. E falei com pessoal de jornal, livro, desenhistas, diagramadores, colonistas — portanto não são opiniões leigas. Quanto a mim, considere a entrevista de Maria Rita com a sra. Dupré a melhor coisa do número (3). Maliciosa e, contudo, não opinativa. Contida e gozadora. Excelente. Parabéns à moça. Tem a malandragem necessária ao bom entrevistador propiciando que o próprio entrevistado se enrede sozinho. O que é uma necessidade para mostrar ao público certas monstruosidades culturais que passam discretamente e revelar toda a profunda má fé do bom-mocismo literário (nada de palavras, nada de sexo, nada de coisas feias, nada de pensamento negativo). É de se ler e guardar. Por outro lado, a polêmica do Mário Chamie me pareceu estéril, chata e pretensiosa. Três páginas de uma diatribe que poderia ser empolgante nos tempos de Tobias Barreto mas que hoje cheira a traça e mofo. E que, sinceramente, só pode afastar o público jovem (o que mais lê) da revista. Que esses senhores enfarpelados discutam numa sessão da Academia... Quantos aos contos publicados, lamentei que, com a única exceção de "Os Proletas", fossem todos do mesmo tipo, tratassem do mesmo assunto, do mesmo personagem e da mesma filosofia: a escravidão do trabalho burocrático, a esposa inapetível... Com os 57 contos recebidos não daria para fazer uma combinação mais variada? (Tânia Jamardo Faillace — Porto Alegre, RS)

TAMBÉM ERRAMOS

Meu conto "O Calor das Coisas", publicado em Escrita 4, saiu com erros. (Nelida Piñon — Rio de Janeiro, RJ)

Você tem razão, Nelida. Nós também temos problemas com revisores e gráficos. No 5.º parágrafo do conto, onde se lê "Acariciava o cabelo do filho, recorrem pelo peito do filho reconciliava um de cada vez, para descobrir quanto tempo ainda o teria na casa, incólume e protegido", leia-se: "Acariciava o cabelo do filho, recolhia alguns fios, no quarto repassava um de cada vez, para descobrir quando tempo ainda o teria na casa, incólume e protegido." E no penúltimo parágrafo, penúltimo período, leia-se: "E que esta voracidade verbal estivera ocupando-lhe o sangue por anos..." Na revista faltou a palavra "estivera".

A EXEMPLO DO JL

Primeiramente quero cumprimentá-los pelo sucesso que vêm conseguindo a revista Escrita. Ela chegou em boa hora e tenho certeza que, a exemplo do Jornal de Letras, fará um grande trabalho em prol da Literatura Brasileira. Parabéns! (Serafim Merrill — São Paulo, SP)

ROÇA CALÇADA

Ah, meu senhor, sua Escrita chegou-me pelas mãos de uma menina, estudante de 16 anos. Não foi adquirida aqui, Brasília, de largos horizontes, horizontal e chata, mas em São Paulo, a fumarenta. Viajou, endereçada pelas mãos de outra caloura de verdes anos. Minha manha foi um clarão. Condenação à crítica apressada, a nós próprios às vezes ininteligível, às rodinhas impositoras da verdade — a deles — aqueles mesmos que folheiam os nossos originais e dão o xeque-mate às já minguadas ilusões, ao empenho leal e sofredor de criar com um objetivo, uma esperança. Que lhes importa o batucar consciente, o criar e recriar com interior respeito, o pensamento, a mensagem? A eles soam melhor as cifras, hélas! o bom dinheirinho sonante. Aí está. Não me creia inconformada, sua Escrita fez-me bem, ajudou-me a conscientizar que nem tudo está perdido, nem estou revoltada, apenas paciente com tanta prudência capciosa, que, para manietar e desencorajar, lança à nossa pobre cara — uma maneira de violentar — o susto de Cr\$ 40.000,00 para o milhar de impressão. Aí, minha mais recente experiência. Há outras, até hilariantes. Findando fevereiro, deixarei esta roça calçada, rumo à minha serra Mantiqueira. De passagem por São Paulo lhe telefonarei, dando o endereço de meu rancho, nas altas paragens, onde tudo é real e azul, até a água que bebo, praza a Deus. Lá terei a sua revista. Muito obrigada pela manha que Escrita me proporcionou, ao invés do ainda inosso Jornal de Brasília, que carece de fermentos para crescer e agradar. Desejo-lhes sucesso, carinhosamente desejo que tudo lhes corra bem em 1976, e que joguem grosso contra o óbvio e o obvido. E até lá, na minha Paulicéia. (Cândida Ramos Villar — Brasília, DF)

LIMPINHA E GOSTOSA

Acredito ser inútil derramar-me em elogios à sua jóia de revista, o trabalho que deve dar para fazê-la limpinha e gostosa deve mantê-los conscientes do valor, etc. etc. (Guilherme W. M. Cruz — Salvador, BA)

NA SALA DE AULA

Na condição de professor de Literatura Brasileira e Editor do Suplemento Cultural do Jornal "Folha de Goiás", posso sentir e falar como que é importante o aparecimento da "Escrita" — revista de alto nível e realizada de forma bastante inteligente. Tenho inclusive comentado seus artigos em sala de aula, como também recomendado como leitura obrigatória para todos aqueles que pretendem conhecer as manifestações culturais da terra. Em meu nome e do poeta Aidenor Aires, co-editor do Espaço Cultural, e da União Brasileira de Escritores, seção Goiás, da qual fazemos parte como membros da diretoria, deixo aqui minha admiração e desejo de que em 76 essa revista possa ao menos repetir o que fez em 75. (Aidenor Aires e Alvaro Catelan — Goiânia, GO)

CANSEIRA

Primeiro quero dizer que a iniciativa de vocês é importante pra burro para começar um debate, para firmar algumas posições infelizmente não muito em voga atualmente. Estou à disposição de vocês para divulgar ainda mais a revista, mostrar pra gente daqui, dizer que a poesia ainda não foi enquadrada na pauta da vida como um bem supérfluo. Não sei se estou meio meloso, mas acontece que é noite pacas e estou com uma canseira dos diabos. (Raimundo C. Caruso — Florianópolis, SC)

DEGRAUS PARA A LUZ

Antes de tudo, quero felicitá-los pelo lançamento desta revista, que, tenho certeza, sem discriminações raciais ou sociais, servirá de degraus para a luz a muitos escritores, que, por falta de um competente veículo de informação, permanecem mergulhados nas trevas do esquecimento. (José Luiz Bernardo Passos — Belo Horizonte, MG)

ALGUÉM QUE SE LEMBRE

Por esta venho cumprimentar V. Sa. e colaboradores pelo extraordinário trabalho de divulgação cultural que vêm fazendo, sabe-se lá com que esforços, através dessa tão bem cuidada publicação. Principalmente, apreciei a seção de Novos, já que é disso mesmo que o Brasil precisa — alguém que se lembre de que existe alguém escrevendo alguma coisa neste momento, e que precisa ser lido — não importa se bom ou ruim, isso só se poderá saber se lhes derem uma oportunidade de mostrar o que estão fazendo. (Nicodemos Alves de Macedo — Presidente Prudente, SP)

MAIS E MAIS

Escrita é revista que nos anima a escrever mais e mais. A literatura nova, desconhecida, parece que encontrou o apoio e a força que tanto necessitava, para que pudesse ser divulgada. Escrita chegou no momento certo. Ela precisa ir à frente e melhorar cada vez mais. (Jaime Leitão Rodrigues — Rio Claro, SP)

DEBATE FECUNDO

Pequena opinião. Afora a matéria, especificamente literária, que Escrita publica, as entrevistas/depoimentos/críticas (Assis Brasil, Antônio Cândido, Mário Chamie, J. J. Veiga, Loyola, Scliar) provocam e produzem um debate fecundo e, portanto, de boas consequências para nós leitores e eventuais participantes diretos de Escrita. (Joacir Tavares — Fortaleza, CE)

DE PARABÉNS

Estão de parabéns todos os que fazem de Escrita a valiosa publicação cultural que é, sobretudo numa época em que se procura dar às letras papel secundário. Que Escrita tenha vida longa e que os números futuros sejam tão bons como os já lançados. Disponha sempre. (Caio Porfírio Carneiro, secretário de União Brasileira de Escritores — São Paulo, SP)

CLAMOROSA AUSÊNCIA

Parabéns pela Escrita. Era clamorosa a ausência de uma publicação como a sua, no Brasil. (Joanyr de Oliveira — Brasília, DF)

DESERTO MÍOPE

Fiquei extremamente feliz com a criação desta revista; é como um aceno de esperança luminosa nesse deserto míope. (Márcia Maria Denser — S. Paulo, SP)

OPORTUNIDADE

Em mãos o número 2 de sua excelente e oportuna revista literária. Não só pela qualidade, mas também pelo que de oportuno ela representa num momento em que publicações desse tipo tendem a rarear, cada vez mais, entre nós. Tenho feito a divulgação de Escrita entre amigos e junto aos meus alunos na Faculdade de Letras de Sete Lagoas. Continuem em frente e firme (Pascoal Motta — Belo Horizonte, MG)

QUEM SOU EU?

Ô de casa... Em primeiro lugar, quero parabenizá-los pela revista, que é a melhor no gênero (única?). Falhas? Falhas todas tem, mas quem sou eu para julgá-las? Para mim, o nível está muito bom. (Luiz Augusto Borges — S. Paulo, SP)

SEÇÃO-CALENDÁRIO

Sem dúvida alguma, Escrita é um marco na informação literária e na descoberta de novos valores em S. Paulo e no Brasil. Com todo esse entusiasmo com que exponho minha opinião, peço-lhe permissão para oferecer duas sugestões: 1) a criação de uma seção-calendário, com datas e informações sobre concursos literários no Brasil; 2) e a publicação de trechos ou as obras (em prosa ou verso) dos vencedores desses concursos. (Sérgio Gonçalves Pinto — Santos, SP)

APESAR DA SUBCULTURA

Creio que Escrita pode continuar por muitos anos, pois, apesar da subcultura, do analfabetismo, da baixa renda per capita, da televisão a sylvio santos, das dezesseis horas de trabalho diário, do pragmatismo, a literatura sobreviverá por uma necessidade quase que biológica. Pode também porque na minha opinião sincera Escrita é uma revista que, até o seu segundo número, merece permanecer (Nilton Maciel — Fortaleza, CE)

ENTRAVES CONJUNTURAIS

Não desconheço os entraves conjunturais que se apresentam para editar e manter uma revista assim bem elaborada como a de vocês. (Bismael B. Moraes — São Paulo, SP)

São muitos, acredite.

FAZENDO X

Em primeiro lugar vou dizer que tenho 24 anos. Portanto dois anos mais que o garoto de MT que disse "não" (Escrita 2). Portanto da mesma geração (será?), portanto deveríamos comparti-

lhar dos mesmos valores. Entretanto, se ele lhes disse não, digo eu "não" a ele e a sua pseudocomunicação vanguardista. (Ana Lagoa — Brasília, DF)

MENOS CRÍTICA

Creio que Escrita, uma revista moderna, de espírito aberto, criará novos vínculos entre a juventude e a literatura, que ultimamente, em detrimento de ambas as partes, andam tão brigadas. Não é necessário tão aguçado faro literário para anunciar que esta publicação — ímpar no gênero — cumprirá papel relevante: será uma espécie de vitrine, por onde passarão representativas obras da nossa vanguarda literária. Apenas uma restrição: menos ensaios/crítica e mais literatura propriamente dita. No mais, tudo bem: escritores/leitores/críticos e a própria literatura só têm a ganhar com esse mensário. (Wilcrisson Prado — Brasília, DF)

COISAS NA GAVETA

Diretor de jornal nesta cidade, li com satisfação Escrita, revista que estava faltando mesmo. Aproveito para uma consulta: tenho um romance publicado e também um livreto sobre os dias de revolução constitucionalista de 1932, nesta cidade. Tenho agora um original de novo romance e, se possível, gostaria de publicá-lo desde que mereça a necessária aprovação a que me submeteria, caso V. Sas. julguem plausível, razão desta minha consulta. (João Jorge — Amparo, SP)

Escrita, como o senhor sabe, só publica contos e poemas.

CLARA E AREJADA

Ao começar a comprar essa revista, ela já estava no n.º 3. Infelizmente não consegui o 1.º número. Se for possível, gostaria que a editora me mandasse, pois eu pretendo colecioná-la. É uma revistinha simples, despretensiosa e que trata de literatura de um modo claro e arejado. (José Pedro dos Santos — Caxias do Sul, RS)

Escrita 1 está seguindo por reembolso.

GRÁFICO/VISUAL

Quero elogiar sua revista, que me agradou bastante, especialmente — coisa rara em publicações literárias — pela excelente qualidade gráfico/visual. Isso causa imediatamente uma impressão muito favorável, o que é importante. (Regis A. D. Gonçalves — Belo Horizonte, MG)

PRIMAZIA À FALA

Votos de que Escrita continue concedendo primazia à fala devolvendo-nos a palavra original. (Helena S. N. — São Paulo, SP)

OS QUE ERRAM E OS QUE NÃO

Gostaria de saber se alguma coisa do que estou mandando possui qualidade suficiente para ser publicada nesta revista. Ótima revista, por sinal. Ainda mais agora que atesta seu inconformismo publicando os novos. Porque são os novos (de espírito) que gritam, que movimentam, que mudam os tempos. É claro, são também os que erram, mas erro maior é não

tentar qualquer que seja a mudança que se nos apresente necessária. (Paulo César da Rosa — Canoas, RS)

Seus poemas já estão sendo examinados.

ROMPENDO A BARREIRA

De repente resolvi romper uma barreira de inibição que me impedia de remeter essas tentativas de relatos (ou contos, seja lá como for) para publicações especializadas. Não que não tenha feito isso antes. Acontece que, ao ingressar no jornalismo, há quatro anos, perdi a empolgação que me fazia, aos 18 anos, escrever para tudo que era revista ou suplemento literário para ver meus escritos publicados. Tanto assim que, daquela época, ainda restam alguns recortes com material que consegui publicar em diversos jornais e revistas brasileiras (Suplemento Literário de Minas Gerais, por exemplo) e do exterior (Arbol de Fuego, Venezuela; Cartón de Poesía, Argentina). Consegui, ainda, reunir algumas premiações em diversos festivais — dois deles com prêmios relativamente gordos, financeiramente. (Héber Fonseca — Recife, PE)

DOTANDO O PAÍS

Parabéns pela iniciativa de dotar este país com mais uma revista literária, minorando um pouco a carência existente nesse setor. (Lothar F. Hessel — São Francisco de Paula, RS)

PURAMENTE COMERCIAIS

Finalmente vê-se publicado um trabalho realmente autêntico, coisa tão rara nos tempos atuais, onde é constante a proliferação de publicações inteiramente insossas, quase sempre atendendo a fins puramente comerciais. (Geraldo de Freitas Melo — Propriá, SE)

COBERTURA

Gostaria que informassem sobre concursos literários que se realizam no país, fornecendo, se possível, dados e datas de inscrições. Seria muito oportuno se dessem uma certa cobertura ao VII Concurso Nacional de Contos do Paraná. (Raul Toledo Oliveira — Fortaleza, CE)

Esperamos que seus organizadores venham dados sobre os concursos.

ALÉM DA RODOVIÁRIA

O ano finda e o que se anuncia, tenho certeza, confirmará a presença de Escrita nos lares daqueles que apreciam as boas coisas literárias, os escritos em geral. Muito obrigado pelo que de bom Escrita já nos deu e poderá dar. Onde posso procurar Escrita, a não ser na Rodoviária? (Mirian da Costa Loureiro — Rio de Janeiro, RJ)

A distribuição de Escrita é nacional. Tenha um pouco de paciência e procure-a também nas bancas do centro.

CRISIS

A revista poderá vir a ser tão importante, do ponto de vista artístico, e de grande domínio público, como o tem sido uma revista uruguaia semelhante, da qual

não me recordo o nome, fundada pelo escritor Eduardo Galeano... (Paulo Roberto da Trindade Vêras — Fortaleza, CE)

TER BOCA OUTRA VEZ

Sabe, não é ler, nem ser lido. É ter boca. Escrita é isso: é a gente ter boca outra vez. Ou uma vez. Não adianta perguntar quantos escrevem no território. Nem quantos lêem. Escrita é a folha branca à frente. E o estimulante desafio à criação. Mas o que importa é seguir navegando. Não deixem vazio de novo o vazio que Escrita preencheu. (Antônio Carlos Santini — Volta Redonda, RJ)

OBRIGADO

Receba meus parabéns por tão excelente e oportuna revista, extensivos a todos os que a dirigem e nela escrevem. (Pedro Ernesto de Souza Araújo — sem endereço)

MAUTNER E OS OUTROS

Ah, sobre a linha da revista: eu adoro Machado de Assis, Gregório de Matos e os outros. O que os senhores tem contra Jorge Mautner, Wally Sailormoon, Joel Macedo e outros escritores marginais? (Antônio Luis Lopes — Guarulhos, SP)

Nada.

A ESPERA

Esta é a 2.ª tentativa que faço no sentido de publicarem algum de meus poemas. Como não dei muito tempo, ignoro se a 1.ª remessa foi aprovada. Desculpem o bombardeio, mas sou teimoso e continuarei tentando. Desta vez são mais 4 poemas e oportunamente mandarei também um conto, que ainda estou selecionando. Ficarei aguardando os próximos números de Escrita com impaciência. Como perdi a de n.º 1 estou enviando um pedido acompanhado de vale postal no valor de Cr\$ 10,00; já que vocês não disseram o preço do n.º atrasado, calculei que seria o mesmo. Certo? A assinatura realmente fiquei tentada a fazer, mas preferi aguardar o resultado do exame dos poemas. Quem sabe consiga ganhá-la? Pode ser muita pretensão minha, mas tenho alguma esperança. E, no caso de não ser aceita ainda desta vez, farei a assinatura no começo do ano. Um recado pro Loyola (de "Zero"): obrigado pelas dicas sobre edição. Assustou bastante, mas não o suficiente para fazer a gente desistir. O mais importante foi a orientação dada. (Aglia S. Fonseca — Brasília, DF)

SONHO E REALIDADE

...afinal todos nós sonhamos com uma publicação um dia. Espero que essa revista vá... LONGE. (Milton Póvoas Jr. — São Vicente, SP)

PROVOCAÇÕES

Independente de quaisquer falhas (apenas como hipótese), qualquer iniciativa como a de vocês (que foi a primeira) merece todo o nosso apoio no Brasil de

hoje. Vocês provocaram. Agora agüentem as consequências: mando a vocês meus livros publicados por mim mesmo em tiragens reduzidíssimas, 150 exemplares cada um. "O livros de contos foi publicado em 1974 e teve a circulação apenas entre amigos e conhecidos. Não foi vendido. O livro de poemas foi publicado em 1975, nas mesmas condições do anterior. (Reinoldo Atem - Curitiba, PR)

ALEGRIAS DA FAMA

Vão desculpendo a demora. Quer dizer que os critérios de publicação estão no próprio escrito? Ótimo. Eu não acreditava. Abri, já nas banca de revistas o n.º 3 e deparei com o "Contista". Fiquei surpreso e contente e saí dali mesmo, de revista aberta, lendo-a pelo meio da rua. Quase fui atropelado. Sem puxar sardinha, e puxando, é fatal, declaro que a revista é merecedora dos maiores créditos, e que o trabalho dos senhores é limpo, aberto, e saudável. Uma barra pesada. Que o pobre de espírito seja digno da confiança que depositaram num autor (?), sem referências bibliográficas, sem trânsito nas republiquetas das letras, sem eira nem beira, são os meus votos. Muito bom o depoimento do Loyola. Democrática a publicação dos ressentimentos do Chamie. Enfim, uma revista democrática. Acredito em vocês. (Uraniano Mota de Santana — Recife, PE)

CABO ELEITORAL

Li, devorei, os dois primeiros números de Escrita. Neste marasmo intelectual em que vivemos, uma revista séria, sem grandiloquência de páginas supercoloridas, é uma facada nesta serosa que nos envolve, escritores novos. Assim, rejubei-me com o convite para que contistas e poetas novos venham colaborar com ela. Seguem três poemets: *Miscigenação*, *O Corte Epistemológico* e *Quadro*, mais o conto *Quebra-Vento*. A sugestão em Pauta, visando um maior estímulo ao autor brasileiro, é para o Wladyr Nader receber assim o Nobel de Brasilidade. Políticos brasileiros, uni-vos! É tempo de transformar em lei a idéia do editor de Escrita. Deputado que mandar bala na lei pode mandar folheto para mim, que viro cabo eleitoral de comício em praça pública. Gostaria de assinar a revista. Já se pode fazer assinatura? Aqui em Taubaté somente uma agência vende Escrita, numa cidade de 150 mil habitantes, uma universidade, 60 mil eleitores, umas 50 bancas de jornais. Dizem os jornalheiros que esta revista é daquelas que não dão lucro, não se vendem. E se esta agência que vende pára? Vou comprar aonde? A assinatura seria uma garantia de boa leitura. (Camões Filho — Taubaté, SP)

(Antônio do Nascimento Filho — Belém, PA)

Na verdade, Escrita sai nos primeiros dias do mês em São Paulo e Rio. Nos demais Estados chega sempre com um atraso que pode variar de 3 a 15 dias. Se a falta de regularidade na entrega for confirmada, avise-nos, por favor.

NÃO TÃO FRÁGEIS

Rogo ao Deus das Alturas, que está sempre conosco, abençoe copiosamente esse empreendimento para que logre grande número de assinantes. Ainda não tenho o prazer (literário) de conhecer a revista. Contem sempre com meus frágeis préstimos. (Padre Arno Antonitsch — Canoas, RS)

SOCO NA OMISSÃO

Meu caro Wladyr. É bom saber que ainda existem homens que acreditam na literatura e que lutam para que ela não desapareça. Você é um batalhador, um irmão, um cara a quem a gente pode oferecer um café e chamar compadre, deferência maior de matuto nordestino. Sua (nossa) revista está muito boa: aberta, simples, honesta. É pena que não chegue regularmente à província... Escrita é um soco na omissão; vale os dez "bagarotes". Aqui temos um magro suplemento literário — Caderno de Divulgação Cultural — que também "briga" pela literatura brasileira. (Cineas Santos — Teresina, PI)

A Metal Leve S/A., a maior fábrica de pistões, pinos, bronzinas e buchas da América Latina, atende diretamente à toda a indústria automotiva brasileira e assegura o fornecimento de peças para o mercado de reposição através de ampla rede de distribuidores no país. Seus produtos são também exportados para os Estados Unidos, América Latina, Europa e África.

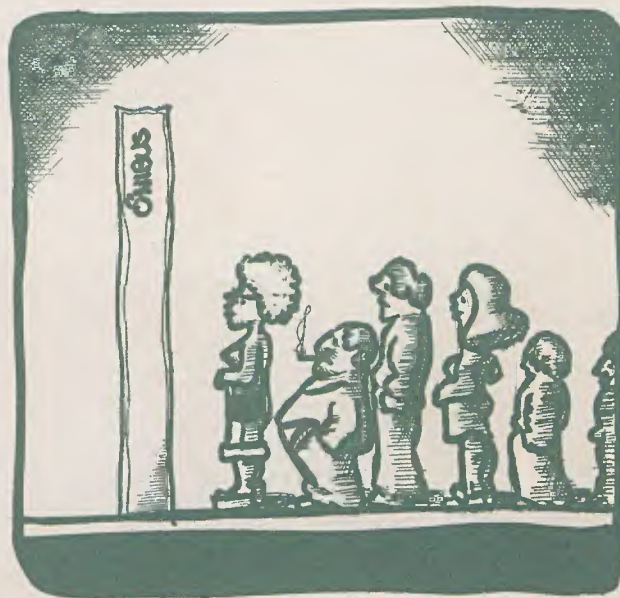
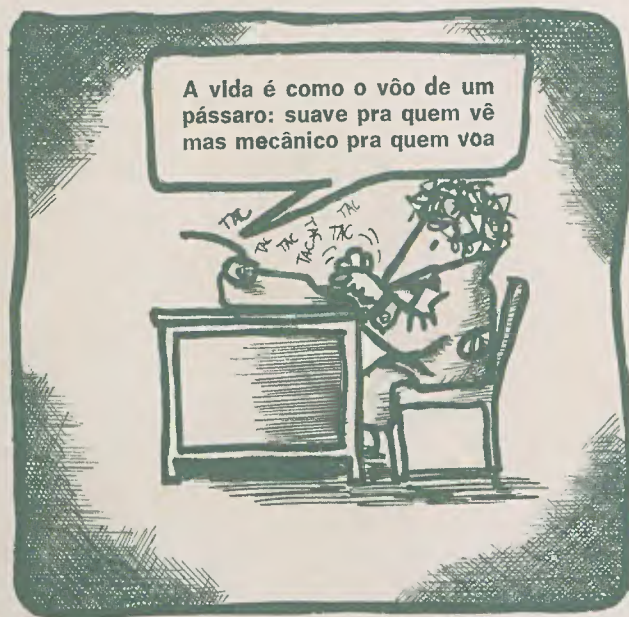
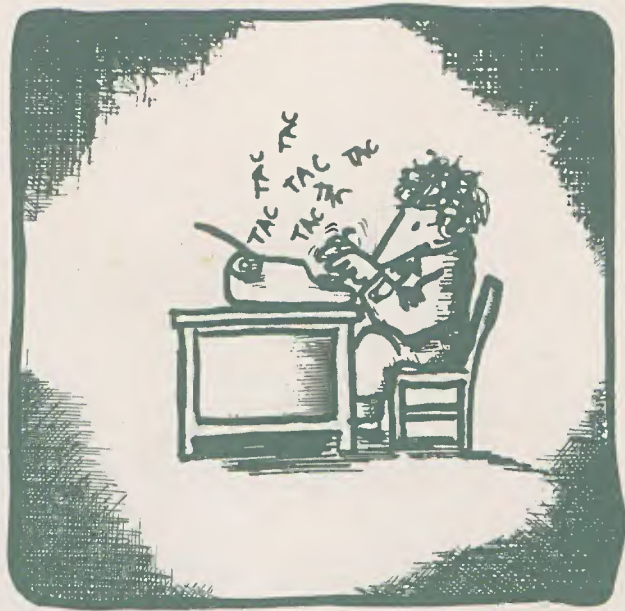
Para produzir pistões de aviação, a Metal Leve obteve a homologação da FAA (Federal Aviation Administration), órgão do governo norte americano responsável pela segurança de voo nos Estados Unidos.

Tendo como meta a constante atualização e sofisticação de produtos, a Metal Leve utiliza os mais avançados processos de fabricação, garantindo peças de 1ª qualidade para todo o mercado consumidor.

METAL LEVE
s.a. indústria e comércio



Rua Brasília Luz nº 535 - 04746 São Paulo, SP. - Fone: 241-0011
Correspondência: Caixa Postal 6567 - 01000 São Paulo, SP.
Telegramas: METALEVE São Paulo - Telex: 011-21798 LEVE



Passe o ano mais puxado de sua vida conosco.

Pense bem. Por que é que a gente precisa fazer cursinho?

Porque os exames vestibulares são uma maratona. Porque as vagas são poucas e as boas vagas mais raras ainda. Porque preparação para vestibular pega a gente naquela fase da vida em que as tentações aparecem de todos os lados. E por todos os outros porquês.

1976 é a sua hora de vencer tudo isso.

Prá começar, mandando um solene adios muchachos para a sombra-e-água-fresca. Porque vai ser tempo de trocar o chopinho por um copo de leite. De perder aquela "apresentação internacional e única" porque é dia de simulado.

Olha, que vai ser duro, vai.

No Equipe você vai se manter em regime de concentração. Vai ter que estudar 273 dias, incluindo 37 fins de semana e 3 feriados de quebra.

Mas também vai ter o apoio de uma equipe que acredita em você. E sabe que no fim do ano, se você não sair da linha, vai estar na faculdade que você escolheu.

O Equipe prepara você em profundidade para enfrentar as armadilhas do vestibular, sem limitar sua cuca.

Se você entendeu a diferença, sabe porque vai escolher o Equipe, apesar de ser o curso mais caro de São Paulo.



Equipe Vestibulares põe você na faculdade.

Rua Martiniano de Carvalho, 156, fones 289-2709 e 289-2008.
Abertas as inscrições para bolsas:
CESCEM, CESCEA e MAPOFEI.



sexu

